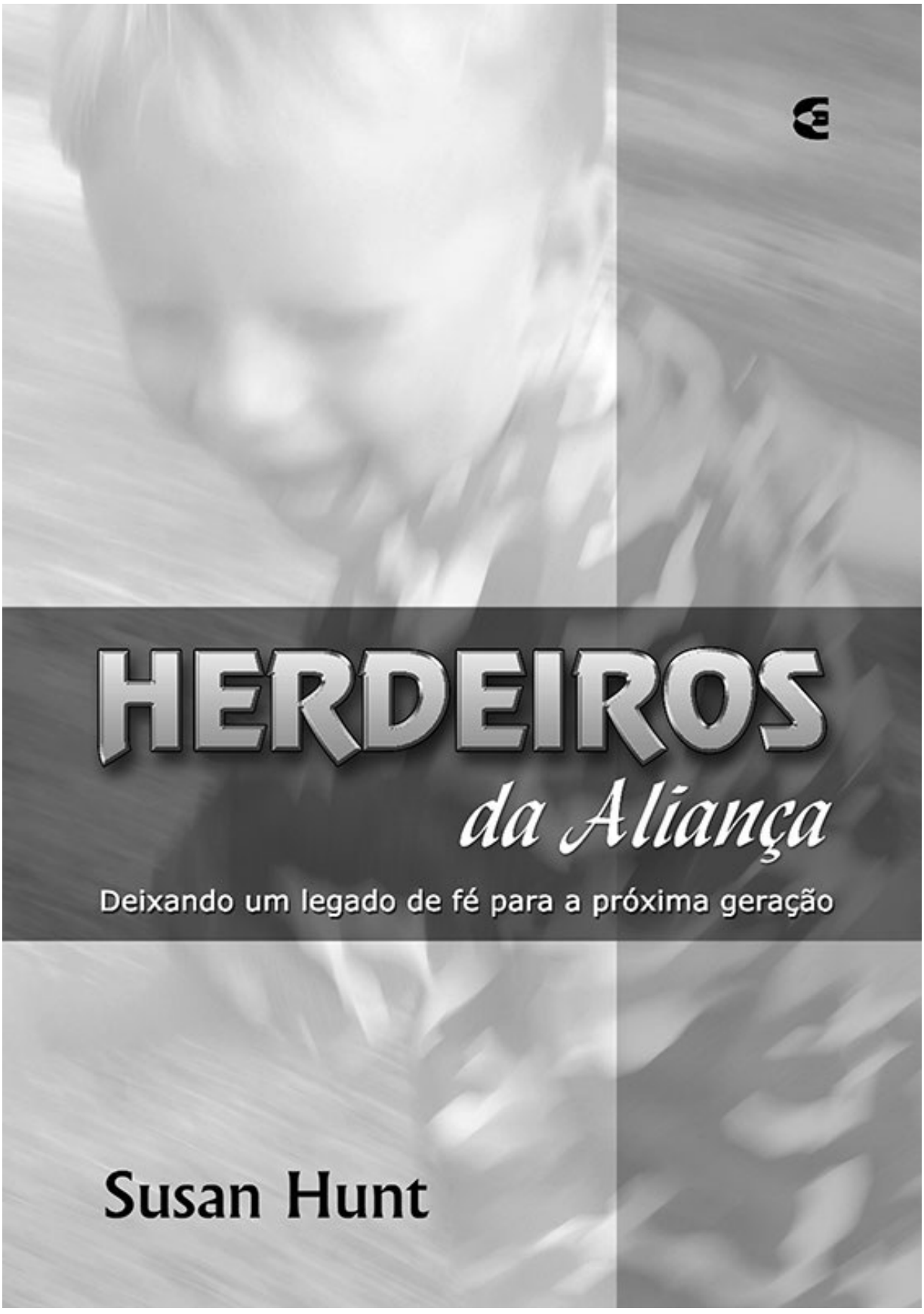

HERDEIROS
da Aliança
Deixando um legado de fé para a próxima geração
Susan Hunt


HERDEIROS
da Aliança
Deixando um legado de fé para a próxima geração
Susan Hunt


HERDEIROS
da Aliança
Deixando um legado de fé para a próxima geração
Susan Hunt

Herdeiros da Aliança

Susan Hunt

Herdeiros da Aliança © 2008 Editora Cultura Cristã. Traduzido de Heirs of the Covenant © 1998 by Susan Hunt, publicado por Crossway Books, uma divisão de Good News Publishers. Wheaton, Illinois 60187, USA. Edição em português autorizada por Good News Publishers. Todos os direitos são reservados.

1ª edição, 2008

Conselho Editorial Cláudio Marra (Presidente) Christian Brially Tavares de Mede

H9391h

37 Hunt, Susan

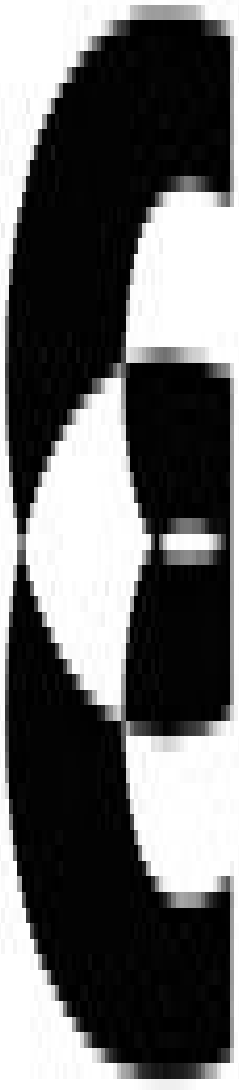
Herdeiros da Aliança / Susan Hunt, tradução de Heloisa Cavallari R. Martins — São Paulo: Cultura Cristã, 2007

Recurso eletrônico (ePub)

Tradução de: Heirs of the Convenant

ISBN 978-65-5989-180-1

1. Educação – Filhos I. Titulo



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – Cambuci

01540-040 – São Paulo – SP – Brasil

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Clodoaldo Waldemar Furlan

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra



Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Introdução

1 O conteúdo da aliança

2 O contexto da aliança

3 O livro da aliança

4 Lar e igreja

5 Uma estratégia pactual para o crescimento da igreja

6 Ensinando no contexto da aliança

7 Uma estratégia para a educação cristã

8 A comunidade e seus integrantes

9 Pela coroa e aliança de Cristo

Notas



Dedicatória

Meu marido, Gene, ensina-me o conteúdo da aliança no contexto de um amor pactual. Este livro pertence a nós dois. Juntos, nós o dedicamos aos:

Nossos filhos e filhos em amor,

Richie Hunt

Dean Barriault

Scott Coley

Louvando a Deus pela sua graça em ação em cada um deles e com gratidão a eles por ensinarem aos nossos netos o conteúdo da aliança no contexto do amor pactual.

Saberás, pois, que o Senhor, teu Deus, é Deus,

o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam

e cumprem os seus mandamentos.

Deuteronômio 7.9



Agradecimentos

É totalmente desconcertante ter o seu nome na capa de um livro que você sente que não escreveu. Em primeiro lugar, este livro vem de Deus e foi escrito para ele. Em segundo lugar, ele mesmo enviou muitos servos fiéis à aliança que me cercaram com conhecimento, capacidade, incentivo e amor. Seus nomes deveriam figurar na capa deste livro. Posso apenas mencionar alguns deles, mas a minha profunda apreciação é dirigida a todos.

Dennis Bennet, Sharon Betters, Lynn Brookside, Allen Curry, Charles Dunahoo, George e Karen Grant, Sue Jakes, Tom e Jane Patete, Paul e Georgia Settle e Barbara Thompson leram os capítulos, compartilharam sua experiência e sabedoria e permitiram que eu recebesse os créditos pelas suas idéias.

O grupo de estudos bíblicos da classe de senhoras da Escola Dominical da Igreja Presbiteriana Midway, que se reunia às terças-feiras, merece uma medalha de ouro pela sua paciência. Elas me ouviram tagarelar até que os meus pensamentos se tornassem claros, fizeram perguntas que me levaram a pensar com maior precisão, incentivaram-me, envolveram-me com amor e oraram por mim.

Os homens e mulheres que escreveram as histórias que iniciam cada capítulo, e aqueles a respeito de quem essas histórias foram escritas, dão vitalidade a este livro. Sinto-me abençoada por elas e creio que isso será verdadeiro para você também.

Gene, nossos filhos, nossos netos e minha mãe diariamente demonstram o esplendor da fidelidade da aliança de Deus para com as famílias. Eles são a razão e o conteúdo deste livro... eles são a “minha alegria e coroa” (Fp. 4.1).



Prefácio

Cornelius Van Till escreveu: “Na aliança e na noção da criação encontramos uma ordenança divina para a instrução. O nosso programa instrucional comprometido com a noção da aliança está baseado no conceito da criação e essa noção da criação está, por sua vez, fundamentada no nosso conceito de Deus. E quanto ao nosso conceito de Deus, nós nos apegamos a ele não como um luxo moral ou mental, mas como a própria fundamentação da estrutura da nossa experiência humana”.1 Essa afirmação reforça a importância deste livro.

Grande parte da estrutura individualista do nosso mundo ocidental não reconhece a validade do esforço de treinamento, instrução e qualificação em seu sentido comunitário mais amplo. Isso é verdadeiro até mesmo na comunidade cristã. A instrução verdadeira, essencial e duradoura é a instrução cristã. Ela ensina a verdade de Deus por meio da sua Palavra. Deus confere esse processo aos pais e às igrejas; portanto, trata-se de uma instrução centrada na aliança. Susan Hunt compreende essa verdade e a tem ensinado com sucesso há muitos anos.

Herdeiros da Aliança não é um livro de diagnóstico sobre os atuais desafios, oportunidades e problemas da instrução. É um livro que estabelece as premissas certas e procura desenvolvê-las de modo viável e exeqüível tanto para o lar quanto para a igreja. Numa linguagem agradável, Susan toma a parte instrucional da tarefa que compete à comunidade cristã de “fazer discípulos” e a coloca numa estrutura totalmente bíblica.

Herdeiros da Aliança ajudará as famílias e a comunidade cristã a trabalhar em conjunto no contexto das promessas de Deus expressas na aliança. Uma vez que o nosso propósito é conhecer a Deus e à sua Palavra, necessitamos de recursos e métodos teocêntricos que nos ajudem a comunicar a fé que professamos aos nossos filhos e aos filhos dos nossos filhos. As incursões do modernismo e do pós-modernismo na nossa cultura atual representam um enorme desafio para as famílias e igrejas. Este livro será um fantástico recurso para nos preparar melhor para alcançarmos uma geração de crucial importância.

Herdeiros da Aliança propiciará o crescimento da igreja ao desenvolver maneiras de renová-la e revitalizá-la. A instrução centrada na aliança nos ajudará a recordar quem somos, por que estamos aqui e qual é o legado que devemos passar às gerações presente e futura. Deus nos tem dado muito, e é nossa responsabilidade transmitir essas riquezas aos nossos filhos. O modo como comunicamos a verdade de Deus e ensinamos a sua Palavra deve estar fundamentado numa base bíblica e teológica muito firme, se desejamos que o nosso ensino e disciplina apresentem resultados duradouros. Susan Hunt demonstra uma fantástica compreensão da nossa herança e fé bíblicas e sabe como comunicar essas verdades de maneira prática. Como pai, professor e educador, recomendo enfaticamente a leitura de Herdeiros da Aliança.

Dr. Charles H. Dunahoo

Coordenador de Educação Cristã e Publicações

Igreja Presbiteriana na América



Introdução

Seis meses depois de terminar o curso superior, senti-me chamada para o ministério vocacional. Estávamos em 1962. Se a controvérsia sobre ordenação de mulheres estava começando a fermentar, eu me sentia inteiramente alheia a ela. Fiz o que qualquer moça da minha denominação faria se estivesse interessada em abraçar um ministério vocacional, isto é, cursei o seminário e iniciei a preparação com vistas a uma pós-graduação em instrução cristã, como propósito de me tornar uma Diretora de Instrução Cristã. Essa era uma trajetória ministerial aceitável e viável para mulheres.

Eu me formei e consegui um trabalho na igreja situada dentro da comunidade onde ficava o nosso seminário. E, o mais excitante, eu me casei com umestudante do seminário. Quando Gene se formou, partimos para a nossa primeira igreja. Ambos tínhamos o coração na instrução cristã e durante anos tivemos maravilhosas experiências práticas ao desenvolver programas e aperfeiçoar a nossa filosofia e teologia de educação cristã, tanto em casa quanto na igreja. Porém, em algum momento da História, a instrução cristã na igreja como um todo aparentemente afundou. Gene e eu estávamos tão ocupados cuidando da nossa família e servindo às nossas congregações que não percebemos o que estava acontecendo. Foi como se, de repente, olhássemos ao redor e descobríssemos, para nosso espanto, que a instrução cristã havia perdido a sua importância. Poucas faculdades cristãs e seminários ofereciam cursos e títulos acadêmicos em instrução cristã e poucas igrejas empregavam pessoas para trabalhar nessa área de atuação.

Sem dúvida há muitas razões para isso. O crescimento de alguns movimentos dentro da igreja contribuiu para o enfraquecimento de outros. Mas eu me pergunto se uma das razões pelas quais a instrução cristã perdeu a sua influência não foi o fato de que a controvérsia sobre ordenação de mulheres não estava mais fermentando, mas fervendo. Isso nos deixou a todas, inclusive eu mesma, relutantes e esquivas. Na nossa reação à tendência prevalecente, jogamos fora o bebê com a água do banho, como diz o ditado. Reagimos de maneira exagerada e nos retiramos para uma posição que não deixava nenhuma opção para as mulheres na equipe ministerial das igrejas. Como objetávamos contra a

ordenação de mulheres, temíamos admitir que elas ocupassem qualquer posição ministerial.

Entristece-me o fato de que as mulheres não sejam estimuladas a reivindicar o exercício desse ministério, pois sinto que elas são bem qualificadas para o trabalho criativo, nutridor e minucioso da instrução cristão numa igreja local. Fico ainda mais triste ao verificar que, qualquer que seja a razão, a instrução cristã perdeu o seu poder de atração na igreja moderna. Penso que a razão é muito mais profunda que uma simples questão de "gênero".

Ao refletir sobre esse fenômeno, descobri que as minhas conclusões são muito mais intuitivas do que resultado de uma investigação mais profunda. No fundo do meu coração, sinto a forte convicção de que o movimento de queda da instrução cristã é devido a uma diminuição na ênfase teológica. Vários estudiosos têm relatado a história e os efeitos dessa mudança (No Place for Truth [Semlugar para a verdade], de David Wells é um excelente exemplo). Entretanto, a pergunta que me persegue é a seguinte: Se o escoamento teológico foi a causa da queda da instrução cristã, quem provocou o declínio da ênfase teológica? Teríamos sido nós que estávamos envolvidos com a instrução cristã? Será que, até certo ponto, nós nos deixamos levar por movimentos e tendências evangélicas vistosas e superficiais em vez de resolutamente ensinar o povo de Deus a pensar teologicamente? A maioria de nós não rejeitou a importância da teologia, apenas aderiu à moda. Nós assumimos que todos participavam de um consenso teológico e os nossos alunos foram arrastados para a ignorância teológica. Então, os nossos programas se transformaram em estruturas sem substância e logo não havia mais necessidade das estruturas.

Não vou encher páginas catalogando as conseqüências. Apenas um exemplo é suficiente. De acordo com uma pesquisa realizada por George Barna, a única diferença significativa entre os cristãos e os não-cristãos é o fato de que os cristãos vão à igreja mais freqüentemente, dão mais dinheiro para a igreja e possuem mais Bíblias. Outros indicadores como o número dos que crêem na Bíblia como verdade absoluta, a taxa de divórcios e o alcoolismo são essencialmente os mesmos.

Oro para que possamos retomar a nossa paixão pelo que é substancial. A estrutura tomará forma se a substância estiver presente.

Nós, que temos paixão por ensinar o povo de Deus a pensar e a viver de maneira

cristã, devemos parar de lastimar a falta de atenção dada à instrução cristã. Devemos nos levantar e assumir a nossa responsabilidade. Pais e mães, avós, professores cristãos de escolas seculares, professores de Escola Dominical, líderes de mocidade e pastores devem fazer o trabalho básico e primário de ensinar ao povo de Deus linha após linha, preceito após preceito. Devemos parar de correr atrás do ouro e procurar a mente e o coração. Alguns dizem que provavelmente já perdemos esta geração de jovens. Não quero desistir sem lutar. Mas a única razão essencial e sólida o suficiente em nome da qual poderemos conclamar e reivindicar esta geração é o evangelho da graça " porque é poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê..." (Rm. 1.16).

O evangelho da graça proclama a mensagem do soberano rei do universo entrando num relacionamento com o seu povo. Como isso pôde acontecer? Foi necessário uma aliança ou pacto.

Muito se tem escrito sobre o conteúdo da aliança, mas pouco se tem dito sobre os privilégios e as responsabilidades de se viver numa relação de aliança com Deus e com seu povo dia após dia, semana após semana, geração após geração. Este livro explorará como o conteúdo da aliança deve ser vivido no contexto da comunidade da aliança, e como isso culmina em autêntico Cristianismo.

Este livro refere-se à instrução cristã não apenas no sentido estrito de programas e salas de aula, mas no sentido da relação pactual na qual o povo de Deus vive em aliança com ele e uns com os outros.

A instrução cristã deve ser intencionalmente pactual ou será apenas uma tênue tentativa de santificar filosofias e métodos seculares salpicando-os com alguns versículos bíblicos.

A instrução cristã deve ser integradoramente pactual ou se degenerará num moralismo insípido cujo objetivo é a procura por mudança comportamental à parte da graça.

A instrução cristã deve ser inclusivamente pactual oufragmentará o povo de Deus em divisões artificiais por faixas etárias o que lhes rouba a oportunidade de aprenderem e crescerem uns com os outros em comunidade.

Este livro tem um escopo limitado. Ele explorará as razões e os modos de sermos intencional, integradora e inclusivamente pactuais à medida que continuamos a viver e experimentar o nosso relacionamento com Jesus Cristo.

Embora tenha sido escrito para o leitor individual, grandes benefícios poderão ser alcançados quando grupos de pessoas o estudam em conjunto. Ele pode ser usado por classes da Escola Dominical e grupos de estudos bíblicos, em grupos integrados de adolescentes e adultos, por grupos de pais e seus filhos adolescentes e para treinamento de professores para o ministério instrucional da igreja, do lar e de escolas confessionais cristãs. Um Manual do Professor com planejamento completo para estudos interativos está disponível pelo telefone 1-800-283-1357.

Uma desculpa final. Estou surpresa por escrever este livro. Durante anos acreditei que ele deveria ser escrito, mas cria que alguma outra pessoa deveria fazê-lo. Não sou teóloga e nem especialista no assunto, mas Deus não me desculparia por essas razões. Na realidade, eu finalmente cheguei à conclusão de que, uma vez que este livro não é dirigido a teólogos nem a especialistas, Deus poderia usar uma pessoa comum para escrevê-lo, de modo que outras pessoas comuns possam usá-lo.

Possa Deus abençoar-nos com valorosos obreiros da educação cristã, dispostos a deixar um legado de fé para a próxima geração.

Engrandecei o Senhor comigo,

E todos, a uma, lhe exaltemos o nome.

Salmo 34.3

1



O conteúdo da aliança

Nosso filho Richie é marido, pai, estudante de tempo integral na faculdade e diretor, em tempo parcial, do ministério infantil da nossa igreja. Ele continua em oração diante de Deus para saber qual será a vontade do Senhor para a sua vida depois da formatura. Ele se pergunta se Deus o estaria chamando para um ministério de tempo integral com crianças.

Certo dia, quando conversávamos sobre isso, eu lhe fiz alguma perguntas: “Por que você acredita que a igreja deve oferecer um ministério infantil de boa qualidade? Quando você recruta professores, o que o leva a pensar que essas pessoas deveriam se envolver nesse ministério? O que o levaria a trabalhar nesse campo em tempo integral?”

Sem hesitar, ele respondeu: “Desejo que as crianças conheçam e amem a Jesus. E gostaria que elas tivessem um relacionamento de tal maneira significativo com as pessoas da igreja que isso as impedisse de se desviarem durante a adolescência”.

Minha resposta: “Isso é louvável, e os programas que você tem desenvolvido são uma confirmação da sua visão e paixão. Porém, a sua visão e paixão nunca o habilitarão a atingir o seu objetivo. Você fracassará ao longo do caminho. Creio que a sua visão e paixão possuem raízes teológicas, mas é necessário que você saiba disso na sua mente e no seu coração. Quer você se empenhe nesse trabalho como uma vocação ou como um voluntário, você precisa ser capaz de articular com clareza uma razão teológica para o que você faz. Você necessita de uma apologética bíblica para um ministério educacional”.

Sua pergunta: “O que eu devo saber?”

A minha resposta foi a seguinte...



Vivendo e ensinando dentro de uma relação de aliança

A herança

Uma linhagem de educadores cristãos deixou uma rica herança na Escócia.

O jovem Patrick Hamilton, da Escócia, era um estudante talentoso. Na busca por aperfeiçoar os seus estudos, ele viajou para a Universidade de Wittenberg onde se encontrou com Martinho Lutero e Filipe Melancthon, líderes de um novo movimento de Reforma.

Por intermédio desses mestres ilustres, ele foi instruído na verdadeira religião com a qual tinha tido pouca oportunidade de se familiarizar no seu próprio país, pois o pequeno remanescente na Escócia estava sob o domínio da opressão... Ele adquiriu uma fantástica competência... e logo tornou-se tão zeloso na confissão da verdadeira fé quanto havia sido diligente na tarefa de conhecê-la... Tomou a decisão de voltar ao seu país e lá, diante de todos os perigos, comunicar a luz que havia recebido. Assim, sendo ainda muito jovem, com pouco mais de 23 anos de idade, ele começou a semear a semente da palavra de Deus aonde quer que fosse...1

Hamilton tornou-se um mestre da técnica de ensino por meio de lições práticas. Ele era a prática, a autoridade da Palavra de Deus era a lição. Em 1527, aos 24 anos de idade, ele foi queimado na fogueira. Foi o primeiro mártir pela causa da Reforma na Escócia, mas não o último. Enquanto o fogo crepitava ao seu redor, ele gritou: “Até quando, Senhor, a escuridão dominará este reino? Até quando sofrerás a tirania destes homens? Senhor Jesus recebe o meu espírito”.2

Depois da morte de Hamilton, muitos líderes protestantes se refugiaram em

outros países. Em 1544, quando a perseguição aos protestantes assolava a Escócia, George Wishart voltou ao seu país e reassumiu o seu trabalho de pregação e ensino. Dois anos depois, ele também foi queimado na fogueira. Quando Wishart foi preso, um de seus alunos insistiu em permanecer com ele. Wishart o mandou embora com estas palavras: “Volte... e Deus o abençoe. Um é suficiente para o sacrifício”. O aluno era John Knox, que se tornou, para usar as palavras inscritas no monumento à sua memória em Glagow “O principal instrumento nas mãos de Deus para a Reforma na Escócia”.

Knox, um defensor da instrução cristã afirmou: “Visto que Deus determinou que a sua igreja na terra deveria ser instruída, não por anjos, mas por homens, é necessário zelar muito bem por uma instrução virtuosa e uma criação piedosa dos jovens deste reino”. Sua liderança no estabelecimento de escolas para instruir os jovens e sua pregação ardente e destemida prepararam o povo para viver intransigentemente em meio às lutas e ao tumulto político e eclesiástico. Seu ensino preparou também a sua família para viver de maneira a dar um testemunho firme.

A filha de Knox, Elizabeth, casou-se com John Welch, um pastor conhecido pela sua pregação fiel e sua intensa vida de oração. Ele se levantava durante a noite para orar. Certa noite, Elizabeth o ouviu orando: “Senhor, tu não me entregarás a Escócia?” E, depois de uma pausa, “Basta, Senhor, basta”. Mais tarde, quando ela lhe perguntou o que ele queria dizer com “Basta”, Welch lhe contou que tinha estado

lutando com o Senhor pela Escócia, e descobriu que logo haveria um período de tristeza, mas que o Senhor seria gracioso com um remanescente... Ele continuou o seu ministério em Ayr até que o propósito do rei Tiago de destruir a igreja da Escócia por meio do estabelecimento de bispos, estivesse maduro, e, então, tornou-se seu dever edificar a igreja da Escócia mediante o seu sofrimento, como ele havia anteriormente feito por meio da sua doutrina.3

John Welch foi preso em 1605. De modo incansável, Elizabeth lutou pela libertação do seu marido. Quando finalmente foi admitida a uma audiência com o rei Tiago, ela foi apresentada como filha de Knox e esposa de Welch. O rei

finalmente lhe disse que se ela conseguisse persuadir o seu marido a se submeter aos bispos, ele seria libertado, mas Elizabeth recusou-se a transigir. Erguendo a barra do seu avental, ela resolutamente respondeu: “Eu preferiria ver a cabeça dele aqui dentro”. Seu marido permaneceu na prisão.

Em fevereiro de 1638, foi convocada uma Aliança Nacional e cópias do documento foram levadas a todos os cantos da Escócia. Milhares assinaram o documento que rejeitava o direito divino dos reis em favor do dever do homem para com Deus. Lord Warriston, um dos convocadores da Aliança, batizou este dia como “O grande dia do casamento desta nação com Deus”.4 A perseguição contra os partidários da Reforma Protestante na Escócia (os covenanters) tornou-se tão intensa que a década de 1680 ficou conhecida como Tempo da Matança. A História esta cheia de histórias sobre o heroísmo inabalável desses homens e mulheres.

Houve um capitão, John Paton, que no seu último testemunho no lugar da execução, disse:

Eu louvo o Senhor porque não estou aqui como um ladrão ou assassino, e estou livre do sangue de qualquer pessoa e odeio derramamento de sangue... sou um pobre pecador e nunca poderia merecer qualquer coisa senão a ira, e não tenho nenhuma retidão própria; tudo é de Jesus Cristo, e apenas dele... O conselho me perguntou se reconheço autoridade. Eu respondi: Toda autoridade de acordo com a Palavra de Deus. Agora deixo o meu testemunho como um homem condenado à morte contra a horrenda usurpação das prerrogativas e do direito à coroa de nosso Senhor. Refiro-me à supremacia estabelecida por lei neste país, a qual é uma usurpação manifesta da sua coroa, pois ele foi dado pelo Pai para ser o cabeça da igreja... Adeus amável Escritura, pregação, oração, leitura, cântico e todos os deveres. Bem-vindos Pai, Filho e Espírito Santo! Desejo encomendar minha alma a vós em bom procedimento. Senhor, recebe o meu espírito!5

E houve também o pastor John Brown, cuja esposa e filhos o observavam quando ele foi baleado na cabeça. Antes que o gatilho fosse puxado, ele disse: “Bem Isabel, chegou o dia sobre o qual eu lhe avisei quando a pedi em casamento”.

Ela respondeu: “É verdade”, John, “é de bom grado que eu me separo de você”.

A resposta dele: “Bem, isso é tudo o que eu desejo. Não tenho mais nada a fazer senão morrer. Eu tenho estado nesse feliz estado para me encontrar com a morte há muitos anos”. O pastor beijou seus filhos e orou pedindo que as bênçãos de Deus caíssem sobre eles.

O impiedoso capitão engatilhou a arma, virou-se para Isabel e perguntou: “O que a senhora acha do seu bom marido agora?”

Ela respondeu com firmeza: “Eu sempre o tive em alta conta, e agora mais do que nunca”.

O que movia essas pessoas? Por que elas foram a esses extremos? O que teria evocado obediência tão radical?

A bandeira dos covenanters responde. Seu grito de convocação era “Pela Coroa e Aliança de Cristo”. O Rei da Glória entrou numa aliança de graça para salvar o seu povo. Seus direitos reais sobre eles e sua aliança de amor para redimi-los merecem lealdade e fidelidade absolutas.

O conteúdo da aliança

No raiar da história humana, Deus disse: “Haja luz”. E houve luz.

Sua soberana autoridade foi estabelecida. Ele criou. É propriedade dele. Ele é o rei.

O restante da criação seguiu o mesmo padrão. Deus falou e aconteceu. Então, ele criou o homem e a mulher.

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja sobre a terra.

Gênesis 1.26-28

O relato da criação do homem está repleto de intensa ternura, vibrante emoção e propósito familiares.

Lugar e presença

Recentemente, Gene e eu construímos uma casa nova. Depois de anos vivendo numa casa pastoral, foi estimulante planejar e preparar um lugar especificamente

para a nossa família. Planejamos uma casa com muitos “espaços de encontro” para os nossos filhos e netos. Foi excitante observar os planos do arquiteto se transformarem numa fundação, depois numa estrutura e, finalmente, uma casa surgiu. Mas essa excitação se desvanece quando a comparamos à sensação de aconchegar-nos com um neto nos braços ouvindo-o dizer: “Eu amo você”. A casa é um lugar onde podemos gozar da presença uns dos outros. É um lugar para estarmos juntos, onde podemos reunir os nossos filhos e netos ao nosso redor e lhes dizer de muitas maneiras diferentes, “Nós amamos vocês”. Porém, é a presença da nossa família que torna o lugar maravilhoso.

A criação era a casa. Adão e Eva eram os filhos. Deus não preparou o lugar e se ausentou. Ele visitava o lugar que preparou para Adão e Eva. Ele conversava com eles. O lugar era magnificamente belo, mas o seu esplendor era a presença de Deus. Sua presença conferia propósito ao lugar. Sua presença o tornava seguro. Sua presença o enchia de alegria e amor e lhe dava vida.

Não era a presença do homem que tornava o lugar glorioso, mas a presença de Deus. Alguns dizem que Deus criou o homem porque se sentia solitário e necessitava de alguém para amar. Isso é absurdo. Deus é completo em si mesmo. Há perfeita comunhão na Trindade. É a sua presença que nos completa.

A aliança do trabalho

Ao criar Adão, Deus fez uma aliança com ele. Uma aliança é um acordo que cria um vínculo entre as partes em termos específicos. A promessa era a presença de Deus. Isso é fantástico porque o criador entrou num acordo no qual a criatura tinha direitos. O criador obrigava-se a ser condescendente em relação à criatura. A condição era perfeita obediência. Deus cumpriria a promessa pactual. Adão deveria obedecer à obrigação pactual. Ele não poderia comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Esse era o teste. A atitude de Adão demonstraria a sua aceitação consciente da promessa contida na aliança. Essa é a chamada aliança das obras, mas isso não quer dizer que Adão tenha trabalhado para ganhar o seu relacionamento com Deus. Deus soberanamente iniciou esse relacionamento. Isso significa que Adão deveria escolher permanecer na presença de Deus e sujeitar-se à sua autoridade.

Enquanto Adão e Eva viviam na presença de Deus, eles refletiam a glória dele entre si e diante da criação. Portanto, viviam harmoniosamente entre si e com a criação.

Porém, Adão comeu o fruto proibido. Ele quebrou a aliança. Essa quebra rompeu o seu perfeito relacionamento com Deus. Porque Deus é santo, nada que seja ímpio pode subsistir diante dele. Sua santidade consumirá toda impiedade. Quando Adão e Eva encararam um ao outro e se defrontaram com a criação, eles refletiram o seu próprio egoísmo. Adão era o nosso representante no acordo da aliança. As conseqüências da sua quebra da aliança ribombaram pela criação, através da História e em todos os corações humanos.

A aliança da graça

Certa noite, depois de ouvir a história de Adão e Eva, o nosso neto Marc, de 3 anos, orou: “Querido Deus, por favor, deixe Adão e Eva voltar para o jardim”.

A boa nova é que Deus fez exatamente isso. Não seria um retorno ao jardim literal, mas ele providenciou um meio para que eles voltassem à sua presença.

Deus não era obrigado a fazer nada. Ele poderia ter-se ausentado de sua criatura e da criação. Em vez disso, ele interveio. Ele voltou ao jardim. Ele chamou o homem. Ele vestiu Adão e Eva com vestimentas de pele (Gn 3.8,9,21). Aqui está a essência da aliança da graça – Deus veio, ele chamou, ele vestiu. Deus vem a nós quando nós estamos mortos em nossos pecados e transgressões (Ef 2.1-9). Ele nos chama para um relacionamento com ele (At 2.38,39). E ele cobre a nossa culpa com a perfeita retidão de Cristo, de modo que, mais uma vez, podemos viver na sua presença (Is 61.10) – graça soberana, gloriosa do começo ao fim.

E isso tem de acontecer desse modo. A penalidade para o pecador é a morte. E os mortos não podem fazer nada – absolutamente nada – para recuperar a vida.

Como diz a Confissão de Fé de Westminster:

Tão grande é a distância entre Deus e a criatura, que, embora as criaturas racionais lhe devam obediência como seu Criador, elas nunca poderiam fruir nada dele, como bem-aventurança, senão por alguma voluntária condescendência da parte de Deus, a qual agradou-lhe expressar por meio de um pacto.6

No seu livro The Christ of the Covenants (O Cristo das alianças), O. Palmer Robertson escreve:

Alguns desencorajariam qualquer esforço no sentido de apresentar uma única definição de “aliança”, que englobasse todos os diferentes usos do termo nas Escrituras. Eles sugeririam que os muitos contextos diferentes nos quais o termo aparece implicam diferentes significados. Certamente, qualquer definição do termo “aliança” deve levar em consideração uma amplitude tão ampla quanto as referências das Escrituras o exigem. Entretanto, a própria totalidade da história bíblica, por ser determinada pelas alianças de Deus, sugere uma unidade inclusiva do conceito de aliança. O que, então, é uma aliança? Como definir a relação de aliança entre Deus e seu povo? A aliança é um vínculo de sangue soberanamente administrado. Quando Deus entra num relacionamento de aliança com os seres humanos, ele soberanamente institui um vínculo de vida e morte.7

Quando Deus foi ao jardim, ele fez uma promessa ao homem e pronunciou uma maldição sobre Satanás. “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3. 15).

Na sua obra que é considerada um marco divisório, Promise and Deliverance (Promessa e libertação), S. G. DeGraaf afirmou: “Em princípio, a totalidade da redenção é revelada na promessa-mãe (Gn 3. 15)”8

Isso não foi o estabelecimento da aliança da graça, foi a revelação dessa aliança. A aliança da graça não foi estabelecida com Adão, mas com Cristo. Essa aliança não foi uma decisão posterior. Não foi feita em resposta ao pecado do homem. O acordo divino para redimir a humanidade estava assentado antes da criação do

homem. Jesus, o mediador e cabeça dessa aliança é o “Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Ap 13. 8). Como a redenção era parte da vontade de Deus, era como se ela já estivesse cumprida. “Este te ferirá a cabeça” não é um acontecimento que deve ser esperado no futuro, mas um fato consumado. Nem tampouco os beneficiários da aliança foi uma decisão posterior. “Assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado” (Ef 1.4-6).

No primeiro vislumbre dessa “promessa-mãe”, Deus revela Jesus como mediador que ferirá a cabeça de satanás e conquistará a vitória sobre o pecado e a morte. Já quando Adão e Eva tentavam esconder a sua nudez, Deus lhes falou sobre Jesus.

Apesar das atitudes do homem, Deus voltou ao jardim e disse: “Eu ainda serei o seu Deus, vocês ainda serão o meu povo. Eu providenciarei o meio para vocês viverem na minha presença; eu habitarei com vocês”. Isso é graça. É imerecida. Adão demonstrou a sua confiança na promessa ao dar à sua mulher o nome de Eva, que quer dizer vida. Ele creu que ela geraria filhos, inclusive o Filho que deixaria a glória da presença do Deus, para assegurar um lugar para nós na presença do Pai.

Ao longo do restante das Escrituras, Deus desenvolve a sua promessa pactual de que ele é o nosso Deus e nós somos o seu povo e vivemos na sua presença. Talvez você já tenha recebido um presente que vem dentro de uma grande caixa. Você a abre e encontra outra caixa menor e, então, com crescente ansiedade você abre uma após a outra até, afinal, chegar a uma pequena caixa que encerra uma dádiva preciosa. Leia os versículos a seguir como se você estivesse desembrulhando essa dádiva até finalmente encontrar a pequenina caixa (uma manjedoura) com a dádiva preciosa (o Cristo infante).

Deus disse a Abraão:

Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência.

Gênesis 17. 7

Tomar-vos-ei por meu povo e serei o vosso Deus; e sabereis que eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas do Egito.

Êxodo 6.7

Vós estais, hoje, todos perante o Senhor vosso Deus... para que entres na aliança do Senhor teu Deus, e no juramento que, hoje, o Senhor, teu Deus, faz contigo; para que, hoje, te estabeleça por seu povo, e ele te seja por Deus, como te tem prometido, como jurou a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó.

Deuteronômio 29. 10, 12,13

Assim, se acabou toda obra que fez o rei Salomão para a casa do Senhor... a Casa do Senhor se encheu de uma nuvem; de maneira que os sacerdotes não podiam estar ali para ministrar, por causa da nuvem, porque a glória do Senhor encheu a casa de Deus. Então disse Salomão... Edifiquei uma casa para tua morada, lugar para tua eterna habitação.

2 Crônicas 5. 1, 13,14; 6. 1,2

Dar-lhes-ei coração para que me conheçam que eu sou o Senhor; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus; porque se voltarão para mim de todo o seu coração.

Jeremias 24.7

Eu os trarei, e habitarão em Jerusalém; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus, em verdade e em justiça.

Zacarias 8.8

Então aconteceu. Deus se fez carne e veio viver entre nós.

O Verbo se fez carne e habitou entre nós... e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.

João 1.14

Até o seu nome confirma a promessa.

Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco).

Mateus 1.23

Enquanto esteve conosco, ele nos contou sobre o lugar em que viveremos na sua presença por toda eternidade.

Na casa de meu Pai há muitas moradas... vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também.

João 14.2,3

Mas até irmos para este lugar, ele nos deu uma tarefa e a promessa de sua presença enquanto obedecemos à sua ordem.

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século.

Mateus 28.19,20

Para manter e guardar essa promessa, ele enviou o seu Espírito para viver em nós, e sua morada mudou de um monte para um coração.

Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo?... Porque nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.

1 Coríntios 6.19; 2 Coríntios 6.16

Há ainda mais. O cumprimento final acontecerá na nova Jerusalém.

Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras.

Apocalipse 21.1-5

A revelação da aliança no Antigo Testamento é progressiva. Os vários relacionamentos de aliança com Noé, Abraão, Moisés e Davi, não substituem uns aos outros. Eles suplementam uns aos outros. E a revelação desse relacionamento divinamente instituído atinge o clímax do seu cumprimento na nova aliança, quando a semente da mulher esmaga a cabeça da serpente.

Características da aliança

Livros inteiros têm sido escritos sobre a aliança; portanto, obviamente este não é um tratado exaustivo de suas características. Não pretendo, de modo algum, minimizar a fantástica complexidade dessa doutrina. Estas são, simplesmente, algumas características pertinentes aos propósitos deste trabalho, e serão

desenvolvidas ao longo do restante do livro.

A aliança é relacional porque é restauradora. “No seu aspecto mais essencial, uma aliança é aquilo que reúne as pessoas. Nada se aproxima mais do coração do conceito bíblico de aliança do que a imagem de um vínculo inviolável.”9 A aliança nos reconcilia com Deus e define o modo como vivemos neste relacionamento com ele. Ele se refere a nós numa linguagem relacional e terna chamando-nos de seus filhos (Dt 14.1), sua propriedade particular (Êx 19.5). Recebemos promessas, obrigações, responsabilidades e privilégios específicos. A aliança também estabelece e define os nossos relacionamentos mútuos como filhos de Deus. Quando perguntaram a Jesus qual era o maior dos mandamentos, ele responde numa linguagem relacional: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o primeiro e grande mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.37-39).

A aliança é soberanamente iniciada. Jesus disse: “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça” (Jo 15.16).

A aliança é soberanamente sustentada e, portanto, eternamente assegurada. Deus é um guardador da aliança, capaz de nos manter na palma da sua mão. “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar. Eu e o Pai somos um” (Jo 10.27-30).

A aliança é trinitária. Deus o Pai fez uma aliança com o seu filho. Se Jesus pagasse a penalidade do pecado e fosse o substituto, Deus lhe daria um povo. O Espírito Santo também participou dessa aliança. Ele regeneraria o povo de Deus. Ele lhes daria um coração novo, de sorte que pudessem crer. Essa é a aliança da graça. O Pai propôs a redenção. Jesus realizou a redenção. O Espírito Santo sela a redenção no nosso coração (Ef 1.3-14).

A aliança é corporativa. O primeiro Adão era o representante de toda a humanidade. O segundo Adão, Cristo, representou o seu povo diante do trono de julgamento de Deus. Como escreveu DeGraaf, “Na aliança, Deus sempre se aproxima do seu povo como um todo – nunca apenas de indivíduos. Por causa da aliança, o povo todo descansa seguro na fidelidade de Deus, e cada membro

individual da aliança compartilha como todos os outros como membros da comunidade”.10

Cada pessoa deve responder em fé, mas a aliança não é individualista, pois Cristo é o mediador em favor do seu povo. O Senhor disse a Abraão: “de ti farei uma grande nação” (Gn 12.2). O anjo disse a José: “ ... e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mt 1.21). Paulo escreveu à igreja de Éfeso: “naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo. Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Assim já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus” (Ef 2.12,13, 19).

A aliança passa de geração a geração. A fidelidade é de geração em geração. “Os filhos dos teus servos habitarão seguros, e diante de ti se estabelecerá a sua descendência” (Sl 102.28). De igual modo, a nossa responsabilidade atinge a geração posterior. Promessas, privilégios e obrigações devem ser passados de geração em geração. “Abrirei os lábios em parábolas e publicarei enigmas dos tempos antigos. O que ouvimos e aprendemos, o que nos contaram nossos pais, não o encobriremos a seus filhos; contaremos à vindoura geração os louvores do Senhor, e o seu poder, e as maravilhas que fez. Ele estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel, ordenou a nossos pais que os transmitissem a seus filhos, a fim de que a nova geração os conhecesse, filhos que ainda hão de nascer se levantassem e por sua vez os referissem aos seus descendentes” (Sl 78.2-6). Pedro enfatizou essa característica no seu sermão no Pentecoste quando afirmou: “Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar” (At. 2.39).

A aliança é compassiva. Quando Moisés pediu para ver a glória de Deus, o Senhor o colocou numa fenda da rocha, cobriu-o com a sua mão e passou diante dele proclamando: “Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade” (Êx 34.6). O povo de Deus demonstra a glória de Deus mediante o ministério de compaixão realizado no nome dele. Jesus afirmou que quando atendemos ao faminto, ao sedento, ao enfermo, ao estrangeiro e ao prisioneiro, nós o fazemos por ele; e quando deixamos de ajudá-los, não demonstramos a sua glória (Mt 25.31-46).

A aliança é integradora. É a linha unificadora fundamental das Escrituras. É a estrutura mediante a qual contemplamos as Escrituras. Portanto, ela deveria integrar, ordenar e governar as nossas considerações sobre o mundo e sobre a nossa vida. Ela centraliza a totalidade da vida em Jesus. Uma visão unificadora e inclusiva do mundo e da vida começa em Deus. Ele é o nosso ponto de referência. Nele nós “vivemos... e existimos” (At 17.28). O nosso propósito é glorificá-lo. Essa é razão pela qual “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Sl 111.10). É a razão pela qual devemos orar: “Ensina-me, Senhor, o teu caminho, e andarei na tua verdade; dipõe-me o coração para só temer o teu nome” (Sl 86.11). Portanto, a aliança deveria ordenar e orientar a educação do povo de Deus.

A aliança é exclusiva. “Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagens de escultura... Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso...” (Êx 20.3-5). Não podemos servir a dois senhores (Mt 6.24).

A aliança é inclusiva. No Antigo Testamento, Deus trabalhou primariamente na nação de Israel e por meio dela. No Novo Testamento, as portas se abrem para incluir judeus e gentios. Somos comissionados para cumprir a ordem de Jesus: “Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16.15). E João escreveu que viu o Cordeiro rodeado das quatro criaturas viventes e dos 24 anciãos que cantavam: “Digno és de tomar o livro e de abrir-lhes os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação” (Ap 5.9).

Qual é o meu privilégio por fazer parte da aliança?

Jesus conquistou para mim o fantástico privilégio de viver na presença de Deus. Momento a momento, dia a dia, ano após ano, o povo de Deus vive na sua presença.

A compreensão da promessa pactual de Deus de ser o nosso Deus, e a compreensão de que isso não depende do nosso desempenho, mas da sua provisão, nos apresenta a gloriosa verdade de que vivemos na sua presença. Sua

presença nos confere propósito, sua presença nos traz segurança e nos enche de alegria e amor. Sua presença é a nossa vida.

Moisés compreendeu bem esta verdade e não aceitaria nada inferior a isso. Em Êxodo 3 lemos que ele se encontrava no deserto pastoreando o rebanho do seu sogro quando “apareceu-lhe o anjo do Senhor numa chama de fogo, no meio de uma sarça... Deus, do meio da sarça o chamou... Deus continuou... tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa... Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó” (Êx 3.2-6).

Moisés estava trabalhando no deserto, mas ele se encontrava num lugar santo porque Deus estava lá. Viver na presença de Deus significa que estamos sempre em terra santa. Sua presença torna toda a vida sagrada. Para o cristão, não existe divisão entre sagrado e secular. O total da vida é sagrado porque é vivido para a glória do Senhor e na sua presença. Toda a vida deve ser colocada sob a sua soberania.

Depois de liderar a saída dos israelitas do Egito e depois de receber os Dez Mandamentos, Moisés desceu do monte e encontrou o povo adorando o bezerro de ouro. Deus havia ordenado a Moisés que saísse e levasse o povo para a terra prometida. “Mas...”, disse Deus, e o que se seguiu a esta conjunção faz uma diferença crucial. “Eu não subirei no meio de ti, porque és povo de dura cerviz, para que te não consuma eu no caminho. Ouvindo o povo estas más notícias, pôs-se a prantear...” (Êx. 33.3,4).

O fato de Deus retirar a sua presença era razão para tristeza e lamentação. Moisés colocou-se diante de Deus não porque o povo o merecesse, mas por causa da promessa pactual do Senhor.

Moisés disse ao Senhor: Tu me dizes: Faze subir este povo, porém não me deste a saber a quem hás de enviar comigo; contudo disseste: Conheço-te pelo teu nome; também achaste graça aos meus olhos. Agora, pois, se achei graça aos teus olhos, rogo-te que me faças saber neste momento o teu caminho, para que eu te conheça e ache graça aos teus olhos; e considera que esta nação é o teu povo.

Êxodo 33.12,13

Moisés sabia que a linha de demarcação era a presença ou a ausência de Deus. O lugar estaria vazio sem a presença dele. A única esperança da contínua presença de Deus era a sua promessa de que ele seria o seu Deus e eles seriam o seu povo. A confiança de Moisés era a sua certeza de que Deus era o guardador da aliança.

Respondeu-lhe: A minha presença irá contigo e eu te darei descanso. Então lhe disse Moisés: Se a tua presença não vai comigo, não nos faça subir deste lugar. Pois como se há de saber que achamos graça aos teus olhos, eu e o teu povo? Não é, porventura, em andares conosco, de maneira que somos separados, eu e o teu povo, de todos os povos da terra?

Êxodo 33.14-16

No decorrer desse incrível encontro, Moisés pede para ver a glória de Deus. Deus o coloca numa fenda da rocha, cobre-o com sua mão e passa diante dele.

Tendo o Senhor descido na nuvem, ali esteve junto dele e proclamou o nome do Senhor. E, passando o Senhor por diante dele, clamou: Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniqüidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado, e visita a iniqüidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos até a terceira e quarta geração! E imediatamente curvando-se Moisés para a terra o adorou; e disse: Senhor, se, agora acheis graça aos teus olhos, segue em nosso meio conosco; porque este povo é de dura cerviz. Perdoa a nossa iniqüidade e o nosso pecado e toma-nos por tua herança.

Então disse o Senhor: Eis que faço uma aliança: diante de todo o teu povo farei maravilhas que nunca se fizeram em toda a terra, nem entre nação alguma, de

maneira que todo este povo, em cujo meio tu estás, veja a obra do Senhor; porque coisa terrível é o que faço contigo. Guarda o que eu te ordeno hoje.

Êxodo 34.5-11

Então, Deus instituiu responsabilidades concernentes à aliança. O povo deveria limpar a terra de falsos cultos e falsos adoradores. Eles não deveriam entrar em contacto com a incredulidade. Moisés permaneceu na montanha durante quarenta dias e Deus escreveu os Dez Mandamentos sobre as tábuas de pedra.

A conclusão desse drama é definitiva.

Quando desceu Moisés do monte Sinai, tendo nas mãos as duas tábuas do Testemunho... não sabia Moisés que a pele de seu rosto resplandecia, depois de haver Deus falado com ele.

Êxodo 34.29

O privilégio de viver na presença de Deus resulta numa vida radiante que não pode ser negada. Viver na sua presença nos permite refletir a glória do Deus glorioso. Que formidável privilégio!

Qual é a minha responsabilidade pactual?

A atitude de manter a aliança evidencia o nosso relacionamento pactual com Deus e é necessária para que possamos gozar as bênçãos da aliança. Não

adquirimos o direito de entrar na presença de Deus pela obediência. A obediência ratifica a realidade desse relacionamento. “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14.15).

Deus soberanamente nos atraiu para um relacionamento com ele. Temos o glorioso privilégio de viver na sua presença. Gozar desse privilégio requer uma busca intencional e disciplinada.

Significa que devemos “destruir fortalezas; anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (2Co 10.4,5).

Significa que devemos atender à advertência de Paulo: “Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente...” (Rm 12.2).

Significa que “quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1Co 10.31).

Viver na sua presença nos distinguirá de todas as outras pessoas na face da terra (Êx 33.16). Quando vivemos na presença de Deus contemplamos o seu caráter. Estão, ao encararmos todos os relacionamentos e situações humanas, irradiaremos o seu caráter.

Uma guardadora da aliança

A sra. Johnston vivia na presença de Deus e irradiava o caráter dele. Ela foi uma das mais poderosas mestras que eu tive em toda a minha vida, embora nunca a tivesse visto diante de uma classe. Quando eu a conheci, ela tinha cerca de 70 anos. Ela filiou-se à nossa igreja e muitos de nós nunca mais fomos os mesmos. Silenciosamente, ela nos ensinava por meio do seu espírito alegre e cordial, das palavras gentis de incentivo e do seu constante amor a Deus e à sua Palavra.

Depois que a sra. Johnston ficou confinada ao leito numa casa de repouso, muitas vezes levei a minha classe da Escola Dominical de crianças de 6 a 9 anos

para visitá-la. Eles cantavam, recitavam versículos bíblicos e ouviam enquanto ela lhes falava sobre o nosso maravilhoso Salvador. Na hora de sair, as crianças faziam fila e cada uma lhe dava um abraço. Até mesmo quando já estava muito fragilizada, ela tinha prazer na visita, e as crianças sabiam disso.

Certo dia, depois que a última criança saiu, ela segurou fervorosamente a minha mão e disse: “Ele não esquecerão que você os trouxe aqui”. E ela estava certa. Ela me agradeceu dizendo que visitas como aquelas eram muito boas e os professores da Escola Dominical deveriam fazê-las sempre com os seus alunos. Mas a razão porque eles não a esqueceram foi o fato de que ela os ensinou, não porque eu as levei até ela.

Num domingo depois que ela já havia morrido, a nossa lição falava sobre alegria. Eu comecei a aula perguntando: “Quem pode dizer o que é alegria?”

Sem um minuto de hesitação, uma criança respondeu: “A sra. Johnston”. Ninguém riu nem zombou. Todos sabiam que era a resposta certa.

A sra. Johnston ensinou a mim e àquelas crianças o que significava viver na presença de Deus. O lugar não era importante. A sua cama na casa de repouso era solo sagrado porque Deus estava lá. Ela celebrava a presença dele e irradiava seu caráter.

Ela foi uma verdadeira educadora cristã.

Pós-escrito – Quando as crianças e eu nos apertávamos no elevador depois das nossas visitas à sra. Johnston, eu sempre lhes perguntava: “Algum dia vocês serão professores da Escola Dominical. O que vocês farão?”

Elas respondiam: “Levaremos os nossos alunos para visitar os idosos”.

“Quem vocês vão visitar?”, eu perguntava.

“Você!”, elas respondiam.

Pense nisso.

Ponto central

...prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.

Filipenses 3.12

A presença de Deus é o prêmio; o seu caráter é a nossa esperança de ganhar o prêmio. A sua soberania significa que ele é capaz de cumprir a promessa da aliança. A sua fidelidade significa que ele cumprirá todas as promessas. A sua soberana fidelidade descreve o seu amor eterno.

A sua coroa e aliança são a nossa esperança, a nossa alegria e o nosso objetivo.



Pergunta: O que é a aliança da graça?

Resposta: É a promessa segura do Rei da glória de que ele será o nosso Deus, que nós seremos o seu povo, e que ele viverá entre nós. É o acordo soberanamente iniciado pelo qual ele mantém a sua promessa.

Tornando-se um guardador da aliança

Você tem um relacionamento com Deus por meio da fé em Jesus Cristo? Se não, eu o conclamo a reconhecer o seu pecado e a sua necessidade de um Salvador. Deposite a sua vida nas mãos misericordiosas dele, peça o seu perdão e aceite Jesus como o seu Salvador.

Leia Efésios 1. Descreva por escrito o que cada membro da Trindade fez e faz para a nossa salvação. Regozije-se com a obra do Deus Triúno em seu favor.

Leia Êxodo 33 e 34. A presença de Deus o distingue de todos os outros na face da terra? Você irradia a glória dele? Prepare uma lista das responsabilidades da aliança presentes nessas passagens. Peça a Deus que lhe mostre qualquer “deus estranho” na sua vida e lhe dê forças para demoli-lo.

Existe alguém como a sra. Johnston na sua vida? Agradeça a essa pessoa por irradiar a presença de Deus para você.

Você é alguém como a sra. Johnston para aqueles que estão ao seu redor? Ore por isso.

Plano para instrução cristã

Use os versículos abaixo para um exercício bíblico. Ele pode ser feito com adultos ou crianças ou com grupos de idades variadas, como as devocionais familiares ou numa reunião familiar na igreja. No primeiro grupo de versículos, cada um deles se refere a Deus como o nosso Rei. No segundo grupo, cada versículo contém uma promessa da aliança como: Eu serei o seu Deus; vocês serão o meu povo; eu habitarei com vocês. Depois da leitura do primeiro grupo de versículos, pergunte o que aprendemos sobre Deus nessas passagens. Depois da leitura do segundo grupo, pergunte que promessa é repetida em todos os versículos. Se ninguém souber, repita o exercício até que alguém descubra a resposta. Dê a essa pessoa, ou ao seu grupo, alguns pontos extras.

Os seguintes versículos se referem a Deus como Rei:

Salmo 24.7-10

Salmo 44.4

Salmo 47.6,7

Salmo 145.1

Isaías 6.5

Isaías 44.6

Sofonias 3.15

João 12:13

1 Timóteo 1.17

Apocalípse 17.14

Os versículos abaixo contêm a promessa da aliança:

Gênesis 17.7

Êxodo 6.7

Levítico 11.45

Levítico 26.12

Deuteronômio 7.6

Deuteronômio 29.12,13

Jeremias 24.7

Jeremias 31.33

Zacarias 8.8

2 Coríntios 6.16

Tito 2.4

Hebreus 8.0

Apocalipse 21.3

Depois do exercício, explique que esta é a promessa da aliança de Deus para seu povo. Faça perguntas como:

Que idéia surge na sua mente quando você pensa num rei?

O que significa para você saber que o Rei da Glória prometeu ser o nosso Deus e nos aceitar como seus filhos?

Que sentido tem para você o fato de que Deus prometeu viver entre nós e que nós vivemos na sua presença? Que diferença isso faz no seu trabalho, nas suas diversões e na sua escolha de prioridades?

O que significa para você saber que Deus prometeu que nunca nos abandonará?

Talvez seja interessante fazer uma flâmula com uma cruz e uma coroa e as palavras: “Pela Coroa e Aliança de Cristo”.

2



O contexto da aliança



Vivendo e ensinando no contexto da aliança

Dois professores

Joni Eareckson Tada e Howard G. Hendricks são dois ilustres educadores cristãos de nossos dias.

De sua cadeira de rodas, Joni Tada ensinou as verdades de Deus por meio dos seus livros, da sua arte, da sua música e dos seus programas de rádio. Por meio da organização Joni and Friends (Joni e Amigos), ela equipou e mobilizou igrejas para ministrar às pessoas que são portadoras de deficiências.

O Dr. Hendricks, professor de Educação Cristã no Seminário Teológico de Dallas, autor e conferencista, propôs uma visão para a instrução cristã, equipou e motivou o povo de Deus para ensinar a sua Palavra.

O ministério de ambos tem influenciado multidões e ambos reconhecem que tiveram na vida a influência especial de um professor.

Joni se lembra de uma obreira da Young Life que trabalhava no ginásio que ela freqüentava. “Márcia e sua colega de quarto convidavam a nós, alunas do ginásio, para nos juntarmos a elas às terças-feiras de manhã, antes das aulas, para tomarmos um lanche. Ela fazia com que um simples bolinho com suco de laranja parecesse muito especial. A mesa era posta com toalhas floridas, guardanapos de cores brilhantes e a louça mais fina. Impressionava-me o fato de que ela fosse tão cuidadosa com coisas tão comuns! Depois que havíamos tomado o nosso lanche, ela lia uma passagem da Bíblia, nós orávamos e então saíamos para a escola. Aqueles breves momentos, uma vez por semana, aplainaram o caminho para minha entrada no reino de Cristo. Márcia, com o seu modo simples e consistente, lançou as sementes do evangelho de Deus no meu coração e gentilmente nutriu e cuidou da minha vida em Cristo até que ela floresceu completamente. Eu sou grata a ela por isso.”1

O Dr. Hendricks fala a respeito de Walt, um homem alto e dedicado que não conseguiu esperar até que houvesse uma classe de Escola Dominical em que ele pudesse ensinar. Ele procurou e achou a sua própria classe ao fazer amizade com treze meninos. Ele jogava bolinha de gude com os garotos e tornou-se amigo deles. O Dr. Hendricks conta: “Não importava aonde ele queria que eu fosse; eu queria segui-lo! Ele era o nosso amigo assim como o nosso professor. Ele ouvia os meus problemas durante horas e até me ajudava com a lição de casa. Então, certo domingo, ele tornou o evangelho tão claro que eu me rendi. Naquele dia, Cristo tornou-se o meu Salvador, e mudou a minha vida. Na realidade, onze dos treze meninos recrutados por Walt na nossa vizinhança, posteriormente ingressaram numa carreira vocacional cristã!”2

Marcia e Walt – dois educadores cristãos cujos ministérios se multiplicaram por meio dos alunos que ambos amaram e ensinaram.

O contexto da aliança

As Escrituras claramente ensinam que o conteúdo da aliança de Deus deve ser contextualizado na comunidade da aliança. Se a aliança for ensinada de modo puramente acadêmico, ela se tornará anêmica. Deus nunca tencionou legar-nos a aliança para que ela se tornasse apenas um exercício mental. A aliança é corporativa. O nosso relacionamento com Deus é pessoal e individual, mas quando esse relacionamento se estabelece, somos imediatamente colocados em comunidade com outros que gozam do mesmo relacionamento com ele. Seu relacionamento de graça para conosco é o poder que nos transfere da Cidade da Destruição para a Comunidade da Fé, e o padrão segundo o qual devemos nos relacionar com os outros nessa comunidade.

Há uma correlação entre o conteúdo da aliança e o contexto do relacionamento pactual do povo de Deus. O conteúdo da aliança deve permear toda a vida.

Esteja certo de que este não é um modelo relacional construído sobre sentimentalismos ou sobre uma teologia de necessidades pessoais. É um modelo relacional baseado na aliança da graça. Há uma enorme diferença. O ponto de referência para um modelo baseado nas necessidades é a experiência e os sentimentos. Num modelo pactual, o ponto de referência é Deus e a sua Palavra. O primeiro exalta o eu. O segundo exalta a Deus.

Cognitivo e vivencial

O conteúdo e o contexto da aliança estão entretecidos nas Escrituras e devem, de igual modo, ser delicadamente entretecidos na instrução do povo de Deus. Assim, essa educação é, ao mesmo tempo, cognitiva e vivencial, formal e informal. Ela visa à cabeça e ao coração. Deve atingir a mente e os músculos.

Moisés compreendeu essa síntese de conteúdo-contexto. Ele instruiu os israelitas a ensinarem as promessas e obrigações da aliança a seus filhos “assentado em

tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te" (Dt 6.7). Porém, Moisés sabia que seria necessário mais do que essa abordagem informal e vivencial. O ensino exigiria também instrução formal e intensa. A aliança de Deus deveria se tornar o ponto de referência para a vida do povo, ou, então, as experiências humanas se transformariam nesse ponto de referência. Assim, pouco antes da sua morte, "Esta lei, escreveu-a Moisés e a deu aos sacerdotes... Ordenou-lhes Moisés dizendo: ...ajuntai o povo, os homens, as mulheres, os meninos e o estrangeiro que está dentro da vossa cidade, para que ouçam, e aprendam, e temam o Senhor, vosso Deus, e cuidem de cumprir todas as palavras desta lei; para que seus filhos que não a souberem ouçam e aprendam a temer o Senhor, vosso Deus, todos os dias que viverdes sobre a terra à qual ides, passando o Jordão, para possuir (Dt. 31.9-13).

O conceito de uma comunidade pactual é tão estranho à nossa natureza decaída que a nossa natureza redimida luta para crer nela e praticá-la. A tendência cultural para a privatização e para o individualismo não é de modo algum algo novo. É simplesmente uma fotografia geral da tendência inerente à nossa natureza pecaminosa. Ela teve início no Éden quando Adão culpou Eva e se recusou a aceitar a responsabilidade pelas suas atitudes. Foi dramaticamente perpetuada no seu filho, Caim. Depois que Caim matou o seu irmão, Deus lhe perguntou: "Onde está Abel, teu irmão?" A resposta de Caim é a resposta de um homem decaído: "Não sei; acaso, sou eu tutor de meu irmão?" (Gn. 4.9). Caim não tinha a menor noção de que a resposta era sim. Somos guardadores de nossos irmãos e irmãs.

É interessante que, embora a comunidade vá contra a tendência da nossa natureza decaída, desejamos fazer parte do grupo. Gostamos de andar em bando. Apreciamos ter um amigo íntimo. Desejamos ser aceitos pelo grupo. Essa necessidade tem se intensificado em nossos dias, e a igreja está capitalizando sobre isso com sua ênfase especial nos pequenos grupos, grupos de cuidados, grupos de afinidades, grupos de apoio e qualquer outro tipo de grupo imaginável.

Essas tentativas de satisfazer às necessidades interiores são, com muita freqüência, formas sem substância. Elas estão baseadas numa necessidade pecaminosa de "fazer com que eu me sinta melhor" e não sobre um desejo santo de refletir o meu relacionamento pactual com o Senhor Deus ao amar meus irmãos e irmãs com o Pai ama a mim. A igreja deve ser zelosa no cultivo da comunidade entre os crentes. Porém, a não ser que os membros dessa comunidade compreendam que ela foi estabelecida por um ato de livre graça de

Deus e que a existência e o propósito desses membros deve ser a glória de Deus e não a sua felicidade pessoal, eles não terão a substância necessária para sustentar as estruturas que estabeleceram. Se esses grupos forem autônomos e centrados em si mesmos, eles fracassarão quando cada necessidade individual deixar de ser atendida.

Adoção

Entrada para a comunidade da aliança

O plano de adoção de Deus foi assentado antes do início dos tempos. “Assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade...” (Ef. 1.4,5).

Quando Deus nos adota na sua família, tornamo-nos co-herdeiros com o seu filho unigênito, Jesus, e com os outros filhos adotados. Somos uma família. Deus nos adota na sua família com base na obra realizada por Jesus Cristo em nosso favor. Não há nada em nós que o tenha forçado a escolher-nos para levar o seu nome. A vida comunitária na igreja será tão inútil e vazia quanto a vida em qualquer outra comunidade a não ser que esteja fundamentada na nossa adoção.

Em resposta à pergunta “O que é adoção?”, o Breve Catecismo de Westminster responde: “Adoção é um ato livre da graça de Deus, pelo qual somos recebidos no número dos filhos de Deus, e temos direito a todos os seus privilégios”.3

A Confissão de Westminster afirma:

A todos os que são justificados, Deus se digna fazer participantes da graça da adoção em seu único filho Jesus Cristo e por ele. Por essa graça, eles são recebidos no número e gozam a liberdade e os privilégios dos filhos de Deus, têm sobre si o nome dele, e recebem o Espírito de adoção, têm acesso, com

ousadia, ao trono da graça, e são habilitados a clamar “Abba, Pai”; são tratados com piedade, protegidos, providos e corrigidos por ele, como por um pai; nunca, porém, abandonados, mas selados para o dia da redenção, e recebem as promessas como herdeiros da eterna salvação.4

Paige Benton trabalha na Vanderbilt University como auxiliar do Reformed University Ministries. Num dos seus boletins, ela escreveu, à sua maneira peculiar:

...Hoje é véspera de Natal. Então, é claro que esta noite teremos que enfeitar a árvore. E nós ganhamos os restos dos enfeites deselegantes – dos reis magos aos Smurfs (simplesmente não conseguimos aceitar que eles pertencem à Nova Era).

Um momento – isto é um boletim... este semestre eu passei muitas horas com uma caloura que é uma cristã nova. Depois de vários encontros, seus arrebatamentos gregários se acalmaram o suficiente para que eu sentisse que ela estava sendo atormentada por uma incerteza não-expressada. Convencida da genuinidade da sua conversão, eu expliquei de novo que a justificação é um veredicto legal no tribunal do céu que nenhum pecado ou diminuição do amor da nossa parte pode mudar. Ainda incerteza. Eu a incentivei a usar os meios de graça. Ela fez isso com ardor – a incerteza ainda persistia. Estudamos as passagens que ensinam que Deus preserva o seu povo. Ela as sublinhou, mas ainda sem confiança.

O que eu havia esquecido de mencionar? ADOÇÃO! Essa garota estava vivendo como uma filha adotiva, em cujo cerne está todo o conceito de período de experiência. Quando eu disse a ela que ela é na verdade uma filha de Deus em Cristo, que o Pai a ama tanto quanto ele ama o seu próprio Filho, que ela não poderia ser esquecida a menos que Jesus fosse expulso do paraíso... bem, só posso dizer que ela é uma menina diferente, e que o tempo que passamos juntas não é gasto em indagação, mas em celebração.

Agora, voltemos à decoração da árvore desta noite. Por que a minha mãe (que, por sinal, é muito refinada) insiste em pendurar essas relíquias católico-romanas? É simples. Porque elas são nossas – do Louis, da Laura, minhas. Ela não vê alumínio, feltro, plástico, peças de gosto duvidoso. Ela nos vê nas idades

de 3, 8, 11, 14 anos. Exatamente como sempre fez, ela enfeita a árvore para os seus filhos.

Você quer saber de uma coisa espantosa? O Senhor Jesus é enfeitado com os filhos de Deus. Por que o todo-poderoso Deus insiste em apegar-se a nós, relíquias caídas e inúteis? Simplesmente porque nós somos dele. O Pai não vê a nossa deselegância deplorável; para ele, nós somos parecidos com o seu Filho. Embrulhados em Cristo, nós somos jóias, luzes, tesouros, estrelas, o próprio brilho dos seus olhos. Mal posso esperar para voltar e dizer à minha jovem amiga que nós não somos apenas filhas do Rei; somos os seus ornamentos!

Pense nisto, todo o meu trabalho é dizer aos alunos que nós somos os herdeiros da sua herança, os mimos da sua graça. Você não fica com inveja?5

A comunidade da aliança não é uma tentativa egoísta de satisfazer às minhas necessidades. A comunidade da aliança é um conglomerado desordenado e maravilhoso dos filhos de Deus, a maioria dos quais provavelmente tem pouco em comum exceto o nosso parentesco com o nosso irmão mais velho, Jesus. Mas é esse parentesco que nos mantém juntos num vínculo eterno. Deus estabelece essa comunidade. Nós temos o privilégio e a responsabilidade de manter, nutrir e cultivar uma vida comunitária que seja uma evidência forte da nossa adoção.

Quando nós percebemos que a nossa adoção é permanente, temos a coragem de celebrar a nossa identidade por sermos semelhantes ao nosso Pai e agirmos como ele. Reconhecemos e amamos os nossos irmãos e irmãs porque eles também se parecem com ele e agem como ele. Porém, mesmo quando eles falham em parecer que fazem parte da família, nós os amamos porque o nosso Pai nos ama quando nós falhamos em assemelhar-nos a ele.

Lições do Antigo Testamento

Desde o início Deus trabalhou com famílias. Em certo momento ao longo da História, ele chamou uma família e prometeu: “De ti farei uma grande nação”

(Gn 12.2). O Israel do Antigo Testamento é a imagem física da realidade espiritual da igreja. As histórias e as celebrações do Antigo Testamento nos ensinam a respeito do modo pactual de vida.

Uma dessas celebrações era o sinal da aliança dado aos crentes e aos seus filhos. Deus disse a Abraão: “Guardarás a minha aliança, tu e a tua descendência no decurso das suas gerações... todo macho entre vós será circuncidado... será isso por sinal de aliança entre mim e vós. O que tem oito dias será circuncidado entre vós, todo macho nas vossas gerações... a minha aliança estará na vossa carne e será aliança perpétua. O incircunciso, que não for circuncidado na carne do prepúcio, essa vida será eliminada do seu povo; quebrou minha aliança” (Gn 17.9-14). Essa marca de identificação é um sinal que aponta para a promessa de que “Eu sou o seu Deus, vocês são o meu povo, eu viverei no meio de vocês”, e é o selo de que essa promessa traz consigo a autoridade do Rei. É, também, sinal de uma solidariedade comunitária. Qualquer pessoa que não fosse circuncidada era excluída da comunidade. A partir da ressurreição de Jesus, o sinal e selo de nossa participação com Cristo é o batismo.

Outra celebração era a Páscoa. Quando, no desenrolar da história de Israel, o povo atingiu o tempo do seu livramento da escravidão no Egito, Deus não apressou o processo. Ele o planejou de modo que o povo se alongasse deliberadamente em cada detalhe do acontecimento de modo que eles o pudessem reencenar para as gerações vindouras. Cada família da comunidade da aliança passou pelo mesmo exato ritual e na mesma hora. Deus disse a Moisés:

Falai a toda congregação de Israel dizendo: Aos dez deste mês, cada um tomará para si um cordeiro, segundo a casa dos pais, um cordeiro para cada família... e o guardareis até o décimo quarto dia deste mês, e todo o ajuntamento da congregação de Israel o imolará no crepúsculo da tarde. Tomarão do sangue e o porão em ambas as ombreiras e na verga da porta, nas casa em que o comerem... O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando eu vir o sangue, passarei por vós... Este dia vos será por memorial e o celebrareis como solenidade ao Senhor; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo... Quando vossos filhos vos perguntarem: Que rito é este? Respondereis: É o sacrifício da Páscoa ao Senhor que passou por cima das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios e livrou as nossas casas.

A reencenação simultânea dessa celebração pelas famílias certamente contribuía para uma solidariedade comunitária. Desde a ressurreição de Jesus, nosso cordeiro pascal, esse sinal e selo da promessa pactual de Deus é a Ceia do Senhor.

Durante a peregrinação pelo deserto, até mesmo o arranjo das tendas familiares era uma lembrança, uma evocação da promessa: “Eu sou o seu Deus, vocês são o meu povo, eu habito com vocês”. Deus deu a Moisés instruções explícitas para a construção do tabernáculo. Toda a sua estrutura representa uma ilustração da mensagem evangélica. Moisés cuidou de cada detalhe da construção como Deus lhe ordenara. “Então, a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo... De dia a nuvem do Senhor repousava sobre o tabernáculo, e, de noite havia fogo nela, à vista de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas” (Êx 40.34-38).

O Senhor ordenou que o tabernáculo fosse colocado no centro do acampamento. “Disse o Senhor a Moisés e Arão: Os filhos de Israel se acamparão junto ao seu estandarte, segundo as insígnias da casa de seus pais; ao redor, de frente para a tenda da congregação, se acamparão... Assim fizeram os filhos de Israel; conforme tudo o que o Senhor ordenara a Moisés, se acamparam segundo os seus estandartes e assim marcharam, cada qual segundo as suas famílias, segundo a casa de seus pais” (Nm 2).

Onde quer que a pessoa morasse, ao sair da sua tenda ela contemplaria a glória. A centralidade da presença de Deus dominava a vida comunitária.

Depois que Israel se estabeleceu na terra da promessa, o templo substituiu o tabernáculo. Salomão construiu o templo exatamente no lugar onde, muitos séculos antes, Abraão havia se preparado, buscando coragem para sacrificar o seu filho Isaque, tendo recebido no lugar dele um substituto – um cordeiro preso numa moita. Durante a cerimônia de dedicação do templo, Salomão orou, e então “desceu fogo do céu e consumiu o holocausto e os sacrifícios; e a glória do Senhor encheu a casa” (2Cr 7.1). Depois de quase um mês de celebração, o povo retornou aos seus lares e Deus conversou com Salomão.

De noite, apareceu a Senhor a Salomão e lhe disse: Ouvi a tua oração e escolhi para mim este lugar para a casa do sacrifício. Se eu cerrar os céus de modo que não haja chuva, ou se ordenar aos gafanhotos que consumam a terra, ou se enviar a peste entre o meu povo; se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter de seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra. Estarão abertos os meus olhos e atentos os meus ouvidos à oração que se fizer neste lugar. Porque escolhi e santifiquei esta casa, para que nela esteja o meu nome perpetuamente; nela, estarão fixos os meus olhos e o meu coração todos os dias.

2 Crônicas 7.12-16

Que promessa! A realidade gloriosa é que hoje não precisamos mais sair da nossa tenda para sermos relembrados da presença de Deus. Precisamos apenas olhar para o nosso coração. “Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus?” (1Co 6.19). O templo não se localiza mais sobre um monte. Ele está nos corações do povo de Deus.

A promessa é a mesma: “Escolhi e santifiquei esta casa para que nela esteja o meu nome perpetuamente; nela, estarão fixos os meus olhos e o meu coração todos os dias”.

Por causa da aliança, os olhos e o coração do Rei estão continuamente sobre a sua igreja... se... se o povo de Deus viver humildemente em comunhão uns com os outros, se orar e buscar a sua face e se converter de seus maus caminhos, então a glória da sua presença repousará sobre nós e nos distinguirá de todos os outros povos da face da terra (ver Êx 33.16).

Os olhos e o coração do Pai estão sobre nós individualmente, mas quando nos reunimos como sua igreja, essa glória deveria se tornar um espetáculo tão maravilhoso da graça, que a própria cultura na qual vivemos seria tocada por essa graça.

Deus, então, disse a Salomão: “se andares diante de mim... e fizeres segundo tudo o que te ordenei, e guardares os meus estatutos e os meus juízos” (2Cr 7.17). Estas são questões instrucionais. Decretos e leis devem ser ensinados ao povo de Deus. Todos devem aprender como viver no contexto da aliança diante do pai e uns com os outros.

Lições do Novo Testamento

O Novo Testamento é o cumprimento da promessa feita no Antigo Testamento. Jesus é a mensagem de ambos os testamentos. Ele é o mediador da aliança. Ele é o nosso parente-redentor que paga o preço da redenção a fim de nos comprar para o seu Pai. Ele é o nosso irmão mais velho que reparte conosco a sua herança. O Novo Testamento fala sobre a nossa redenção pessoal, mas também nos ensina a respeito da nossa identidade corporativa.

Jesus deixou absolutamente claro que a marca identificadora dessa comunidade é o amor. “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13.34,35).

Logo depois que Pedro terminou o seu sermão do Pentecoste, diante de uma grande multidão, “Ouvindo eles estas coisas compungiu-se-lhes o coração e perguntaram... Que faremos, irmãos? Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos que ainda estão longe, isto é, para quanto o Senhor, nosso Deus, chamar... Então, os que lhe aceitaram a palavra foram batizados, havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas” (At 2.37-39,41).

E imediatamente teve início a vida comunitária.

E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas

orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo.

Atos 2.42-47a

Havia ensino e comunhão – conteúdo e contexto – e o resultado foi fantástico. “Enquanto isto, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (At 2.47b).

Paulo escreveu à igreja em Éfeso: “... Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual estais sendo edificados para a habitação de Deus no Espírito” (Ef. 2.19-22).

Pedro escreveu à igreja espalhada pelo Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia: “Vós, porem, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançaste misericórdia” (1Pe 2.9,10).

Ser membro da comunidade não é algo opcional para os filhos de Deus. Somos parte da família. Entretanto, alguns consideram essa participação preciosa, enquanto outros a ignoram ou são indiferentes a ela. O valor que damos aos nossos privilégios e responsabilidades como membros da comunidade é um forte indicador da qualidade do nosso relacionamento com o Rei deste reino.

Exemplo histórico

Depois do Novo Testamento, foram provavelmente os puritanos que nos deram o mais nítido e bem delineado exemplo do conteúdo da aliança por meio da formulação de um conceito de comunidade. Em 1630, onze navios aportaram nas praias de Massachusetts. John Winthrop, o líder do grupo, escreveu um sermão leigo intitulado “Um Modelo de Caridade”, “no qual expressou a sua intenção de reunir o seu povo em torno de um propósito único e singular – a criação de uma forma adequada de governo eclesiástico bem como civil, de sorte que a comunidade formada por esse grupo fosse um modelo a ser imitado pelo mundo cristão. A nossa comunidade, disse ele, deveria ser ‘uma cidade sobre um monte’”.6 Depois de enumerar as razões e as características dessa comunidade, ele concluiu com estas palavras veementes:

Então, o único meio de realizarmos esse objetivo e provermos a subsistência da nossa posteridade será seguir o conselho de Miquéias: “praticar a justiça, amar a misericórdia e andar humildemente com nosso Deus”. Para isso, precisamos estar entrelaçados e firmemente unidos como um só homem; devemos nos relacionar uns com os outros com afeição fraternal;... devemos ter prazer na convivência mútua, assumir a condição dos outros como nossa, regozijar-nos juntos, chorar juntos, trabalhar e sofrer juntos, sempre tendo diante de nossos olhos a nossa incumbência e a comunidade nesse trabalho, a nossa comunidade como membros do mesmo corpo. Assim manteremos a unidade do Espírito no vínculo da paz. O Senhor será o nosso Deus e se regozijará por habitar entre nós, como o seu próprio povo e nos abençoará em todos os nossos caminhos, de modo que veremos muito mais da sabedoria, do poder, da bondade e da fidelidade dele do que anteriormente conhecemos. Reconheceremos que o Deus de Israel está entre nós – quando dez de nós forem capazes de resistir a mil de nossos inimigos, quando ele fizer de nós um louvor e glória, de modo que os homens de outras colônias dirão: O Senhor a transforme em algo semelhante àquela da Nova Inglaterra. Pois devemos considerar que nós seremos como uma cidade sobre um Monte...

Amados, agora estão colocados diante de nós a vida e o bem, a morte e o mal, pois somos hoje ordenados a amar o Senhor nosso Deus, e a nos amarmos uns

aos outros, a andar nos seus caminhos e a guardar os seus mandamentos, ordenanças e leis e as cláusulas de nossa aliança com ele para que vivamos e nos multipliquemos, e para que o Senhor nosso Deus nos abençoe na terra que vamos possuir. Porém, se o nosso coração se desviar e desobedecermos, e formos seduzidos e adorarmos outros deuses, outros prazeres e lucros e os servirmos; então, hoje declaro que certamente pereceremos nesta terra pela qual atravessamos este vasto mar para possuir.

Portanto, escolhamos a vida para que tanto nós quanto a nossa descendência vivam; pela obediência à sua voz, e apegando-nos a ele, pois ele é a nossa vida e a nossa prosperidade.7

Esse conceito foi formulado pela vigorosa teologia dos puritanos. Sua sistemática abordagem cristocêntrica da fé e da vida foi claramente documentada na Confissão de Fé de Westminster. O capítulo sobre a Comunhão dos Santos afirma:

Todos os santos que, pelo Espírito de Deus e pela fé, estão unidos a Jesus Cristo, seu Cabeça, têm comunhão com ele nas suas graças, nos seus sofrimentos, na sua morte, na sua ressurreição e na sua glória, e, estando unidos uns com os outros em amor, participam dos mesmos dons e graças e estão obrigados ao cumprimento dos deveres públicos e particulares que contribuem para o seu mútuo proveito, tanto no homem interior como no exterior.

Os santos são, pela profissão de fé, obrigados a manter uma santa sociedade e comunhão no culto de Deus e na realização de outros serviços espirituais que contribuem para a sua mútua edificação, bem como a socorrer uns aos outros em coisas materiais, segundo as suas várias habilidades e necessidades; essa comunhão, conforme Deus oferecer ocasião, deve estender-se a todos aqueles que, em todo lugar, invocam o nome do Senhor Jesus.8

Todos os que estão unidos a Jesus estão unidos uns aos outros em amor. Somos obrigados a compartilhar as nossas dádivas e bênçãos uns com os outros. Temos o dever de manter uma santa comunhão. Essas são palavras veementes para o

tipo de orientação egocêntrica, baseadas nas necessidades individuais dos freqüentadores das igrejas de nossos dias. A igreja não deve capitular diante dessa orientação. Devemos confrontá-la pelo ensino do conteúdo da aliança no contexto de uma autêntica comunidade pactual que valoriza os privilégios e as responsabilidades da aliança.

Obstáculos

Muitas circunstâncias da vida atual dificultam a nossa comunhão e convivência pactual, mas sempre houve barreiras para uma experiência de vida no contexto da aliança. Os nossos desejos pecaminosos unem forças com uma cultura estranha para travar uma incessante batalha pela nossa lealdade e submissão. Há, também, as realidades da vida moderna. Vivemos em locais onde as nossas vidas não se cruzam, a não ser na igreja. Não encontramos outros irmãos da nossa comunidade nos supermercados, no trabalho ou nos campos de futebol. Junte-se a isso os ministérios especializados das igrejas para faixas etárias específicas, e a vida comunitária fica marginalizada.

Os obstáculos não nos desculpam. Eles significam simplesmente que devemos confrontá-los decididamente e cultivar entusiasticamente a vida comunitária na nossa igreja. Mas não devemos nunca estabelecer estruturas comunitárias sem ensinar cuidadosamente porquê fazemos o que fazemos. A coroa e a aliança de Cristo devem ser o incentivo, a visão e o tesouro da nossa vida comunitária pactual.

Tesouro familiar

Após uma magnífica doxologia de louvor à supremacia de Cristo, Paulo escreveu à igreja em Colossos: “Gostaria, pois, que soubésseis quão grande luta venho mantendo por vós, pelos laodicenses e por quantos não me viram face a face, para que o coração deles seja confortado e vinculado juntamente em amor,

e eles tenham toda a riqueza da forte convicção do entendimento, para compreenderem plenamente o mistério de Deus, Cristo, em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos" (Cl 2.1-3). Essa é uma afirmação clara da necessidade de um envolvimento da mente e do coração na vida da igreja.

O tesouro é o próprio Cristo. Conhecê-lo libera tesouros preciosos de sabedoria e conhecimento. Entretanto, perceba que Paulo deseja que os colossenses cultivem um ambiente de encorajamento e unidade que reflita a realidade de Cristo de maneira que eles possam descobrir esses tesouros.

Os tesouros serão compreendidos num nível mais profundo quando o nosso coração se sente encorajado e unido aos outros em amor. Quando há altercações familiares ou mesmo insensível indiferença, nós nos privamos de parte da nossa herança.

Aprender a compartilhar as nossas bênçãos e dádivas uns com os outros, de maneira que os membros da família da igreja sintam seus corações encorajados e sejam unidos em amor é um processo instrucional. Assim como precisamos ensinar aos nossos filhos como eles devem tratar uns aos outros, o nosso Pai Celeste nos ensina, na sua Palavra, que devemos servir uns aos outros (Jo 13.1-15), a "Amar-nos cordialmente uns aos outros" (Rm 12.10), a "sermos uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-nos uns aos outros" (Ef 4.32), "exortando-nos mutuamente cada dia" (Hb 3.13), e "orando uns pelos outros" (Tg 5.16).

Mas Deus não nos dá apenas uma lista de regras familiares. Ele nos dá a graça para seguir as suas regras. Seu Espírito produz em nós o fruto de amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio (Gl 5.22,23) e nos capacita a agir como o nosso Pai. E o nosso Irmão mais velho intercede por nós diante do trono do Pai.

A oração do nosso irmão primogênito

Pouco antes de ser preso, julgado e crucificado, Jesus orou. Nessa oração ele

inclui todos os crentes de todas as eras. Ele orou por você e por mim.

Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim.

João 17.20-23

O mundo crerá que Deus enviou Jesus porque não poderá negar as evidências disso nos seus filhos. Somos naturalmente inclinados ao individualismo egoísta. Quando o mundo percebe verdadeira unidade / comunidade, ele sente a necessidade de avaliar uma realidade que não consegue imitar. Porém, essa unidade é impossível à parte da glória da presença de Deus, que é a sua dádiva para nós.

Nessa oração, nós ouvimos o coração de Jesus. “Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo” (Jo 17.24).

Espantoso! O Filho Unigênito almeja compartilhar a sua legítima herança com os filhos adotivos do seu Pai. E ele quer que tenhamos parte dessa herança imediatamente. “Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci, e também estes compreenderam que tu me enviaste. Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja” (Jo 17.25,26).

Jesus continua a tornar o Pai conhecido para nós por meio da sua Palavra e do seu Espírito. Quando mais conhecermos o Pai, mais poderemos refleti-lo entre nós. Quando mais cheios estivermos do seu amor, mais seremos capazes de nos

amar. Essa será a marca que distinguirá a nossa comunidade de todas as outras comunidades sobre a face da terra.

Conhecer o conteúdo da aliança da graça e deixar de tocar nossos irmãos e irmãs com essa mesma graça é negar o seu poder. Entretanto, a unidade amorosa da comunidade da aliança é uma irresistível evidência da realidade do evangelho diante do mundo.

Ponto central

Eu costumava rir quando a minha mãe me mostrava uma relíquia de família e dizia: “Lembre-se, isto não é um traste; é a forma de manteiga que a sua bisavó usava. Quando eu for para o céu, não a venda num bazar de coisas velhas”.

Já não acho mais engraçado. Inclusive, gravei a sua voz contando-nos as histórias de todos esses tesouros. Quero ter certeza de que saberei contá-las de maneira certa aos meus netos.

Gene e eu estamos cada vez mais interessados e determinados em planejar férias familiares e celebrações que criem memórias e perpetuem tradições. Contamos histórias da família aos nossos netos; fazemos o culto doméstico e memorizamos versículos bíblicos para que os “primos” se lembrem que aprenderam todas essas coisas juntos. Tiramos muitas fotografias, brincamos juntos e oramos juntos.

Deus nos contou histórias. Ele nos concedeu preciosas recordações. Existe uma história familiar com celebrações e tradições que deve ser acolhida e apreciada pela sua família. Há um tesouro familiar a ser descoberto e compartilhado. E há bastante para todos. Não precisamos brigar por causa dessa herança. Nesse tipo de economia, quanto mais damos, mais temos.



Pergunta: Por que é importante ensinar o conteúdo da aliança no contexto da comunidade da aliança?

Resposta: O nosso relacionamento pactual com Deus deve se refletir nos nossos relacionamentos com os outros filhos adotivos do Pai, de sorte que possamos descobrir a plenitude das riquezas da nossa herança em Cristo e demonstrar, para um mundo observador, a realidade do evangelho da graça.

Tornando-se um guardador da aliança

Leia Colossenses 1 e reflita sobre o conteúdo e o contexto da aliança. Relacione o que você aprendeu sobre Cristo. Então, relacione as evidências da vida pactual entre as pessoas em Colossos. Lembre-se de que essas evidências da vida pactual são o resultado, não a causa da sua libertação do reino das trevas para o reino da luz.

Memorize Colossenses 2.2,3. Faça essa oração pela sua igreja todos os dias durante uma semana. Escreva suas considerações sobre a aplicação desses versículos para a sua família da igreja.

Leia a oração de Jesus pelo seu povo da aliança em João 17. Sua vida é uma resposta a essa oração? O amor existente entre os membros da família da aliança na sua igreja é uma evidência irresistível do evangelho da graça?

Leia os versículos abaixo e relacione as “regras familiares”. Ore por maior obediência a essas ordens. Ore pela obediência corporativa da sua igreja a estas regras familiares. Quais seriam algumas maneiras pelas quais a sua família, a sua classe da Escola Dominical ou o pequeno grupo de estudo bíblico poderiam obedecer a essas determinações?

Romanos 14.13,19
Romanos 15.5-7
Efésios 4.2,3,32
Efésios 5.21
Tiago 5.9,16,19,20
1 Tessalonicenses 5-15
Hebreus 10.24,25
Tiago 4.11
1 Pedro 4.8-10

Projeto de instrução cristã

A Comissão de Instrução Cristã pode cultivar um sentido de comunidade ao escolher um tema para o programa instrucional da igreja como um todo. Podemos usar temas como “Edificando a Família da Aliança de Deus” ou “Pela Coroa e Aliança de Cristo”. Escolha também um versículo bíblico e um hino para apoiar o tema.

Escreva uma declaração de propósito que explique claramente a visão e a estratégia que será aplicada. Por exemplo:

O tema para Instrução Cristã do próximo ano será: “Pela Coroa e Aliança de Cristo”. O versículo-chave será: “Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles” (Ap 21.3). O hino escolhido será “A Cristo Coroai”.

Objetivo – Para que a nossa igreja cresça em sua compreensão do reinado e aliança de Cristo, para celebrarmos o nosso relacionamento com ele e com o seu povo da aliança, e autenticarmos esse relacionamento pelo fato de viver pactualmente uns com os outros.

Estratégia – Os trabalhos da igreja para o próximo ano terão início com uma série de sermões sobre o tema proposto. Cada departamento particular dentro do nosso programa instrucional deverá escolher pelo menos uma maneira de celebrar a Aliança e Coroa de Cristo e um modo de manter uma “santa comunhão” (Confissão de Fé de Westminster, XXXVI.2).

Convoque uma reunião de planejamento e peça ao líder de cada departamento individual que venha preparado para apresentar seus planos para colocar o tema em prática. Será proveitoso que cada grupo ouça os planos dos outros. À medida

que idéias individuais são compartilhadas, o grupo começará a atingir uma visão de como os planos poderão ser implementados e planejados dentro do calendário da igreja.

Ao longo de todo o ano use flâmulas, quadro de avisos, propaganda e testemunhos para manter o tema sempre diante da congregação. O tema não deve se tornar apenas um lema. Deve ser uma ferramenta instrucional. Eventos, publicidades e projetos devem apresentar uma integridade teológica e instrucional. Por exemplo, se os adolescentes providenciarem um serviço de cuidado para as crianças pequenas, de modo que a classe dos jovens adultos possa participar de uma festa, ajude os adolescentes a perceberem que a atitude deles ajuda a “manter uma santa comunhão”. Se as mulheres estão planejando um retiro, a publicidade a respeito desse trabalho poderá explicar que o objetivo do retiro é que as mulheres desenvolvam um relacionamento pactual umas com as outras.

O versículo e o hino escolhidos podem ser ensinados nas classes e usados durante os cultos. As famílias podem ser incentivadas a usá-los, também, no culto doméstico. Uma lista de livros pertinentes ao assunto e próprios para cada idade poderá também ser sugerida. Todas essas experiências compartilhadas ensinarão o conteúdo da aliança à medida que cultivam um contexto de vida comunitária.

3



O livro da aliança



Vivendo e ensinando no contexto da aliança

Uma professora da Escola Dominical

Quando eu tinha cerca de 12 anos de idade, meu pai se interessou por uma nova igreja presbiteriana em Baltimore, Maryland. Ele decidiu que, enquanto seus oito filhos estivessem morando em casa, todos deveriam freqüentar os trabalhos da igreja com ele. Ele assumiu um compromisso extraordinário, uma vez que a igreja ficava a 45 minutos da nossa casa.

O Senhor abençoou essa igreja com um bom pastor e com professores da Escola Dominical que demonstravam um profundo interesse pelos seus alunos. Nessa época, eu não era cristão. Minha professora da escola dominical era uma senhora de meia-idade, chamada Wilhide, que insistia em ensinar uma classe de meninos entre 10 e 13 anos de idade. Ela começava cada aula convidando cada um dos meninos a orar. Embora alguns de nós não tivéssemos muita experiência com oração, ela nos dizia: “S vocês não sabem como orar, apenas digam ao Senhor, ‘Deus, tenha misericórdia de mim, um pecador e salva-me em nome de Cristo’”. Levou algum tempo, mas muitos meninos da classe vieram a compreender o significado dessas palavras e se tornaram cristãos.

O maior impacto que Miss Wilhide exerceu na minha vida foi o interesse especial que ela demonstrou por mim como um dos seus meninos. No primeiro verão que passamos na igreja, os jovens foram convidados a guardar dinheiro para um acampamento. Minha família era pobre e eu não tinha nenhuma possibilidade de ir. Miss Wilhide soube da minha necessidade e fez algo extraordinário. Ela pegou o pouco dinheiro que tinha e pagou a minha ida ao acampamento. É necessário dizer que a minha professora não tinha nenhum parente que pudesse sustentá-la. Ela conseguia manter-se tomando conta de crianças alguns dias por semana. Embora tivesse tão pouco, ela usou o que tinha para permitir que o milagre da graça do Senhor operasse na minha vida por meio da conversão. Seu sacrifício, ao permitir que eu fosse ao acampamento, na

realidade mudou a minha vida e afinal conduziu-me para o ministério e para o campo missionário.

Anos mais tarde, ao visitar um amigo que também havia sido aluno de Miss Wilhide, e agora era professor de hebraico no Seminário, ele me contou que ela havia dado a ele a possibilidade de ir a um retiro que mudara a sua vida. Ambos ficamos atônitos em pensar que essa senhora houvesse feito um investimento tão grande em nossas vidas, mesmo possuindo tão pouco dinheiro. Mas, por que deveríamos nos surpreender? As Escrituras nos dizem que Deus abençoa a pequena quantia da viúva, de sorte que o seu pouco realiza mais do que seria possível imaginar.

Miss Wilhide morava só e, aparentemente, não tinha parentes, mas reuniu ao seu redor um grupo de meninos aos quais ela foi capaz de influenciar com o evangelho. Pela graça de Deus, eu fui um desses meninos, e tenho agradecido ao Senhor desde então.

Robert Auffarth

Newark, Delaware.

O livro da aliança

Se o único meio eficaz de ensinar o conteúdo da aliança é fazê-lo no contexto de uma comunidade da aliança, como exatamente fazemos isso? Qualquer discussão sobre como fazer deve começar com o manual de instruções. O Senhor nos deu o seu livro da aliança. Ele é a nossa autoridade. É nossa regra de fé e prática.

As três primeiras perguntas do Breve Catecismo de Westminster colocam o assunto diante de nós de maneira clara e concisa.

P. 1. Qual é o fim principal do homem?

R. O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre.

P. 2. Que regra Deus nos deu para nos dirigir na maneira de glorificá-lo e gozá-lo?

R. A Palavra de Deus, que se acha nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos, é a única regra para nos dirigir na maneira de glorificá-lo e gozá-lo.

P. 3. O que as Escrituras principalmente ensinam?

R. As Escrituras ensinam, principalmente, o que o homem deve crer a respeito de Deus, e o dever que Deus requer do homem.

A Palavra de Deus nos diz em que devemos crer e como devemos viver. Ela é a nossa regra porque traz a mensagem da verdade de Deus para nós.

Mantenedora da verdade

A igreja foi designada por Deus como “coluna e baluarte da verdade” (1Tm 3.15). Ao comentar sobre esse versículo, Lewis Berkhoff escreveu:

A figura de linguagem expressa o fato de que a igreja é a guardiã da verdade, a cidadela da verdade, e a defensora da verdade contra todos os inimigos do reino de Deus. Ao entregar a sua Palavra à igreja, Deus a constituiu como guardadora do precioso depósito da verdade. Enquanto forças hostis se opõem a ela e o poder do erro se apresenta em todos os lugares, a igreja deve zelar para que a verdade não desapareça da terra, para que o livro inspirado, no qual ela está encerrada, seja mantido puro e sem mutilações, de modo que o seu propósito não seja frustrado ou anulado, e ela seja passada fielmente de geração em geração. A igreja tem a grande e responsável tarefa de manter e defender a verdade contra todas as forças da descrença e do erro.1

João Calvino escreveu:

Temos estabelecido que as marcas distintivas da igreja são a pregação da Palavra e a observância dos sacramentos... Não é sem razão que ela (a igreja) é chamada “a coluna e baluarte da verdade” e “a casa de Deus” (1Tm 3.15). Com essas palavras Paulo indica que a igreja é a fiel guardadora da verdade de Deus, para que ela não pereça no mundo. Pois por meio do seu ministério e do seu serviço, Deus desejou manter pura a pregação de sua Palavra e se apresentar como Pai de uma família à medida que ele nos alimenta com o pão espiritual e proporciona tudo de que precisamos para a nossa salvação.2

Uma igreja verdadeira propositadamente manterá, guardará e ensinará a verdade de Deus. Todos os esforços devem ser feitos para garantir que a igreja “maneje bem a palavra da verdade” (2Tm 2.15) ensinando-a em toda sua plenitude. A Bíblia não é simplesmente uma coleção desconexa de histórias. É Deus revelando-se a si mesmo. É a sua história da redenção do seu povo.

No seu livro Christ-Centered Preaching (Pregação centrada em Cristo), o Dr. Bryan Chapell dá aos pregadores instruções que são aplicáveis e importantes para todos aqueles que desejam compreender e ensinar corretamente a palavra de Deus:

É possível que a dimensão redentora de uma passagem particular das Escrituras não pareça dominar o seu panorama total, pois os aspectos redentores de uma passagem algumas vezes aparecem apenas como sementes, assim como acontece com a revelação. No entanto, para apresentar e comentar a revelação convenientemente, precisamos perceber o seu conteúdo e o contexto redentor. Devemos estabelecer um relacionamento até mesmo dos aspectos germinais de uma passagem com a mensagem madura que eles sinalizam, ou para a qual eles nos preparam, a fim de interpretarmos de modo total e exato o significado da passagem. Você não conseguirá explicar o que é uma castanha, mesmo se disser muitas coisas verdadeiras a respeito dela (por exemplo: ela é marrom, tem casca, pode ser encontrada no chão, os esquilos se alimentam dela), se, de algum modo, você não a relacionar com um carvalho. Do mesmo modo, os pregadores não poderão explicar com propriedade a revelação bíblica, ainda que digam muitas coisas verdadeiras a seu respeito, sem que estabeleçam o relacionamento entre a passagem e a obra redentora de Deus a qual, em última análise, toda Escritura se propõe revelar.3

A igreja não deve ensinar apenas o que diz respeito às castanhas (pessoas e acontecimentos). Ela deve falar sobre a árvore (a redenção). Para isso, é preciso uma perspectiva pactual.

Uma perspectiva pactual das Escrituras

A Bíblia é um documento pactual. Ela revela o Iniciador, a promessa e os termos do pacto ou aliança. O Cristianismo não é simplesmente um código moral; é um relacionamento de aliança com o Deus vivo. É impossível um relacionamento sem conhecimento.

Nas Escrituras, Deus se dá a conhecer ao seu povo. Na Palavra escrita, o Deus vivo se revela. Por essa razão, o salmista escreveu que a Palavra de Deus revigora a alma, torna sábio o simples, dá alegria ao coração e luz aos olhos, e é mais preciosa que o ouro e mais doce que o mel (Sl 119). Por essa razão, Paulo pode escrever a Timóteo que as Escrituras poderiam torná-lo "Sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" e que "Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão para a correção, para educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2Tm 3.15-17).

Nas Escrituras, Deus nos ensina a respeito de nós mesmos. Aprendemos que as nossas tendências pecaminosas são manifestações de nossa natureza pecaminosa. Aprendemos que os nossos pecados nos separam da presença de Deus. Compreendemos a nossa desesperada necessidade de um Mediador que se apresente diante de Deus em nosso favor.

Nas Escrituras, aprendemos que Jesus, o Mediador da aliança, é o cumprimento da "promessa-mãe" de Gênesis 3.15. Ele é a semente da mulher que esmagou a cabeça da serpente de modo que possamos viver na presença de Deus. Jesus é a mensagem das Escrituras. Devemos vê-lo em todas as suas páginas para que nos seja possível entender a mensagem de Deus para nós. Levou algum tempo até que os discípulos entendessem isso, mas eles finalmente conseguiram.

CORAÇÕES VAGAROSOS... CORAÇÕES TRISTES... CORAÇÕES ARDENTES

No terceiro dia após a ressurreição, dois discípulos estavam a caminho de Emaús. Eles haviam ouvido o relato das mulheres sobre a visita delas ao túmulo, mas aparentemente não deram importância a ele, pois tinham o coração triste.

Quando Jesus ressuscitado se uniu a eles durante o caminho, eles estavam abatidos e não o reconheceram.

Então lhes perguntou Jesus: Que é isto que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais?... Um, porém, chamado Cleopas respondeu dizendo: És o único, porventura, que, tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências destes últimos dias?

Ele lhes perguntou: Quais? E explicaram: O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que era varão profeta, poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo, e como os principais sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que fosse ele que haveria de redimir a Israel; mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam. É verdade também que algumas mulheres, das que conosco estavam, nos surpreenderam tendo ido de madrugada ao túmulo; e não achando o corpo de Jesus, voltaram dizendo terem tido uma visão de anjos, os quais afirmam que ele vive.

De fato, alguns dos nossos foram ao sepulcro e verificaram a exatidão do que disseram as mulheres; mas não o viram.

Então lhes disse Jesus: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?

E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava nas Escrituras.

Quando se aproximavam da aldeia para onde iam, fez ele menção de passar adiante, mas eles o constrangeram dizendo: Fica conosco, porque é tarde, e o dia já declina. E entrou para ficar com eles.

E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando ele o pão, o abençoou e, tendo-o partido, lhes deu; então se lhes abriram os olhos e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles.

E disseram um ao outro: Porventura não nos ardia o coração, quando ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras?

E, na mesma hora, levantando-se, voltaram para Jerusalém, onde acharam reunidos os onze e outros com eles, os quais diziam: o Senhor ressuscitou e já apareceu a Simão.

Então os dois contaram o que lhes acontecera no caminho e como fora por eles reconhecido no partir do pão.

Lucas 24.17-35

Os discípulos demonstravam um coração entristecido porque tinham um coração vagaroso, lento. Corações vagarosos para crer na Palavra de Deus rapidamente se tornam deprimidos e desencorajados. Mas seus corações tristes e lentos se tornam ardentes quando “começando por Moisés e os profetas, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras”.

Quando eles viram Jesus em todas as páginas da Escritura, foram transformados de estudantes letárgicos e abatidos em veementes arautos proclamando: “É verdade! O Senhor ressuscitou...”

Apresente-lhes Jesus

Quando reunimos os nossos alunos ao nosso redor, devemos fazer exatamente o que Jesus fez no caminho de Emaús. Devemos lhes apresentar Jesus em todas as páginas das Escrituras. Para isso, precisamos de uma perspectiva pactual.

Seria simplista dizer que há um princípio unificador nas Escrituras. Talvez o melhor seria dizermos que muitos fios maravilhosos são entretecidos para formar a corda que mantém unidas todas as partes das Escrituras. Alguns desses fios que podemos utilizar em nossos estudos da Bíblia são: presença, ou habitação de Deus, ou aliança, ou promessa, ou reino. Qualquer dos fios que

desemaranharmos nos indicará a mesma realidade: Jesus. As Escrituras nos mostram Jesus. Na nossa vida e no nosso ensino devemos fazer o mesmo. Devemos ver e apontar para Jesus. Se assim o fizermos, o povo da aliança de Deus se transformará de estudantes apáticos e desanimados suscetíveis aos encantos da cultura, em arautos veementes que proclamam o fato de que a promessa é verdadeira e real – Jesus está vivo.

Uma perspectiva pactual das Escrituras nos ajuda a divisarmos a árvore (redenção), não apenas as castanhas (uma história em particular). Devemos ser capazes de perceber a mensagem total antes de mergulharmos no ensino de qualquer parte ou fato em particular. Se mergulharmos sem a ajuda da corda, podemos nos afogar nas nossas próprias especulações sobre o significado do que estamos tentando ensinar. Simplesmente contar a história de uma pessoa ou de um acontecimento é demonstrar uma visão superficial e fragmentada das Escrituras, o que, em geral, resulta em vidas superficiais e fragmentadas. Essa fragmentação normalmente nos levará a uma de três opções: legalismo, liberalismo ou moralismo.

Quando abordamos as Escrituras de modo trivial ou superficial, reduzimos a vida cristã a fórmulas (legalismo), ou, quando racionalizamos suas exigências (liberalismo), ou planejamos uma lista de coisas que podemos realizar para Deus (moralismo). Em qualquer dos casos, nós eliminamos a nossa necessidade da graça, assim como da mensagem da graça. A compreensão baseada na aliança nos indica a graça soberana de Deus. Isso nos capacita a ter uma visão bíblica do mundo e da vida, de modo que percebemos a nós mesmos e a nossa vida da perspectiva de Deus. Tomemos Gênesis 12 como exemplo.

Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra.

Partiu, pois, Abrão, como lhe ordenara o Senhor, e Ló foi com ele. Tinha Abrão setenta e cinco anos quando saiu de Harã. Levou Abrão consigo a Sarai, sua mulher, e a Ló, filho de seu irmão, e todos os bens que haviam adquirido, e as pessoas que lhes acresceram em Harã. Partiram para a terra de Canaã; e lá

chegaram. Atravessou Abrão a terra de Siquém, até o carvalho de Moré. Neste tempo, os cananeus habitavam esta terra.

Apareceu o Senhor a Abrão e lhe disse: Darei à tua descendência esta terra. Ali edificou Abrão um altar ao Senhor, que lhe aparecera. Passando dali para o monte ao oriente de Betel, armou sua tenda, ficando Betel ao ocidente e Ai ao oriente; ali edificou um altar ao Senhor e invocou o nome do Senhor.

Gênesis 12. 1-8.

Uma abordagem superficial e fragmentada conta a história de Abraão e insiste no monumental passo de fé dado pelo patriarca. Abraão é apresentado como um paradigma de obediência, e a dedução lógica é que desde que ele o fez, nós devemos imitá-lo. Minha resposta pode seguir uma das três direções mencionadas anteriormente.

Uma resposta legalista me levaria a concluir que devo fazer um enorme esforço e tentar seguir o exemplo de Abraão. Posso inclusive ter uma atitude insensata, como dizer ao meu cônjuge que deveríamos nos mudar. Eu não tenho a menor idéia de para onde nos mudaríamos, mas, com essa atitude, estaríamos dando um passo de fé semelhante ao de Abraão. Minhas regras de obediência me fazem sentir segurança e, freqüentemente, se tornam tão arraigadas no meu pensamento que começo a impô-las aos outros. Se eles não seguem a minha fórmula, não estão sendo obedientes.

Uma resposta liberal me faria ponderar sobre o exemplo de Abraão e concluir que uma obediência tão radical não seria de se esperar nos dias de hoje, chegando, talvez, a considerá-la como uma fábula e descartando o episódio como um todo. A minha racionalização concluiria que a experiência de Abraão funcionou naquela cultura, mas não teria nenhuma aplicação nos dias de hoje.

Uma resposta moralista me levaria a olhar para Abraão, decidir que eu viveria uma vida de obediência radical e então resolver seguir a Jesus. Minhas atitudes poderão, inclusive, demonstrar que estou persistindo na minha resolução. Mas a moral foi separada da promessa, e não há mudança no meu coração. Minha atitude é conseqüência de um esforço pessoal e não do poder da graça.

A primeira resposta me torna orgulhoso, a segunda me faz sentir-me confortável e a terceira me deixa cansado. Nenhuma delas é capaz de tornar-me consciente da minha necessidade da graça e do fato de que Deus a dá.

Uma abordagem pactual das Escrituras começa por um desejo de assumir a perspectiva do caminho de Emaús. O que essa passagem nos ensina a respeito de Jesus? Quando Deus abrir os nossos olhos espirituais para vermos e reconhecermos Jesus, o nosso coração arderá com a paixão e o poder para obedecer a ele.

Como fazê-lo?

Ao lermos as Escrituras, devemos estar propositalmente concentrados e conscientes, procurando por Jesus em cada página. As perguntas que se seguem nos ajudarão a aguçar a nossa visão espiritual:

O que essa passagem me ensina a respeito do caráter de Deus e sobre sua promessa?

O que ela ensina sobre Jesus, o Mediador da aliança?

Em razão do caráter de Deus e do que ele fez e continua a fazer por mim em Cristo, quais são os meus privilégios e responsabilidades pactuais? Leia novamente a passagem de Gênesis 12 utilizando estas perguntas.

O que essa passagem me ensina a respeito do caráter de Deus? O ponto de partida é a revelação que Deus faz de si mesmo. Ele está se mostrando a nós, de modo que possamos conhecê-lo e ter um relacionamento com ele. Nessa passagem aprendemos que Deus foi a Abraão e o chamou pelo nome. Ele iniciou o relacionamento com Abraão assim como o fez com Adão. Ele é um Deus pessoal que fala e faz promessas. Ao iniciar o relacionamento com Abraão, ele se deu a conhecer como SENHOR, ou Javé. Esse nome proclama "sua eterna realidade soberana, independente, autônoma..."4 Esse é seu nome pessoal que indica um relacionamento pactual com ele. Ao revelar-se a Abraão como Javé, percebemos uma apresentação pré-encarnada de Jesus Cristo. Deus revelou o

seu caráter e a sua aliança, de modo que Abraão entendeu que tanto a promessa quanto a exigência eram dignas de crédito.

O que aprendo sobre Jesus, o mediador da aliança? Quando Javé afirmou que todas as pessoas no planeta seriam abençoadas por meio dele, Abraão viu Jesus e seu coração ardeu com zelo e confiança que o levaram a obedecer. Abraão estava plenamente consciente de que não era melhor nem mais inteligente que qualquer outro pagão em Ur. Ele não merecia nada. Mas Javé apresentou-se, chamou-o pelo nome e lhe fez a promessa da semente que tornaria possível a bênção da presença viva de Deus.

Em razão do caráter de Deus e do que ele fez e continua a fazer por mim em Cristo, quais são os meus privilégios e responsabilidades pactuais? A resposta de Abraão não foi um reflexo do seu caráter virtuoso. Ela foi baseada somente no caráter daquele que lhe fez a promessa. Sem perguntas ou hesitação, Abraão saiu, levou a sua família e edificou um altar. Aqui está a essência do guardador da aliança – abandono do velho modo de viver, culto a Deus e assumir as nossas responsabilidades comunitárias.

A beleza desse encontro extraordinário não é a resposta de Abraão. Seu esplendor divino está no fato de que Javé revelou a si mesmo e também a sua promessa pactual à criatura das suas mãos. A graça soberana é irresistível. Quando contemplamos Jesus como ele se revela nas Escrituras, o nosso coração é persuadido e conquistado pelo seu amor. Nós, como Abraão e os discípulos, nos tornaremos arautos apaixonados do evangelho.

No seu livro Promise and Deliverance (Promesa e libertação), S. G. DeGraaf explica como devemos contar as historias da Bíblia.

Discordo da noção de que as crianças não se lembrarão de nada, a não ser que alguma personalidade especial da Bíblia seja apresentada como ponto central da história que está sendo contada. De acordo com essa linha normal de argumentação, as crianças pequenas precisam se identificar com uma pessoa individual da história. Entretanto, essa pessoa com seus atos, sua fé e seus erros torna-se, então, a figura central. Quando assumimos essa posição, a história que contamos não é mais a história da revelação. Admito que é muito difícil contar as histórias de maneira própria. Para começar, é difícil visualizar as coisas dessa

maneira. Primeiro, devemos nos submeter às Escrituras e ao seu significado. Aprender a ouvir cuidadosamente a passagem bíblica que estamos estudando nos tomará algumas horas de preparação (talvez mais); no entanto, o que mais poderíamos fazer? Não temos escolha, pois estamos lidando com as Escrituras! Se não estivermos determinados a falar de Deus do início ao fim, Deus como Alfa e Ômega, talvez não devêssemos nem nos incomodar em contar uma história bíblica.5

Desenvolvendo uma cosmovisão bíblica

Ensinar a partir da perspectiva da aliança qualifica os estudantes a pensar biblicamente. Quando olham além da pessoa ou do acontecimento e vêem a Jesus, eles encontram a pessoa de Deus, e começam a aprofundar a sua promessa pactual de viver em comunhão conosco. Passam a entender que essa aliança é soberanamente iniciada e soberanamente sustentada. À medida que compreendem a maravilhosa soberania de Deus, eles começam também a pensar de maneira integrada. Todos os seus pensamentos sobre a fé e a vida passam a se aglutinar ao redor da pessoa de Jesus. Uma cosmovisão bíblica começa a tomar forma. O coração deles se inflama com o desejo de integrar Jesus em todas as esferas da vida e de proclamar a majestade do Rei soberano que prometeu ser o nosso Deus e viver entre nós.

Abraham Kuyper escreveu uma das afirmações clássicas e definitivas sobre uma visão de mundo bíblica. De acordo com o relato de Richard J. Mouwn, no seu livro Uncommon Decency (Decência incomum):

Abraham Kuyper, que viveu de 1837 a 1920, fundou um partido político cristão e chegou a ocupar o cargo de Primeiro-ministro da Holanda no início do século 20. Ele foi também um excelente filósofo e teólogo, um reconhecido educador e prolífico jornalista. Abraham Kuyper foi um calvinista convicto que cria apaixonadamente na soberania de Deus... Ele insistia em que Deus deseja que os cristãos sejam ativos ao demonstrar o governo de Deus. Jesus é o rei, nós somos seus súditos. Isso significa que devemos tentar ser obedientes ao reinado de

Jesus em todas as áreas da nossa vida: família, relacionamentos, amizades, negócios, política, lazer, arte, ciência, agricultura. Em tudo o que fizermos, devemos procurar glorificar a Deus. Minha citação favorita de Kuyper faz parte de um discurso que ele fez diante de uma platéia universitária em Amsterdã. Ele estava argumentando que erudição e competência são formas importantes do discipulado cristão. Uma vez que a cultura ocupa-se com o mundo de Deus, ela deve ser conduzida de modo a honrar a Cristo. Kuyper concluiu com esta vibrante afirmação: “Não existe um centímetro quadrado em toda criação sobre a qual Jesus Cristo não afirme veementemente: “Isto é meu! Isto pertence a mim!”

Ao apresentar Jesus proclamando que tudo no universo pertence a ele, Kuyper não estava sugerindo que o Senhor é um proprietário egocêntrico. Jesus não é como um garotinho que grita com voz estridente: “É meu!”, enquanto arranca os brinquedos das mãos de seus companheiros. Kuyper sabia que quando Jesus afirma: “Isto é meu!”, ele expressa um amor tão profundo que se dispôs a sofrer e morrer para resgatar a sua criação do pecado.6

Uma visão de mundo bíblica impele os nossos estudantes a se envolverem com a cultura e a reclamar os direitos soberanos do Rei da Glória. Eles participarão do governo, da educação, do comércio, das artes e de todas as outras áreas e declararão: “Isto pertence ao Rei Jesus”.

Implicações comunitárias

Alguns dos mais esplendorosos momentos da história de Israel foram as ocasiões em que a comunidade renovou as suas obrigações pactuais com o Senhor. Uma dessas ocasiões ocorreu durante o reinado de Josias. Ele tinha apenas 8 anos de idade quando se tornou rei. Porém, ele “fez o que era reto perante o Senhor, andou em todo caminho de Davi, seu pai, e não se desviou nem para a direita nem para a esquerda. Porque no oitavo ano de seu reinado, sendo ainda moço, começou a buscar o Deus de Davi, seu pai” (2Cr 34.2,3).

Josias fez grandes reformas, inclusive a restauração do templo. Quando Hilquias,

o sumo sacerdote, encontrou o “Livro da Lei do Senhor, dada por intermédio de Moisés” (v. 14), ele o enviou ao rei. O rolo, provavelmente Deuteronômio, foi lido diante do rei, e este rasgou suas vestes como sinal de remorso e arrependimento. Josias imediatamente convocou seus auxiliares: “Ide e consultai o Senhor por mim e pelos restantes em Israel e Judá, acerca das palavras deste livro que se achou; porque grande é o furor do Senhor, que se derramou sobre nós, porquanto nossos pais não guardaram as palavras do Senhor, para fazerem tudo quanto está escrito neste livro” (v. 21).

Os serviçais foram ter com a profetisa Hulda, que lhes disse:

Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Dizei ao homem que vos enviou a mim: Assim diz o Senhor: Eis que trarei males sobre este lugar e sobre os seus moradores, a saber, todas as maldições escritas no livro que leram diante do rei de Judá. Visto que me deixaram e queimaram incenso a outros deuses, para me provocarem à ira com todas as obras de suas mãos, o meu furor está derramado sobre este lugar e não se apagará... Porquanto o teu coração se enterneceu, e te humilhaste perante Deus, quando ouviste as suas ameaças contra este lugar e contra os seus moradores, e te humilhaste perante mim e rasgaste as tuas vestes, e choraste perante mim, também eu te ouvi, diz o Senhor. Pelo que te reunirei a teus pais, e tu serás recolhido em paz à tua sepultura, e os teus olhos não verão todo o mal que hei de trazer sobre este lugar e sobre os seus moradores.

2 Crônicas 34.23-28.

Desastre se abateria sobre a nação, mas o rei seria poupado. Josias poderia ter suspirado de alívio e considerado o caso como encerrado, mas o rei compreendeu suas responsabilidades para com a comunidade.

Então, deu ordem o rei, e todos os anciãos de Judá e de Jerusalém se ajuntaram. O rei subiu à Casa do Senhor, e todos os homens de Judá, todos os moradores de Jerusalém, os sacerdotes, os levitas e todo o povo desde o menor até o maior; e

leu diante deles todas as palavras do Livro da Aliança que fora encontrado na Casa do Senhor. O rei se pôs no seu lugar e fez aliança ante o Senhor, para o seguirem, guardarem os seus mandamentos, os seus testemunhos e os seus estatutos, de todo o coração e de toda a alma, cumprindo as palavras desta aliança, que estavam escritas naquele livro. Todo os que se achavam em Jerusalém e em Benjamim anuíram a esta aliança; e os habitantes de Jerusalém fizeram segundo a aliança de Deus, o Deus de seus pais. Josias tirou todas as abominações de todas as terras que eram dos filhos de Israel; e a todos quantos se acharam em Israel os obrigou a servirem ao Senhor, seu Deus. Enquanto ele viveu, não se desviaram de seguir o Senhor, o Deus de seus pais.

2 Crônicas 34.29-33

Então, Josias dirigiu o povo numa celebração nacional da Páscoa em Jerusalém, e reinstituiu o culto devido ao Senhor.

Estabeleceu os sacerdotes nos seus cargos e os animou a servirem na casa do Senhor.

2 Crônicas 35.2

A liderança de Josias foi corajosa e brilhante, mas o estímulo para essa renovação nacional foi a descoberta da Palavra de Deus. Quando o povo se reuniu ao redor da Palavra de Deus e se submeteu à sua autoridade, então houve unidade e reforma.

Em certo sentido, todos os domingos o povo de Deus deveria reunir-se ao redor da sua Palavra e entrar numa celebração comunitária da promessa da aliança e numa renovação comunitária das responsabilidades da aliança. Em Romanos 15.1-13, Paulo nos dá um lampejo de como isso seria:

Ora, nós que somos fortes devemos suportar as debilidades dos fracos e não agradar-nos a nós mesmos. Portanto, cada um de nós agrade ao próximo no que é bom para a edificação. Porque também Cristo não se agradou a si mesmo; antes, como está escrito: As injúrias dos que te ultrajavam caíram sobre mim. Pois tudo quanto, outrora, foi escrito, para nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança.

Ora, o Deus da paciência e da consolação vos conceda o mesmo sentir de uns para com os outros, segundo Cristo Jesus para que concordemente e a uma voz glorifiqueis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus. Digo, pois, que Cristo foi constituído ministro da circuncisão, em prol da verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos nossos pais; e para que os gentios glorifiquem a Deus por causa da sua misericórdia, como está escrito: Por isso, eu te glorificarei entre os gentios e cantarei louvores ao teu nome.

E também diz: Alegrai-vos, ó gentios, com o seu povo.

E ainda: Louvai ao Senhor, vós todos os gentios, e todos os povos o louvem.

Também Isaías diz: Haverá a raiz de Jessé, aquele que se levanta para governar os gentios; nele os gentios esperarão.

E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo.

Essas ordens para suportarmos as debilidades dos fracos, para agradar o nosso próximo edificando-nos e aceitando-nos uns aos outros, não são chavões superficiais. Elas não significam uma tentativa de produzir uma unidade artificial que faça com que nos sintamos melhor. Essas ordens são irrealizáveis. Elas nos impelem a reconhecer a nossa necessidade da graça. Jesus é a promessa, o padrão e o poder, e “tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, afim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança”. Elas induziram Paulo a orar para que “O Deus da

esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo”.

O Rei da Glória me aceita, e deu a sua Palavra e o seu Espírito para me ensinar, encorajar e fortalecer de modo que eu possa aceitar seus outros filhos de maneira tão profunda que os nossos corações baterão em uníssono e nossas vozes soarão como uma só. Quando estamos determinados a ver Jesus em cada página das Escrituras, a nossa união com ele e o nosso louvor convergirão numa doxologia de louvor à sua Coroa e Aliança.

Ponto central

Uma abordagem descuidada e desmazelada das Escrituras resulta numa abordagem relaxada da obediência. Encarar o povo e os acontecimentos das Escrituras como exemplos a serem seguidos, em vez de olhar para Jesus, nos levará, e também aos nossos alunos, a nos sentirmos desanimados e desencorajados. Paulo desafia Timóteo dizendo: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2.15). Esse é seu desafio para nós também. Devemos fazê-lo para honra da coroa e aliança de Cristo.



Pergunta: Qual é a perspectiva pactual das Escrituras?

Resposta: Uma perspectiva pactual significa que encaramos as Escrituras como Deus se revelando a si mesmo, e também a sua promessa pactual de redimir um povo, e sua preparação para manter a promessa. Devemos procurar por essa dimensão redentora. Devemos procurar por Jesus em cada página das Escrituras. A nossa compreensão do caráter de Deus e de suas promessas determinará a visão que temos da nossa vida e do mundo.

Tornando-se um guardador da aliança

Escreva um breve sumário sobre o seguinte:

Por que uma abordagem pactual ajuda os estudantes a pensar biblicamente e a desenvolver uma visão de mundo bíblica?

Leia o Salmo 119 e enumere as formas em que a Palavra de Deus é descrita e o que esta Palavra faz por nós.

Leia Romanos 15.1-7. Com base nessa passagem, escreva uma oração por sua igreja.

Projeto de instrução cristã

Um programa de memorização para toda a igreja ajudará o povo de Deus a esconder a sua Palavra no coração (Sl 119.11), e pode reunir a igreja ao redor de passagens selecionadas das Escrituras.

Outra abordagem para um programa de memorização da Bíblia seria a

preparação de uma lista de versículos para cada idade.7 Poderíamos cobrir uma quantidade maior de versículos com esse método, mas é mais difícil para a igreja desenvolver um programa que sustente essa abordagem.

Outra fórmula seria que todas as pessoas de todas as idades aprendam os mesmos versículos. Isso é mais fácil de administrar, as famílias podem trabalhar em conjunto na memorização dos versículos e isso promoveria uma união entre os vários grupos etários. Esse programa pode ser feito num ciclo de três anos. As crianças podem repetir os versículos, e assim reforçarão e expandirão sua memorização e compreensão deles. Algumas idéias para o desenvolvimento desse programa seriam:

Prepare uma lista de versículos e a envie a todos os pais. Apresente um calendário definido, talvez de março a novembro. Você poderá preparar outra lista para os meses de verão.

Utilize um dos programas infantis já estabelecidos para ensinar o significado dos versículos e recitá-los com as crianças. Pode ser uma reunião especial da Escola Dominical para todas as crianças ou um clube bíblico durante a semana.

Incentive as crianças mais velhas a ajudar as mais novas nessa memorização.

Programe um espaço de tempo em que as crianças possam recitar os versículos. Envolva os adolescentes usando-os como ouvintes. Faça uma ficha para cada criança com a relação dos versículos para que o ouvinte possa marcar a data em que o versículo foi recitado. Aumente o interesse dando um “brinde de memorização” para cada versículo recitado. Os brindes podem ser pendurados num cordão de couro.

Divida os versículos em duas listas. Diga às crianças que haverá uma reunião especial em junho para todos os que memorizaram os versículos da primeira lista. Planeje outro evento para novembro, para aqueles que completarem o trabalho de memorização.

Periodicamente, faça com que as crianças recitem os versículos durante o culto.

Senti grande alegria ao observar uma menina de 11 anos sentar-se com um garoto de 6 anos durante um jantar familiar na igreja para ajudá-lo a preparar-se para recitar um versículo. Durante uma reunião da congregação, ela recebeu um brinde especial pela sua iniciativa em ajudar um membro mais jovem da nossa

família da igreja.

4



Lar e igreja



Vivendo e ensinando no contexto da aliança

Um lar e uma igreja

Eu sou uma filha da aliança. De acordo com as Escrituras, essa afirmação, em si mesma, deveria indicar como a minha vida e a minha peregrinação espiritual se desenvolveram. Verdadeiramente, estou entre as pessoas mais abençoadas.

Sou filha de pais cristãos, avós cristãos e bisavós cristãos. Como a Timóteo, a Bíblia me foi ensinada desde a infância. E como ordenou Moisés, fui instruída à mesa, pelo caminho, na minha cama e em todos os outros lugares ao redor. Não consigo me lembrar de nenhuma ocasião em que eu não soubesse que Deus me ama, que o Senhor Jesus morreu por mim e que nós, portanto, obviamente deveríamos amá-lo e obedecer a ele.

Meu irmão mais velho, com um zelo evangelístico próprio dos seus 7 anos, convidou Jesus para entrar no meu coração quando eu tinha 4 anos de idade. No ano seguinte, meu pai e eu tivemos uma conversa de coração para coração enquanto ele estava me colocando na cama e ouvindo a minha oração. Ele me explicou que Deus me amava ainda mais do que ele e que eu precisava de Deus ainda mais do que dele. Nessa noite, ajoelhei-me com papai e entreguei a minha vida ao meu Pai celeste.

Mas isso não é tudo. Sou uma filha da aliança – o que significa que sou, também, uma filha da igreja. Quando um bebê é batizado, a congregação promete que servirá como padrinho dessa criança. A minha igreja assumiu esse voto com seriedade. Tive mais mães, pais e avós adotivos do que eu podia administrar, e todos amorosamente cuidaram de mim como sua própria filha e neta. O Salmo 92.13 nos ensina que as crianças plantadas na casa de Deus florescerão, e eu floresci. Somos ensinados que devemos entrar no reino como crianças pequenas, e para mim foi uma bênção maravilhosa ter vindo como criança – compreendendo desde cedo o que significa ser uma filha do Rei.

Minha fé simples, mas genuína, foi cuidadosamente cultivada por meus pais piedosos e minha igreja pastoral, ambos instruindo-me fielmente. Não tive lutas significativas sobre dúvidas a respeito da verdade de Deus, porque fui rodeada de exemplos vivos do seu amor e da obediência à sua Palavra em todos os caminhos da vida.

Considerando todas essas bênçãos abundantes, minha santificação tem sido vergonhosamente lenta. Mas eu pertenço a ele, e ele mesmo terminará o que começou. Muitas pessoas nestes tempos tristes em que vivemos, estão lutando para superar o seu passado, mas eu me agarro à minha herança como o tesouro mais precioso que possuo. Nosso Senhor colocou o seu louvor nos lábios de crianças pequenas como eu. Oro para que a minha vida se transforme numa doxologia de louvor à sua gloriosa graça.

Paige Benton,

Nashville, Tennessee.

Lar e igreja

Vivemos numa cultura esfacelada que está lutando por um sentido de direção ao falar e discutir sobre valores familiares e projetos habitacionais instituídos pelo governo nos quais poderíamos educar nossas crianças. Quando os cristãos tentam freneticamente proteger a própria família pela adoção dessas noções culturais, eles correm o risco de transformar tanto a família quanto o governo em ídolos. Famílias cristãs não existem isoladas umas das outras. Cada família cristã deveria ser um retrato instantâneo dos valores do reino de Deus, mas o mural é a igreja. A igreja, a comunidade da aliança deve ser o panorama irresistível da graça.

Lar e igreja devem trabalhar juntos para ensinar a maneira pactual de vida. Há muitos livros excelentes sobre o lar cristão e sobre a vida comunitária da igreja. Há muitos aspectos da vida familiar e da igreja que são da mais alta importância. Este capítulo tem o propósito limitado de discutir apenas um aspecto: o relacionamento entre o lar e a igreja, e a importância e relevância dessa relação na contextualização da aliança.

Distinção devastadora

Diferenciar entre valores familiares e valores do reino é uma distinção devastadora porque isso prejudica de modo insidioso a essência da comunidade da aliança e a força do lar cristão. O equilíbrio entre o lar e a igreja é delicado. É fácil perdê-lo e escorregar para as bordas.

Alguns escorregam na direção de uma abordagem casual da freqüência à igreja. Esse tipo pode ser percebido em comentários como:

“Domingo nós não fomos à igreja porque precisávamos sair para um passeio em família. O dia estava tão bonito que fizemos um piquenique”.

“Não conseguimos achar uma igreja da qual gostássemos, e na realidade, a nossa família prefere assistir a um culto na televisão e depois sair para almoçar.”

“Não podemos ir ao culto da noite, pois essa é a hora que temos para uma reunião da família.”

Esse tipo de abordagem parece negligenciar a ordem de Deus: “Lembra-te do dia do sábado, para o santificar” (Êx 20.8). Esquece também a promessa de que “Se desviares o teu pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do SENHOR, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então te deleitarás no SENHOR. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai, porque a boca do SENHOR o disse” (Is 58.13,14). Também não atenta para a regra familiar que diz: “Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima” (Hb 10.25).

Essa abordagem minimiza o valor do culto familiar conjunto. Cultuar e servir o Deus da glória em conjunto é a melhor qualidade de tempo que todos os membros da família podem desfrutar juntos.

Na outra ponta do espectro estão aqueles que fazem uma lista de regras e métodos que, segundo eles, todos os membros da comunidade devem seguir. As regras os fazem sentir-se seguros, e, rapidamente, elas se transformam num ídolo. Quando o ambiente de uma comunidade se desenvolve de uma maneira em que todos se vestem do mesmo modo, seguem a mesma dieta, usam métodos idênticos de educação dos filhos, educam os seus filhos da mesma maneira e assumem que todos os que têm outras preferências não são espirituais, temos uma comunidade na qual não existe unidade porque não há diversidade. O que vemos é uma mesmice opressiva e cansativa. Não há necessidade da graça. Você simplesmente entra na linha e segue o líder.

A manutenção do equilíbrio entre família e igreja não é uma decisão que se toma de uma vez por todas. É um processo contínuo de santificação. Não vamos conseguir o equilíbrio ideal enquanto não chegarmos ao céu. Ao longo do caminho, nós cometeremos grandes atos de insensatez. Porém, devemos continuar tentando em nome da coroa e da aliança de Cristo. O mural família-igreja ficará danificado a não ser que tanto a família quanto a igreja orem

continuamente por sabedoria para compreender qual é a sua responsabilidade diante de Deus e uns para com os outros.

Responsabilidade da família para com a comunidade

No Antigo Testamento, uma prioridade familiar era a sua identidade corporativa como povo de Deus. Deus ordenara que: “Os filhos de Israel se acamparão junto ao seu estandarte, segundo as insígnias da casa de seus pais; ao redor, de frente para a tenda da congregação, se acamparão” (Nm 2.2). O arranjo das tendas os levava a encarar diretamente o tabernáculo, a representação visível da presença de Deus entre eles. Ao encarar essa presença, eles também se olhavam uns aos outros. “Assim fizeram os filhos de Israel... se acamparam segundo seus estandartes, e assim marcharam, cada qual segundo as suas famílias, segundo a casa de seus pais” (Nm 2.34). Na medida em que as famílias marchavam sob seus estandartes, havia tanto identidade familiar quanto comunitária, bem como solidariedade e segurança. Qualquer família que saísse da formação se tornava fraca e vulnerável.

Nesta discussão sobre as responsabilidades da família em relação à sua vivência comunitária na igreja, eu deixo de redigir e passo a relatar. Acato a opinião de dois homens piedosos.

J. C. Ryle, um bispo anglicano do século 19, num pequeno livro intitulado The Duties of Parents (Os deveres dos pais), escreveu:

Fale a eles (seus filhos) sobre o dever e o privilégio de irem à casa de Deus e se juntarem às orações da congregação. Diga-lhes que sempre que o povo de Deus se reúne, ali o Senhor Jesus está presente de maneira especial e que aqueles que se ausentam devem se conformar, assim como o apóstolo Tomé, em perder uma bênção. Fale sobre a importância de ouvir a Palavra de Deus pregada, e que esta é a ordenança de Deus para converter, santificar e fortalecer a alma do homem. Conte a eles que o apóstolo Paulo nos admoesta a que “Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns” (Hb 10.25), mas que nos exortemos

uns aos outros, tanto mais quanto vemos que o dia se aproxima...

Não permita que eles cresçam com o hábito de apresentar falsas desculpas para não ir. Faça-os compreender com clareza que, enquanto estiverem debaixo do seu teto, a regra da casa para todos os que estiverem saudáveis é honrar a casa do Senhor no dia do Senhor, e que você considera aquele que quebra a guarda desse dia como um assassino de sua própria alma.

Observe também, se isso for possível, que seus filhos vão com você à igreja e que se sentem perto de você. Ir à igreja é uma coisa, mas comportar-se bem na igreja é outra muito diferente. E creia-me, não existe nenhum modo melhor de assegurar bom comportamento do que mantê-los debaixo dos seus olhos.1

George Grant, um piedoso pai e professor da nossa geração, escreve:

Os nossos filhos dependem, para sua saúde e bem-estar, não apenas de um bom casamento e de um lar dedicado, mas também de uma igreja saudável. A nossa agenda cultural não pode ser simplesmente mais um programa baseado na comunidade, com virtudes tradicionais, conservador, desarticulado. Ele deve ser essencialmente bíblico. Deve estar enraizado não apenas nos valores familiares, mas nos valores do reino. As crianças precisam de boas novas. Elas necessitam das Boas-novas...

Devemos imergi-las na vida da comunidade da fé. Devemos proporcionar-lhes todas as bênçãos da aliança. Essa é uma tarefa que transcende a família e o lar.

A igreja tem as chaves do reino (Mt 16.19), o poder de ligar e desligar (Mt 18.18). Ela prevalecerá contra as portas do inferno (Mt 16.18). Ela oferece a água da vida (Ap 22.17), o pão da vida (Jo 6.35) e a palavra da vida (Jo 1.1), porque o seu cabeça é o autor da vida (At 17.25).

As nossas crianças precisam dos valores do reino tanto quanto dos valores familiares. E, para tanto, na boa providência de Deus, a igreja é o plano A. Não existe o plano B.2

Os pais cristãos têm o grande privilégio e responsabilidade de “imergir seus filhos na vida da comunidade da fé” e de cultivar neles um sentido de identidade e solidariedade familiar e comunitária.

A responsabilidade da igreja para com as famílias

Antes de iniciarmos esta discussão, é preciso uma palavra de cautela. No capítulo anterior, vimos que as marcas da igreja verdadeira são a pregação e o ensino fieis da Palavra de Deus e a administração apropriada dos sacramentos. As questões discutidas neste capítulo não são indispensáveis para a essência da igreja. Elas são, entretanto, evidências de que os membros da igreja estão aplicando a Palavra de Deus na própria vida. Portanto, à medida que discorremos sobre estas questões, nenhum de nós deve apontar o dedo para a igreja e dizer: “Eles não fazem isso”. Nós somos “eles”. Cada ponto discutido nesta sessão deveria levar-me a examinar o meu próprio coração e a minha vida como membro da comunidade.

Como “guardadora da verdade Deus”, a igreja tem a responsabilidade de ensinar esta verdade aos filhos de Deus. Baseados nos fundamentos das Escrituras, os membros da igreja devem examinar cuidadosamente o relacionamento entre lar e igreja. Devem cultivar com carinho uma comunidade de fé, na qual pais cristãos podem alegremente imergir seus filhos na vida comunitária. Não existem fórmulas prontas para isso. Muitas coisas devem ser consideradas. Esse relacionamento terá uma feição diferente em diferentes igrejas. O que se segue são simplesmente pontos básicos iniciais. Deve haver uma reflexão viva e contínua em cada igreja local para colocar em prática este relacionamento na sua situação particular.

Primeiro: qualquer tentativa de viver no contexto da aliança deve ser envolvida por um espírito de fervorosa oração. No seu livro A Call to Prayer: An Urgent Plea to Enter into the Secret Place (Um chamado para a oração: Um pedido urgente para entrar no lugar secreto), J. C. Ryle escreveu:

Recomendo a todos a importância da intercessão em nossas orações. Somos egoístas por natureza, e o nosso egoísmo é bem capaz de agarrar-se a nós mesmo depois da nossa conversão. Há em nós uma tendência de pensarmos somente na nossa própria alma, nos nossos próprios conflitos espirituais, no nosso progresso religioso e nós esquecermos dos outros. Contra essa tendência, todos nós devemos vigiar e lutar, especialmente em nossas orações. Devemos nos empenhar por ter um espírito público. Devemos nos apressar em mencionar outros nomes, além do nosso próprio, diante do trono da graça. Deveríamos tentar carregar o mundo todo no nosso coração, os gentios... o corpo dos verdadeiros crentes, as igrejas de confissão protestante, o país em que vivemos, a congregação à qual pertencemos, a família e o lar onde residimos, os amigos e relacionamentos que mantemos. Por todos e cada um deles deveríamos interceder. Esta é mais alta caridade. Ama-me mais aquele que me ama em suas orações. Isso traz saúde para a nossa alma. Amplia a nossa simpatia e expande o nosso coração. É, também, benéfico para a igreja. As engrenagens de todo mecanismo de expansão do evangelho são movidas pela oração. Aqueles que intercedem como Moisés no monte fazem tanto pela causa do Senhor como os que lutam como Josué no auge da batalha. Isso é ser como Cristo. Ele apresenta os nomes do seu povo, como Sumo Sacerdote deles, diante do trono do Pai. Oh, que privilégio ser como Jesus! Assim seremos verdadeiros ajudadores para os ministros. Se eu tiver que escolher uma congregação, dê-me um povo que ore.3

Segundo: a liderança da igreja deve estar comprometida com o conteúdo da aliança e com a vida pactual da igreja. Tudo o que foi apresentado nos capítulos anteriores deveria ser ensinado à família da igreja. O ministério de pregação e de ensino deveria ser consciente e intencional no ensino das bases bíblicas para a vida comunitária.

Terceiro: a qualidade dos relacionamentos entre os líderes da igreja, incluindo todos os professores, deveria espelhar essa vida pactual de tal maneira que seja criada uma atmosfera na qual o povo de Deus se sinta fortalecido no coração e unido em amor. Deveria ser uma comunidade inclusiva, onde bebês, crianças, adolescentes e adultos de todas as idades fossem valorizados como membros da família.

Quarto: Deveria haver ensino e debates contínuos sobre como harmonizar unidade e diversidade. A oração de Paulo pela igreja de Roma deve se tornar a

oração e prática de cada igreja. “Ora, o Deus da paciência e da consolação vos conceda o mesmo sentir de uns para com os outros, segundo Cristo Jesus, para que concordemente e a uma voz glorifiqueis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus” (Rm 15.5-7). Deve haver uma postura de aceitação que leve em consideração preferências individuais e os vários níveis de maturidade espiritual.

Quinto: É necessário estabelecer mecanismos integradores que ensinem e preparem as pessoas para lidar com conflitos, crises, desapontamentos e sentimentos ambivalentes em relação à igreja. Os membros da família da igreja deveriam ser ensinados a como chorar com os que choram, onde procurar ajuda em tempos de crise, princípios bíblicos para lidar com conflitos e respostas apropriadas para os desapontamentos. Eles deveriam saber como proceder para conseguir auxílio financeiro da igreja ou aconselhamento nas dificuldades matrimoniais. Crises e conflitos são ocasiões tão intensas que muitas vezes é difícil agir racionalmente. Ensinar as pessoas sobre como agir nessas ocasiões as fortalecerá de maneira que possam enfrentar a tentação de sentirem-se desencorajados e abandonarem a igreja.

Sexto: o arrependimento e o perdão devem ser ensinados e exemplificados. O povo de Deus precisa compreender a absoluta necessidade de orar pela graça do arrependimento e pela graça do perdão em seus relacionamentos uns com os outros.

Sétimo: deveria haver freqüentes celebrações familiares e de tradições, de modo que a comunidade aprenda a alegrar-se com os que se alegram. Casamentos, chás de bebê, aniversários, oração comunitária por necessidades específicas, convocação dos presbíteros para orar pelos doentes, testemunhos a respeito de uma oração respondida e expressões de apreciação e reconhecimento pelo auxílio recebido da comunidade, tudo isso ajudará a igreja a “manter uma santa comunhão”.

Oitavo: é necessário promover oportunidades para que pessoas de todas as idades sejam envolvidas no ministério de misericórdia. Não é suficiente dizer ao povo de Deus que deve ser compassivo. Todos devem ser mobilizados para demonstrar compaixão pelo pobre, pelo aflito, pelo solitário e pelo magoado. Deveria haver oportunidades para viagens missionárias, contatos com estudantes internacionais, programas de reforço de ensino, auxílio para os deficientes

físicos e mentais e cuidados especiais para os doentes, idosos, solitários e oprimidos.

Nono: Um alto comprometimento deve ser colocado sobre a responsabilidade da igreja para com os filhos da aliança. Isso, evidentemente levanta a pergunta:

Quem é um filho da aliança?

Há uma dupla resposta para essa pergunta

Resposta n. 1:

A primeira parte da resposta é que um filho da aliança é uma criança filha de um casal em que pelo menos um dos cônjuges é cristão. “Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente. Doutra sorte os vossos filhos seriam impuros; porém, agora são santos” (1Co 7.14).

Charles Hodge escreveu:

À vista de Deus, pais e filhos são um. Os primeiros são os representantes autorizados dos últimos; agem por eles, assumem obrigações em nome dele. Portanto, sempre que os pais entram em aliança com Deus, eles levam os seus filhos consigo... Sempre que um homem se unia à comunidade de Israel, ele assegurava, para seus filhos, os benefícios da teocracia, a não ser que os filhos renunciassem a eles por livre vontade. Assim, quando um crente se filia à comunidade da graça, ele insere os seus filhos na aliança, no sentido de que Deus promete dar-lhes, no seu próprio tempo, todos os benefícios da redenção, desde que eles não renunciem voluntariamente aos seus votos batismais.4

Os filhos da aliança têm direito a certos benefícios da aliança. Esses benefícios incluem ouvir a Palavra de Deus no contexto de relacionamentos amorosos no lar e na igreja, a oração e o abençoado privilégio de crescer fazendo parte da comunidade da fé, à medida que ele ou ela participam da vida da igreja desde a mais tenra infância.

Obviamente, isso não garante que todo filho de todo pai cristão esteja automaticamente salvo. Mas significa que, em razão do relacionamento pactual de Deus com seus fiéis, ele trabalha de maneira pactual na vida dos seus filhos. As promessas são incontestáveis:

Quanto a mim, será contigo a minha aliança; serás pai de numerosas nações... Far-te-ei fecundo extraordinariamente, de ti farei nações, e reis procederão de ti. Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das tuas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência.

Gênesis 17.4, 6,7

Saberás, pois, que o SENHOR teu Deus é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e cumprem os seus mandamentos.

Deuteronômio 7.9

Os filhos dos teus servos habitarão seguros, e diante de ti se estabelecerá a sua descendência.

Salmo 102. 28

Mas a misericórdia do SENHOR é de eternidade a eternidade, sobre os que o temem, e a sua justiça, sobre os filhos dos filhos, para com os que guardam a sua aliança e para com os que se lembram dos seus preceitos e os cumprem.

Salmo 103.17,18

Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, diz o SENHOR: o meu Espírito, que está sobre ti, e as minhas palavras, que pus na tua boca, não se apartarão dela, nem da de seus filhos, nem da dos filhos de teus filhos, não se apartarão desde agora e para todo o sempre, diz o SENHOR.

Isaías 59.21

O meu servo Davi reinará sobre eles; todos eles terão um só pastor, andarão nos meus juízos, guardarão os meus estatutos e os observarão. Habitarão na terra que dei a meu servo Jacó, na qual vossos pais habitaram; habitarão nela, eles e seus filhos e os filhos de seus filhos, para sempre; e Davi, meu servo, será seu príncipe eternamente. Farei com eles aliança de paz; será aliança perpétua. Estabelecê-los-ei, e os multiplicarei, e porei o meu santuário no meio deles, para sempre. O meu tabernáculo estará com eles; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.

Ezequiel 37.24-27

Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar.

Atos 2.39

Entretanto, a responsabilidade também é incontestável.

Pais e avós são ordenados a “Tão somente guarda-te a ti mesmo e guarda bem a tua alma, que te não esqueças daquelas coisas que os teus olhos têm visto, e se não apartem do teu coração todos os dias da tua vida, e as farás saber a teus filhos e aos filhos de teus filhos” (Dt 4.9).

Os pais recebem a ordem de criar os seus filhos “na disciplina e na admoestação do Senhor” (Ef 6.4).

As crianças são responsáveis por “crer no Senhor Jesus Cristo e serás salvo” (At 16.31). Cada criança deve ratificar a aliança aceitando a Jesus como seu Salvador. Isso pode não ser um evento específico pelo qual a criança seja capaz de recordar o momento da sua conversão. Um “testemunho Timóteo” de conhecer as Escrituras desde a infância (2Tm 3.14) é normativo para os filhos da aliança. Porém, ele deve ser pessoal. Ele ou ela não poderão penetrar no céu na esteira da aliança dos seus pais. Deus não tem netos.

Os filhos da aliança têm um lugar especial na igreja. Eles devem aprender que são membros da família pactual de Deus, que têm responsabilidades para com essa família e que a família de Deus tem responsabilidades para com eles.

Resposta n. 2

O que dizer sobre o filho do vizinho que vai conosco à igreja nas manhãs de domingo, enquanto os seus pais dormem? Como considerar os milhares de cristãos de primeira geração que não foram criados num lar cristão? Seriam eles

cidadãos de segunda classe no reino pelo fato de não terem nascido em lares cristãos? Onde eles se encaixam?

Durante vários anos depois do seu primeiro encontro com Javé, Abraão continuava sem filhos. Como poderia Deus manter a sua promessa se não havia nenhum herdeiro e o relógio biológico já havia parado de trabalhar? “A isto respondeu logo o SENHOR dizendo... aquele que será gerado de ti será o teu herdeiro. Então, conduziu-o até fora e disse: Olha para o céu e conta as estrelas, se é que podes. E lhe disse: Será assim a tua posteridade” (Gn 15.4,5).

Os herdeiros de Abraão são filhos da aliança. Quem são esses filhos de Abraão? “E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gl 3. 29). Portanto, a segunda parte da resposta afirma que, num sentido amplo, todos os crentes são filhos da promessa.

Pedro deu essa dupla resposta no final do seu sermão no dia de Pentecostes. Ele pregou a aliança para os milhares reunidos diante dele. Ele lhes mostrou Jesus no Antigo Testamento. E o coração de cada pessoa ardeu. “Ouvindo eles estas coisas, compungiu-se-lhes o coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos?”

Pedro não hesitou nem por um instante. Mesmo diante dessa colossal oportunidade de crescimento da igreja, a sua estratégia pactual de crescimento da igreja não vacilou. “Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom o Espírito Santo. Pois para vós outros é a promessa, e para os vossos filhos e para todos que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar” (At 2.37-39).

Sua primeira linha de frente num avanço contínuo do reino eram os filhos dos crentes. “Pois para vós outros é a promessa, e para os vossos filhos...” Mas ele não parou aí... “e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar.”

Apresentando o evangelho aos filhos da aliança

Muitas vezes, os pais e professores se sentem inseguros sobre como apresentar o evangelho às crianças pequenas. Em primeiro lugar, é importante lembrar que as crianças pequenas podem conhecer o Senhor Jesus Cristo como seu Salvador. A obra do Espírito Santo não é limitada pela idade. Deus aplica a mensagem da salvação a quem ele escolhe e quando ele escolhe.

Ao apresentarmos o evangelho aos filhos da aliança, devemos compreender que, para alguns, haverá um lugar e um momento definidos em que eles se arrependerão dos seus pecados e se voltarão para Cristo, enquanto outros nunca conseguirão se lembrar de uma ocasião em que não amaram a Jesus. O importante não é uma experiência instantânea, mas sim os sinais da regeneração como o amor a Deus, o desejo de ouvir a sua Palavra, uma atitude amorosa e obediente, amor aos outros e um crescimento em santidade.

Ao mesmo tempo, não devemos negligenciar a nossa responsabilidade de ensinar a elas o que significa ser cristão, e como alguém se torna um cristão. Cremos que isso se fará naturalmente à medida que ajudamos as crianças a compreender a Bíblia e como ela se aplica à vida delas, e à medida que elas vêem a realidade da presença de Cristo na vida dos adultos ao seu redor.

Embora normalmente os filhos da aliança cresçam em sua salvação por meio da nutrição e da instrução graduais, deveríamos permanecer sensíveis às oportunidades específicas de instruí-los sobre como pedir perdão pelos pecados e como exercitar a fé em Jesus Cristo. Não hesite em orar com uma criança pequena que lhe diz: “Eu desejo ser cristão”. Ou: “Eu quero ter Jesus no meu coração”. A criança pode não compreender inteiramente todas as implicações, mas nós também não compreendemos. A compreensão crescerá e se aprofundará. Uma vez que compreensão e fé são inter-relacionadas, o nosso crescimento na vida cristã é um processo.

Ao ensinar crianças que não procedem de lares cristãos, devemos nos lembrar que Deus nos mandou essas crianças e elas também devem ser ensinadas a respeito da necessidade de ter seus pecados perdoados e de confiar em Jesus. Entretanto, ao conhecer as implicações e as bênçãos da aliança, a nossa maior responsabilidade para com essas crianças talvez seja alcançá-las e também aos seus pais com as boas-novas de Jesus Cristo. O nosso amor e interesse sinceros por uma criança podem nos fornecer uma oportunidade maravilhosa de compartilhar o evangelho com seus pais.

Jesus disse: “Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais...” (Mt. 19.14). Nós os deixamos ir ao ensinar a eles a Palavra de Deus no contexto de uma comunidade pactual que autentica esta Palavra.

Resposta n.1 Exemplo

Charles e Laura Joseph são filhos da aliança que hoje têm seus próprios filhos. Eles desejam que as crianças tenham a mesma perspectiva de fé que lhes foi passada e as experiências da vida comunitária que os formou. Sua perspectiva de fé foi abalada, mas não destruída durante a primeira gravidez de Laura. Ela esperava gêmeos e a sua gravidez foi de alto risco. Blake e Brannon nasceram prematuros e houve complicações. Brannon foi mais severamente afetado com deficiências física e mental. Os médicos julgavam que ele jamais andaria. Depois de muita oração e perseverança, ele finalmente começou a andar, aos três anos e meio de idade.

Quando Charles e Laura deram o seu testemunho numa classe de jovens adultos da Escola Dominical, o prazer e a alegria que demonstravam pelos seus quatro filhos eram óbvios. Eles expressaram a confiança de que todas as crianças, inclusive Brannon, eram exatamente como Deus as criara para ser segundo os seus propósitos. Eles não tinham dúvidas a respeito do amor soberano de Deus em suas vidas. Como parte do testemunho deles, foi-lhes pedido que dissessem como a igreja pode ministrar a crianças com necessidades especiais e também aos seus pais. A resposta de Charles foi profunda na sua simplicidade:

“Quando Brannon tinha 2 anos, ele ainda engatinhava. Apesar do seu tamanho e dos movimentos descoordenados, os voluntários no berçário o tratavam exatamente como as outras crianças. Eles o acariciavam e embalavam. Eles o faziam sentir-se especial. Eles o amavam. É disso que uma criança com necessidades especiais precisa. É disso que toda criança precisa”.

Isso é o que todo adulto pode fazer. Na realidade, é o que todo adulto deve fazer se desejamos ensinar aos nossos filhos o modo pactual de vida, de modo que eles nunca desejarão renunciar ao seu lugar na família da aliança.

Os gêmeos têm, agora, 10 anos de idade. Uma das maiores alegrias de Brannon é

cantar no coral infantil. Embora muitas vezes ele não consiga ficar quieto e seus braços, às vezes, façam movimentos estranhos, as outras crianças do coro e os adultos que assistem à apresentação do coral sentem um enorme prazer nesse filho da aliança. Ele é uma dádiva especial para a nossa igreja.

Resposta n. 2 Exemplo

As mulheres da Igreja Presbiteriana da Aliança, em Waynesville, Carolina do Norte, têm entre 62 e 85 anos de idade. Em meados da década de 1980, a maioria dos filhos da igreja já havia crescido e mudado. Mas essas mulheres acreditavam que havia crianças que necessitavam da verdade da aliança na comunidade de Blue Ridge Mountain; então, elas saíram à procura delas. Elas procuraram por crianças sem Cristo, sem amor e sem alimento ou vestimenta adequados. O coração de cada uma delas começou a anelar por essas crianças. Elas procuraram nos campos de colheita e logo localizaram um grupo de casas de aluguel nos arredores de Waynesville. Essas senhoras visitaram e amaram. Desenvolveram um ministério de ensino e enriquecimento para essas crianças que incluía Escola Dominical, culto infantil e Escola Bíblica de Férias; classes de alfabetização para ajudá-las em sua capacidade de aprendizagem e nas lições de casa; enriquecimento musical, com várias crianças aprendendo a tocar piano, harpa e violino; e o suprimento de necessidades físicas, como roupas.

Essas mulheres dirigiram sua visão espiritual para aqueles que “estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar” (At 2.39), e ergueram bem alto o pavilhão da Coroa e Aliança de Cristo.

O estandarte da comunidade

A coroa e a aliança de Cristo são o nosso estandarte. Se marcharmos sob qualquer outra causa menos gloriosa, a nossa unidade se tornará precária. Os estandartes das nossas famílias individuais podem se apresentar diferentes entre

si. Alguns terão uma cor rosa forte, outros um pálido bege. Alguns serão desenhados e projetados com precisão, outros parecerão uma hilariante miscelânea. Alguns serão novos em folha, outros estarão rasgados e esfarrapados. Entretanto, apesar das diferenças quanto à cor, ao tamanho e ao formato, todos proclamam a mesma gloriosa mensagem. Devemos nos lembrar que o mundo assumirá uma atitude de menosprezo por essa declaração se nós insinuarmos que consideramos alguns estandartes melhores do que outros. A solidariedade comunitária fortalece e protege cada família individual e glorifica o Senhor da igreja.

Ponto central

Amy Carmichael, foi uma missionária irlandesa que passou 53 anos na Índia, sem férias. Ela fundou a Comunidade Dohnavur, um refúgio para crianças. Seu heróico esforço para resgatar crianças que viviam sob ameaça moral é contado no livro de Elizabeth Elliot, A Chance to Die (Uma oportunidade para morrer). Hoje em dia a igreja precisa ser sacudida para acordar para o fato de que as nossas crianças estão sob ameaça moral. Os nossos esforços não podem ser menos heróicos do que os que Amy Carmichael demonstrou.

As datas tinham um significado especial para Amy Carmichael... Como os israelitas que, em obediência ao comando de Deus empilhavam pedras que os ajudavam a relembrar os lugares onde Deus os encontrara e ajudara de maneira especial, Amy estabeleceu certos dias nos quais a família podia recordar as providências especiais de Deus. Porque Preena havia chegado no dia 6 de março (1901) e Indraneela morrera no dia 6 de janeiro (1905), um dia de oração foi instituído no sexto dia de cada mês para interceder pelas crianças em perigo. Isso continua em vigor ainda hoje. A família se reúne e se ajoelha, um dos membros lê os nomes das vilas ao redor de Dohnavur e todos respondem em conjunto: “Senhor, salve as crianças que moram lá”. Amy inaugurou um baú do louvor no qual todos podiam colocar por escrito as suas razões para gratidão. O baú era aberto no Dia da Oração, e a família dava graças em conjunto.5

Amy assim se expressou a respeito dos princípios sobre os quais Dohnavur foi fundado:

É importante que sejamos verdadeiros uns para com os outros, leais para com a família – apenas uma pequena família dentro da grande família real, com um amor familiar vivo e atuante como um elo vivo... A oração é o centro do nosso dia. Se tirássemos a oração, o dia desmoronaria, se tornaria inútil, sem qualquer vigor, uma palha levada pelo vento. Mas como é possível orar – orar de verdade – ao lado de uma pessoa contra quem você guarda rancor ou ressentimento ou a quem você tem criticado em conversas com terceiros? Tente. Você vai descobrir que é impossível.6

A coroa e a aliança de Cristo produzem coesão e coerência tanto na vida familiar quanto na vida da igreja. Sua coroa e aliança nos conferirão uma unidade e integridade de alma para orarmos pelos nossos filhos assim como Amy pelas crianças da Índia.

Pai, escuta a nossa prece,

Escuta os anseios do nosso coração,

Oramos pelos nossos filhos.

Guarda-os dos poderes do mal,

Dos perigos secretos e ocultos,

Do redemoinho que tenta sugá-los,

Da traiçoeira areia movediça que ameaça engoli-los.

Da euforia vazia do mundo,

Da pungente tristeza descrente,

Pai Santo, salva os nossos filhos.

Através das águas turbulentas da vida, dirige-os,

Nas batalhas amargas, anima-os,

Pai, ó Pai, fica junto deles.

Lê a linguagem dos nossos anseios,

As petições inarticuladas dos nossos suspiros,

Pai Santo, por nossos filhos.

E onde quer que estejam,

Conduze-os ao lar, ao findar do dia.7



Pergunta: Qual deve ser o relacionamento entre o lar e a igreja?

Resposta: A solidariedade familiar fortalece a igreja, e a solidariedade comunitária fortalece a família. A identidade e os valores do reino devem ter prioridade na vida familiar, e as famílias devem ter prioridade na vida da igreja. Igreja e família devem ser orientadas por um compromisso inabalável para com a coroa e aliança de Cristo.

Tornando-se um guardador da aliança

Leia Isaías 59.21 e 60.1-5. Escreva suas reflexões sobre essas gloriosas passagens.

Leia Romanos 15.5-7. Qual é a sua atitude para com aqueles que pertencem à sua igreja, mas são diferentes de você? Seu anseio por um testemunho de união que glorifique a Deus anula essas diferenças? Ore para que isso aconteça.

Leia o Salmo 127. Você considera as crianças da sua igreja como dádivas do Senhor? Ore pedindo a Deus que indique uma criança ou uma família a quem você possa ajudar e incentivar durante esta semana.

Continue a utilizar a passagem de Colossenses 2.2,3 como uma oração pela sua igreja.

Projeto de educação cristã

A Igreja Batista da Graça, em Cape Coral, Flórida, esforça-se para manter um equilíbrio entre igreja e lar. Seus membros dão atenção especial aos detalhes necessários para manter uma comunidade na qual os pais podem imergir seus

filhos na vida da igreja. Os seguintes excertos de uma publicação da igreja demonstram o valor conferido às famílias e às crianças.

Família: Hoje em dia todos falam sobre “valores familiares”, mas, na realidade, ninguém sabe o que isso significa. Nossa valorização da família nasce do ensino bíblico de que Deus é o arquiteto do lar. Ele une marido e mulher; ele é o doador dos filhos; e tem um cuidado especial para com as viúvas e os órfãos. Na tentativa de adotar as prioridades de Deus como nossas prioridades, enfatizamos a importância de uma vida familiar saudável com uma crescente vivência espiritual. Os nossos programas e horários refletem esse compromisso. Nós nos resguardamos contra a convocação de reuniões desnecessárias para conferir às famílias o tempo necessário para crescer no convívio do lar. Uma grande variedade de recursos, incluindo livros, fitas, sermões e seminários são oferecidos para fortalecer a vivência cristã no lar.

Filhos: Entre nós, as crianças gozam de alta prioridade... Elas são consideradas como bênçãos vindas diretamente de Deus (Sl 127.3). Esse compromisso dá origem a duas ênfases específicas nesse ministério: Primeiro, vigorosamente incentivamos os pais a desenvolverem suas melhores capacidades possíveis para a tarefa de cuidar de seus filhos e instruí-los. Segundo, como igreja, aceitamos a responsabilidade de assistir aos pais na educação e no cuidado de seus filhos...

Comunidade: Genuinamente nós nos amamos uns aos outros... Estamos descobrindo que a graça de Deus em Cristo Jesus transcende todas as nossas diferenças e distinções individuais, de maneira que podemos gozar de uma verdadeira união. Estamos crescendo na nossa compreensão sobre o que a Bíblia quer dizer quando afirma que “somos membros uns dos outros” (Rm 12.5). Assim, compartilhamos nossas vidas e nos encorajamos uns aos outros no espírito de Romanos 12.15: “alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram”.

Regularmente, o pastor Tom Ascol preside uma classe que explora a responsabilidade dos pais na instrução e orientação dos seus filhos, mas essa classe não inclui apenas os pais. Todos os membros da igreja são incentivados a participar. Todos os membros declaram o seu compromisso de assumir

responsabilidade pelas crianças. Tanto as crianças quanto os pais sabem que quando uma criança age mal ou é desrespeitosa, é aceitável, dentro dessa comunidade, que o adulto presente a corrija amorosamente. Se a criança resistir à correção verbal, ela é levada pelo adulto até seus pais.

Os dois últimos bancos do templo são reservados para os pais que estão ensinando seus filhos pequenos a como se portar bem durante o culto. Há muitos aposentados na igreja e eles freqüentemente cuidam das crianças para os casais jovens. Esses tipos de providências criam um ambiente no qual a congregação inteira está envolvida numa vivência pactual.

5



Uma estratégia pactual para o crescimento da igreja



Vivendo e ensinando no contexto da aliança

Uma igreja local

A nossa igreja se parece com uma família saudável e estruturada. É uma representação maravilhosa do modelo bíblico em todas as áreas, mas a vida pactual é especialmente evidente na segurança oferecida aos adolescentes e suas famílias.

Nós chegamos a essa igreja quando o nosso filho estava atravessando a idade vulnerável dos 16 anos. Experiências anteriores em comunidades nas quais os adolescentes não eram bem recebidos o haviam magoado. Ryan não queria ir conosco à nova igreja com medo de que essa experiência se mostrasse igual às anteriores. Nós o forçamos a ir. Ele não ficou nada contente com isso. Usou jeans sujo e sapatos furados para ir a essa igreja composta principalmente de executivos e senhoras que educavam os filhos privativamente em suas próprias casas. Nós nos sentimos embaraçados, mas não dissemos nada. Estávamos nos sentindo gratos porque Ryan estava ali conosco.

Desde o primeiro domingo em que entramos na igreja, homens e mulheres piedosos conversaram com Ryan. Eles pareciam não notar a aparência dele. Vários senhores o convidaram para participar de atividades junto com eles. Seu professor da classe da Escola Dominical o tratava com grande respeito. Quando Ryan pintou o cabelo, quase todas as mulheres da igreja elogiaram o seu novo visual. Quando ele levou uma amiga à igreja, as senhoras a rodearam com amor e elogiaram a beleza dela. Depois de termos freqüentado a igreja durante três meses, Ryan disse: “Mamãe, essas pessoas são cristãs verdadeiras; elas não são hipócritas”. À medida que o seu respeito pelas pessoas crescia, a sua atitude e até a sua maneira de vestir-se mudou.

Outras famílias tinham tido a mesma experiência com seus adolescentes. Esse amor palpável pelos jovens se estende além dos filhos dos membros da igreja. A nossa igreja é formada predominantemente por caucasianos, mas quando uma

jovem sem lar pertencente a um grupo minoritário e que estava sendo discipulada por Marlys mudou-se para a nossa casa, as outras meninas e suas famílias a envolveram com amor.

Quando oferecemos uma festa na nossa casa para os amigos da igreja, Ryan trouxe um grupo de amigos para a festa. Entre eles havia uma adolescente grávida. As mulheres mais velhas se apresentaram e demonstraram grande amor por ela. Mais tarde, uma senhora ofereceu-se para ajudá-la com as despesas do pré-natal.

Uma família recém-chegada à nossa igreja descobriu que a namorada do seu filho adolescente estava grávida. Os homens e as mulheres da igreja reuniram-se ao redor desse jovem casal. As mulheres organizaram um chá de cozinha. Quase todos os membros da igreja compareceram ao casamento e prometeram orar por esse novo casal. Uma das senhoras tornou-se sua mãe espiritual e doou seu tempo e energia emocional para ministrar a essa jovem esposa. A igreja também apoiou a família magoada do jovem marido.

A nossa igreja é um lugar seguro em que os pais de adolescentes podem compartilhar seus medos e lutas mais difíceis e penosas no relacionamento com os seus filhos. Podemos fazer pedidos de oração por nossos filhos sabendo com certeza que muitos orarão. Não somos levados a sentir que as nossas dificuldades e lutas são o resultado de erros que cometemos.

Os jovens ouvem doutrinas bíblicas sadias do púlpito e presenciam relacionamentos pactuais que transcendem idade, etnia ou posição econômica e social. Essa é uma comunidade da aliança do modo como ela deve ser. É um lugar maravilhoso para se estar.

John e Marlys Mulkey

Flower Mound, Texas.

Uma estratégia pactual para o crescimento da igreja

Como ensinar o conteúdo da aliança no contexto da comunidade da aliança? Até aqui temos visto que tudo começa com uma perspectiva pactual das Escrituras. Isso envolve uma abordagem equilibrada do relacionamento entre lar e igreja. Envolve também uma estratégia pactual para o crescimento da igreja.

Jesus nos deu sua ordem de marcha quando disse: “mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra” (At 1.8).

A maioria dos especialistas em crescimento da igreja concorda que a chave para esse crescimento é o convite feito pelos membros da igreja aos seus amigos para que venham à igreja. Muitas vezes, essa estratégia é comunicada pelo pastor quando pergunta à congregação quantos estão presentes ao culto a convites de um amigo, vizinho ou companheiro de trabalho. Normalmente, é recebida a resposta esperada. Um grande número de pessoas levanta a mão e nós presumimos que essa é a estratégia mais plausível para o crescimento da igreja. Pressuposição errada.

Não estou minimizando a importância do convite feito por membros da igreja a seus amigos não-crentes. Alcançar os perdidos com o evangelho é, sem dúvida, parte integrante da Grande Comissão que nos foi entregue pelo Salvador, e é nosso privilégio e responsabilidade obedecer a ela zelosamente. O que estou dizendo é que essa não deve ser a linha de frente da nossa estratégia para o crescimento da igreja.

O modelo bíblico de crescimento da igreja começa com as famílias da aliança. Os frutos de pais cristãos devem constituir o nosso grupo alvo principal. A primeira pergunta a ser feita quando desejamos comunicar uma estratégia para o crescimento da igreja é: Quantos membros adultos podem dar um “Testemunho Timóteo” (2Tm 3.15) e conhecem as Santas Escrituras desde a infância? É na resposta a essa pergunta que deveríamos ter o mais entusiástico número de mãos levantadas. São as respostas afirmativas a essa pergunta que fortalecem a igreja para a segunda onda de crescimento, ou seja, alcançar os que não pertencem à comunidade da fé.

Filhos de pais cristãos estão abandonando a igreja. Eles estão sendo sugados por mensagens, atividades e relacionamentos mundanos. Não importa quantos novos convertidos conseguimos trazer à porta da frente da igreja, se perdermos os nossos filhos pela porta dos fundos estaremos deixando escapar o objetivo inicial da Grande Comissão. É necessário começarmos em Jerusalém. Devemos começar no nosso lar, com os nossos filhos e na nossa própria igreja. Se não o fizermos, por que Judéia, Samaria e os confins da terra dariam qualquer crédito à nossa mensagem? Por que desejariam eles ter o que temos se não é seguro e importante o suficiente para reter os nossos próprios filhos?

Não estamos perdendo os nossos filhos porque o mundo tem mais para oferecer. O mundo proclama uma mentira. Nós temos a verdade. O mundo não consegue cumprir as suas promessas. Nosso Deus é cumpridor e guardador de promessas. Talvez uma das razões por que estamos perdendo os nossos filhos seja a falta de ênfase que temos posto no ministério instrucional da igreja.

Instrução cristã – a chave para o crescimento da igreja

Obviamente, um programa vigoroso de instrução cristã não é única estratégia de crescimento da igreja a ser empregada. Mas sem um ministério sólido e duradouro de instrução cristã, os outros componentes poderão fracassar. Um programa de instrução cristã pode apoiar, sustentar e suprir todos os outros ministérios da igreja.

Uma abordagem pactual do discipulado, ou instrução cristã, junta a verdade bíblica com relacionamentos irresistíveis que ajudarão a fortalecer os nossos filhos da aliança contra as ciladas de uma cultura anticristã. Uma abordagem pactual da instrução cristã coloca um alto valor na nossa responsabilidade de educar os nossos filhos da aliança de tal maneira que eles se tornem homens e mulheres de fé vigorosa, preparados para enfrentar e conquistar a sua cultura para o Rei Jesus.

Um enfoque enérgico na instrução e no desenvolvimento dos nossos filhos e famílias da aliança levará à expansão, e não à negação, da nossa responsabilidade de ir à Judéia, à Samaria e até aos confins da terra (At 1.8). Os

nossos filhos e filhas serão testemunhos fortes e vigorosos do poder e da realidade do evangelho, ampliando, assim, a nossa força missionária à medida que eles mesmos testemunham no parque infantil, no museu e nas equipes esportivas. O neto da minha amiga Ann Llewelyn, de apenas 4 anos de idade, encontrou a sua oportunidade num supermercado.

Zacarias é um garoto fascinante. É também um filho da aliança e está sendo instruído e orientado pelos seus pais sobre o modo pactual de vida. Ele está aprendendo que a sua fé deve ser integrada a todos os aspectos da vida, inclusive na escolha de brinquedos. Certo dia, enquanto Zach e sua mãe caminhavam pelos corredores do supermercado, uma senhora cruzou com eles, sorriu e falou com o menino. Na segunda ou terceira vez em que se cruzaram, a mulher disse: "Olá garoto, você já viu que eles têm _____ ", e mencionou o brinquedo da moda. Zach virou-se com o seu encanto irresistível e respondeu: "Sim, mas nós não brincamos com _____. Isso não glorifica a Deus". Sua mãe sorriu e continuou a andar pelo supermercado, grata pelo fato de que o seu filho estava desenvolvendo uma visão bíblica compreensiva do mundo e da vida que lhe dava a capacidade necessária para testemunhar da sua fé.

Método de Moisés

Pouco antes de sua morte e da entrada dos israelitas na terra prometida, Moisés falou ao povo. Podemos sentir o zelo do seu coração no sentido de que esse povo prosseguisse e florescesse como uma comunidade de fé. Ele lançou uma visão ambiciosa diante dos olhos deles. Deu-lhes uma missão, e era uma missão impossível à parte da presença e da promessa de Deus. Seu discurso apaixonado apresentava uma estratégia para o crescimento do reino. Ele começou recordando a história pactual do povo, relembrando-lhes repetidas vezes da afeição de Deus por eles. Suas exortações para que vivessem no contexto da aliança vibrava com instruções sobre a responsabilidade de ensinar o modo pactual de vida aos filhos da aliança. A expansão do reino deveria começar com seus filhos.

Porém, entremeado ao longo de todo o seu discurso de adeus a esse povo, estava a sua primeira paixão – Javé! Certamente Moisés desejava que eles soubessem

que Javé deveria ser também a paixão de cada um deles, se de fato eles tencionavam ganhar seus filhos e conquistar a cultura para a glória de Deus. Repetidas vezes, ele os direcionou ao Senhor. Moisés sabia que nenhum código moral capacitaria esse povo, assim como seus filhos, a viver na presença de Deus. Ao contrário, era a presença de Deus que lhes daria o poder para praticar uma moralidade bíblica, pois, na medida em que eles vivessem na presença de Deus, o caráter deles seria transformado para refletir o caráter do Senhor.

Os excertos abaixo, extraídos de Deuteronômio 4 a 7, nos dão um lampejo das características corporativa, intergeracional e abrangente da aliança, as quais deveriam marcar a estratégia de crescimento da igreja em nossos dias. O método de Moisés consistiu em confrontá-los com o Senhor e sua promessa pactual, desafiá-los a uma obediência radical em todas as áreas da vida, e admoestá-los no sentido de ensinar, cuidadosamente, a seus filhos porquê eles faziam o que faziam. Suas palavras são aplicáveis a nós quanto a procurarmos ganhar nossos filhos e tomar posse da nossa cultura para a coroa e aliança de Cristo.

Moisés ensinou que a nossa obediência pactual validava a nossa identidade frente ao mundo.

Agora, pois, ó Israel, ouve os estatutos e os juízos que eu vos ensino, para os cumprirdes, para que vivais, e entreis, e possuais a terra que o SENHOR, Deus de vossos pais, vos dá... Eis que vos tenho ensinado estatutos e juízos, como me mandou o SENHOR, meu Deus, para que assim façais no meio da terra que passais a possuir. Guardai-os, pois, e cumpri-os, porque isto será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos que, ouvindo todos estes estatutos, dirão: Certamente, este grande povo é gente sábia e inteligente.

Moisés ensinou que os privilégios e responsabilidades da aliança devem ser ensinados aos filhos. O crescimento do reino não é míope. Deve haver uma perspectiva intergeracional, de maneira que a geração seguinte continue a expandir o reino.

Pois que grande nação há que tenha deuses tão chegados a si como o SENHOR,

nosso Deus, todas as vezes que o invocamos? E que grande nação há que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que eu hoje vos proponho? Tão-somente guarda-te a ti mesmo e guarda bem a tua alma, que te não esqueças daquelas coisas que os teus olhos têm visto, e se não apartem do teu coração todos os dias da tua vida, e as farás saber a teus filhos e aos filhos de teus filhos.

Não te esqueças do dia em que estiveste perante o SENHOR, teu Deus, em Horebe, quando o SENHOR me disse: Reúne este povo, e os farei ouvir as minhas palavras, a fim de que aprenda a temer-me todos os dias que na terra viver e as ensinará a seus filhos

Estes, pois, são os mandamentos, os estatutos e os juízos que mandou o SENHOR, teu Deus, se te ensinassem, para que os cumprisses na terra a que passas para a possuir; para que temas ao SENHOR, teu Deus, e guardes todos os seus estatutos e mandamentos que eu te ordeno, tu, e teu filho, e o filho de teu filho, todos os dias da tua vida; e que teus dias sejam prolongados.

Ouve, pois, ó Israel, e atenta em os cumprires, para que bem te suceda, e muito te multipliques na terra que mana leite e mel, como te disse o SENHOR, Deus de teus pais.

Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR.

Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.

Quando teu filho, no futuro, te perguntar, dizendo: Que significam os testemunhos, e estatutos, e juízos que o SENHOR, nosso Deus, vos ordenou? Então, dirás a teu filho: Éramos servos de Faraó, no Egito; porém o SENHOR de lá nos tirou com poderosa mão. Aos nossos olhos fez o SENHOR sinais e maravilhas, grandes e terríveis, contra o Egito e contra Faraó e toda a sua casa; e dali nos tirou, para nos levar e nos dar a terra que sob juramento prometeu a nossos pais. O SENHOR nos ordenou cumpríssemos todos estes estatutos e temêssemos o SENHOR, nosso Deus, para o nosso perpétuo bem, para nos guardar em vida, como tem feito até hoje...

Moisés lhes ensinou o que fazer. Ele mostrou a eles a abrangência da vida pactual.

Quando o SENHOR, teu Deus, te introduzir na terra a qual passas a possuir, e tiver lançado muitas nações de diante de ti, os heteus, e os girgaseus, e os amorreus, e os cananeus, e os ferezeus, e os heveus, e os jebuseus, sete nações mais numerosas e mais poderosas do que tu; e o SENHOR, teu Deus, as tiver dado diante de ti, para as ferir, totalmente as destruirás; não farás com elas aliança, nem terás piedade delas; nem contrairás matrimônio com os filhos dessas nações; não darás tuas filhas a seus filhos, nem tomarás suas filhas para teus filhos; pois elas fariam desviar teus filhos de mim, para que servissem a outros deuses; e a ira do SENHOR se acenderia contra vós outros e depressa vos destruiria. Porém assim lhes fareis: derribareis os seus altares, quebrareis as suas colunas, cortareis os seus postes-ídolos e queimareis as suas imagens de escultura.

Moisés lhes ensinou por que eles deveriam viver de modo pactual.

Porque tu és povo santo ao SENHOR, teu Deus; o SENHOR, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra.

Moisés sabia que a emoção da expansão do reino passaria, a não ser que o povo relembrasse constantemente o quanto o Rei os amava.

Não vos teve o SENHOR afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, mas porque o SENHOR vos amava e, para guardar o juramento que fizera a vossos

pais, o SENHOR vos tirou com mão poderosa e vos resgatou da casa da servidão, do poder de Faraó, rei do Egito.

Moisés lhes mostrou que, em última análise, a expansão do reino dependeria da fidelidade do povo ao seu Rei.

Saberás, pois, que o SENHOR, teu Deus, é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e cumprem os seus mandamentos.

O método de Moisés para a expansão do reino deveria ser imitado pela igreja de nossos dias. Seu método nos confronta com o caráter abrangente da aliança. O nosso relacionamento pactual com Deus deve ser o princípio unificador da vida. A nossa fé deve ser integrada a toda a vida. Nada, e nenhum momento, está fora da abrangência dessa realidade absolutamente inclusiva. A vida não deve ser compartimentalizada. O total da nossa vida deve ser vivido na presença e para a glória de Javé. É necessário que a Palavra de Deus governe o nosso pensamento e a nossa maneira de viver. A nossa visão do mundo é determinada pela palavra de Deus.

O método de Moisés nos apresenta o caráter corporativo e geracional da aliança. O modo pactual de vida deve ser ensinado no contexto das relações pactuais da comunidade da aliança. Essa comunidade da aliança (a família e a igreja cristãs) deve ser a confirmação corporal e visível da mensagem da aliança. Devemos ensinar às crianças quem é Deus, quem somos nós no reino de Deus em razão da sua aliança conosco, como vivemos pactualmente na presença dele e como vivemos pactualmente uns com os outros.

Isso significa que somos professores e estamos continuamente ensinando – ao nos sentar esperançosos no banco da igreja preparando-nos para adorar o Senhor da glória, ou ao fazer a lista do supermercado em vez de participar do culto... ao conversarmos com um adolescente após o culto sobre um exame que ele deve prestar e nos comprometemos a orar pelo assunto, ou se passamos por ele ignorando a sua presença... se intencionalmente nos sentamos junto com um

grupo de crianças durante uma refeição comunitária para realmente conhecê-las, ou se sempre nos sentamos com os nossos amigos... se com gratidão nos prontificamos a cuidar do berçário de modo que possamos embalar os bebês da aliança, ou quando dizemos que nossos filhos já cresceram e já fizemos a nossa parte... quando ensinamos um grupo de pré-adolescentes sobre os relacionamentos pactuais e depois os levamos para visitar um membro idoso internado numa casa de repouso para que eles possam ouvir maravilhosas histórias de fé, ou se apressadamente damos uma olhada no currículo a caminho da igreja e ficamos satisfeitos por termos nos desobrigado de mais uma lição. Ensinamos quando nos alegramos com aqueles que se alegram e nos entristecemos com os que se entristecem, quando a nossa fé determina como trabalhamos e nos divertimos, como nos casamos, criamos os nossos filhos, como vivemos e como morremos.

O método de Moisés suprirá a igreja de Jesus Cristo com “mil gerações daqueles que o amam e guardam os seus mandamentos”. A estratégia de crescimento da igreja proposta por Moisés preparará a igreja para representar uma presença vigorosa diante da cultura, o que levará os observadores a dizerem com admiração: “Certamente este grande povo é gente sábia e inteligente... e que grande nação há que tenha estatutos e juízos tão justos como esta lei...?” Isso nos proporcionará a possibilidade de termos uma agressiva estratégia de expansão do reino que nos levará até à Judéia, à Samaria e até aos confins da terra.

Sucessão pactual

Num excelente trabalho sobre as doutrinas dos “filhos da aliança, instrução pactual e sucessão pactual”, o pastor Robert S. Rayburn, escreveu

Recentemente, participei de um seminário sobre crescimento da igreja... Listados como tópicos para possíveis considerações estavam mais de uma dúzia de assuntos e sugestões sobre caminhos e meios para esse crescimento. Notável pela ausência era a menção de qualquer coisa referente ao nascimento e subseqüente instrução dos filhos da igreja, embora possamos provar facilmente

que, desde o início da igreja no Éden e até hoje, o principal instrumento do seu crescimento é a sucessão pactual...

O extraordinário fenômeno da sucessão da fé cristã através das gerações, de importância fundamental para a vida da igreja no mundo, recebe uma explicação abrangente nas Santas Escrituras. O fato de que a maioria dos cristãos é filha de pais cristãos não é nem uma coincidência observável nem um simples fenômeno que pode passar despercebido. Ao longo de toda a Bíblia, o Senhor declara o seu propósito de que casamentos cristãos produzam uma semente santa (Ml 2.15). Uma das primeiras características da aliança estabelecida pelo Senhor com o seu povo é a inclusão das famílias tendo sempre em vista a continuação de suas bênçãos salvadoras para as gerações seguintes. O lugar ocupado por essa característica na economia divina é indicado por uma repetição abrangente e enfática ao longo de toda a Bíblia (p. ex., Êx 20.6; Dt 4.37-40; Sl 100.5; 102.28; 103.17,18; Is 44.3; 54.13; 59.21; 65.23; Jr 32.38,39; 35.19; Ez 37.25; Zc 10.6,7; At 2.38,39; 16.14,15, 31). Devemos deixar absolutamente claro que a promessa feita aos filhos da aliança não significa uma posição especial de privilégio, mas representa precisamente a promessa do evangelho: vida eterna no céu. Quer a formulação da promessa feita por Deus seja de que ele será o seu Deus (Gn 17.7), ou que ele estenderá a sua misericórdia de geração em geração (Sl 103.17), ou o seu Espírito (Is 59.21), ou o seu perdão (At 2.38,39) ou sua salvação (At 16.31), a aliança que assim inclui as crianças com seus pais crentes é a aliança da graça.

Que o Senhor direcionasse o seu amor salvador através das gerações é algo perfeitamente esperado de um Pai que sabe o que é amar um filho e vê-lo sofrer sob a ira de Deus, e que ensina a seus próprios filhos que “Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido” (1Jo 5.1). Para amar de modo genuíno e profundo o seu povo, o Pai deveria amar também os seus filhos, aos quais John Flavel, com a percepção de um pai, descreve algures como “porções de si mesmo embrulhadas em outra pele”. Imagine o contrário: que pais cristãos trouxessem seus filhos ao mundo sem nenhuma certeza de que a graça salvadora derramada sobre eles – dentre os relativamente poucos favorecidos de todo o mundo – seria igualmente derramada sobre seus filhos, a quem amam tanto quanto amam a própria vida. Pais cristãos não se imaginam povoando o inferno quando trazem filhos e filhas ao mundo! Sua expectativa é completamente outra (Sl 90.16)... Foi um verdadeiro Pai e um perfeito amor paternal quem fez, e tantas vezes repetiu, a promessa de ser o Deus do seu povo e dos seus filhos.

O paradigma bíblico é que os filhos da aliança cresçam na fé desde a infância...

É imperativo que a doutrina da sucessão pactual seja recuperada e restaurada nas nossas igrejas. Sua perda tem reduzido profundamente a apreciação e admiração da igreja para com a liberalidade e perfeição da graça divina. Além disso, a apropriação pela fé dessa promessa e convocação divinas é o meio estabelecido de suprir a igreja com gerações e gerações de servos e guerreiros cristãos, homens e mulheres que alcançam a idade adulta bem instruídos, fortes na fé, animados pelo amor a Deus e aos semelhantes, experientes em relação aos caminhos do mundo e do diabo, aprimorados nas boas maneiras de uma genuína fraternidade cristã, ofuscados pelo espectro do dia final, revigorados para negarem-se a si mesmos e tomarem a sua cruz e assim serem considerados dignos de ainda maiores proezas por Cristo e seu reino. Hoje em dia, a igreja não apenas sofre de uma terrível escassez de cristãos assim resolutos e orientados pela vida espiritual, extraordinariamente preparados para a luta espiritual, mas, de fato, está vertendo seus filhos aos borbotões para o mundo. O evangelismo cristão nunca fará uma diferença decisiva na nossa cultura enquanto significar meramente um esforço para repor as perdas devidas e uma extensa deserção no seu próprio arraial. O evangelho sempre falhará no seu esforço de atrair a atenção e transmitir convicção quando um grande número daqueles que cresceram sob sua influência é visto abandonando a sua fé e trocando-a pelo mundo... gravar a doutrina da sucessão pactual no coração da família e da igreja produzirá um maravilhoso efeito estimulante e dignificante. Isso induzirá os pais cristãos a trabalhar seriamente na instrução espiritual de seus filhos, equipando-os e exigindo que vivam a vida de fé e de dever pactual para a qual o seu Deus e Salvador os chamou na nascente da vida. E, sempre conscientes do efeito maior do exemplo paterno, abandonarão o caminho fácil para viver alegre e corajosamente uma vida de devoção e obediência que adorna e torna possível a fé aos olhos de seus filhos. Isso farão aqueles que abraçam a doutrina bíblica, para que o Senhor, no grande dia final não lhes diga: “Vocês tomaram seus filhos e filhas gerados para mim e os sacrificaram aos ídolos”.1

Filhos da aliança

O artigo do Dr. Rayburn é extraordinário e o testemunho de sua própria família é

uma confirmação do artigo. Seu pai foi o fundador do Covenant Seminary e da Covenant College (Seminário da Aliança e Faculdade da Aliança). Há muitas histórias de fidelidade nessa família de guerreiros firmes e resolutos pela coroa e aliança de Cristo. Um dos exemplos mais recentes foi a morte de sua irmã Bronwyn, de 49 anos de idade, depois de uma luta de 32 meses contra um câncer. Seu marido, o capelão Steve Leonard, conta a história numa carta endereçada aos ex-alunos da Covenant College:

Bronwyn foi uma valente santa da aliança até o limiar da eternidade, quando gloriosamente deixou a nossa presença dando-nos um lampejo da sua recepção no céu. Ela “cruzou o rio” numa noite de domingo, o “melhor dia de todos”. Ao longo de toda a sua vida, ela amou o dia do Senhor e assim entrou no descanso eterno no dia do descanso.

Foi muito semelhante ao Peregrino – pois Bronwyn, ansiando por ar, à medida que os fluidos enchiam seus pulmões, cruzou o rio e “desembarcou na praia distante”. Enquanto Linnea, sua filha, expressava o quanto iríamos sentir a sua falta, mas que dentro de minutos ela estaria com o Senhor Jesus, e com Papa (papai R.) e com Moisés, Abraão e tantos outros... Bronwyn demonstrou uma aparência radiante e infantil na sua face – abriu bem os olhos – e, falando sem ansiar pelo ar durante vários minutos, ela, sem parar, contou sobre Paulo, Marcos, Josué, Caleb (não os seus filhos que tinham estes nomes) e o papai – e então, assoberbada pela enorme saudação, disse várias vezes: “Todos estão aqui” e “Aleluia”.Quando Linnea lhe disse: “Mamãe, não estaremos separados por muito tempo, logo nós a seguiremos”, Bronwyn respondeu com voz clara e firme: “Venham depressa!” Assim devemos fazer. Correr para Cristo. Correr para a Palavra. Correr para a oração. Correr para crer e obedecer. Correr para o céu.

Um legado da aliança

Uma das mais cativantes histórias que já ouvi fala sobre o rico legado de fé deixado por Ann Hamilton. Ela viveu aproximadamente entre 1750 e 1800.

De acordo com Bill Armes, um descendente de sétima geração, ela era conhecida na sua vila escocesa como uma cristã devota cujo semblante irradiava a paz do seu Senhor. A história sobre o momento de sua morte foi passada de geração em geração, sobre quando o seu semblante sereno mudou para uma aparência de ansiedade e inquietação. Perguntaram-lhe o que estava errado. Finalmente, ela conseguiu responder, e, nesse momento a sua expressão tornou-se novamente radiante: “Filhos”, ela disse; “eu os tive”. “Ele me deu a promessa.” Então ela citou Isaías 59.21: “Quanto a mim, esta é a minha aliança com ele, diz o Senhor: o meu Espírito, que está sobre ti, e as minhas palavras, que pus na tua boca, não se apartarão dela, nem da de seus filhos, nem da dos filhos de seus filhos, não se apartarão desde agora e para sempre, diz o SENHOR”.

Ela estava reivindicando a promessa para o futuro, e Deus honrou sua promessa a essa mãe escocesa.

Entre os seus descendentes da quinta geração estão John Armes, Willard Armes, Katherine Armes Holliday e Janet Armes Ludlam. Os homens são pastores presbiterianos e as mulheres são esposas de pastor. Todos os seus filhos são cristãos comprometidos – alguns servindo como pastores, missionários, diretores de escolas cristãs, diáconos, presbíteros, capelães. Um extraviou-se da fé, mas foi convencido ao ouvir a história de Ann Hamilton. Hoje ele está no ministério.

A história tem sido compartilhada por ocasião de batismos ou funerais na família. O versículo da aliança foi gravado numa placa de prata há muitos anos, e foi entregue a Willard e duplicatas dessa placa estão penduradas nas paredes da casa da maioria de seus descendentes. Sempre e em qualquer situação que é lida ou mencionada, ela é um testemunho poderoso das promessas pactuais de Deus.

Hoje há 61 netos que continuam ouvindo a história da boca de seus pais, continuando a corrente pactual reivindicada por Ann Hamilton há tantos anos.2

Ann Hamilton possuía uma estratégia pactual de crescimento da igreja. Ela creu na promessa pactual de Deus e reivindicou as futuras gerações para o Rei Jesus.

Misericórdia flutuante

Histórias como essas são celebrações da fidelidade de Deus para com as famílias, mas são dolorosas para pais cristãos cujos filhos são indiferentes ou rebeldes para com Deus. Não importa o quão inclinado à autodestruição esteja um filho, os pais crentes devem agarrar-se tenazmente às promessas de Deus e continuar em oração pelo filho desviado. Mônica, mãe de Agostinho, orou durante 32 anos pela conversão do seu filho. Seu estilo de vida licencioso magoava o coração de Mônica, mas não abalava a sua confiança no Senhor. Deus respondeu à oração dela e usou o filho dela para mudar o curso da História.

No seu livro Confissões, “um dos diários mais comoventes jamais escrito sobre a jornada de um homem até à fonte da graça de Deus”,3

Agostinho escreve sobre seus anos antes da conversão: “Vim para Cartago. De todos os lados fervia a sertã de criminosos amores... Por isso minha alma não tinha saúde, e, ulcerosa lançava-se para fora, ávida de se roçar miseravelmente aos objetos sensíveis”.4 Entretanto, sobre esse período ele escreve: “E a vossa fiel misericórdia pairava, de longe, sobre mim”.5

Sobre a sua mãe, Agostinho escreveu:

Mas vós, lá do alto, estendestes a mão e arrancastes a minha alma dessa voragem tenebrosa, enquanto minha mãe, vossa fiel serva, junto de Vós chorava por mim, mais do que outras mães choram sobre os cadáveres dos filhos. É que ela, com o espírito de fé com que a dotastes, via a morte da minha alma. Vós, Senhor, escutastes seus rogos. Vós a ouvistes. Não desprezastes as lágrimas que, brotando dos seus olhos, regavam a terra por toda a parte em que oravam. Sim, Vos a ouvistes.6

Agostinho conta que Mônica foi incentivada por um bispo que lhe disse: “Vai em paz e continua a viver assim porque é impossível que pereça o filho de tantas lágrimas!”7

E Agostinho louva a Deus pela sua graça e pelas orações de Mônica: “As vossas mãos, meu Deus, ocultas nos segredos da vossa Providência, não abandonavam a

minha alma. Noite e dia, minha mãe Vos oferecia por mim, em sacrifício, o sangue do seu coração transformado em lágrimas. Vós procedestes comigo ‘de modo admirável’”.8

Afirma-se que Agostinho de Hipona exerceu maior influência sobre o pensamento cristão do que qualquer outro Pai da Igreja. E atrás de tudo, de nosso ponto de vista privilegiado, vemos uma estratégia pactual de crescimento da igreja – as orações perseverantes de sua mãe e a perseverante graça de Deus.

Crescimento da igreja – Instrução cristã

Uma estratégia pactual de crescimento da igreja será tão entretecida com o programa de instrução cristã que ambos serão, em algumas situações, indistinguíveis. Cada um fortalecerá e incentivará o outro.

Estou convencida de que, quando nós, o povo de Deus, começarmos a perceber Jesus em cada página das Escrituras e em cada página da nossa vida, quando entendermos a conexão existente entre fé e vida, quando compreendermos a realidade de vivermos o total da vida na presença de Deus, o nosso coração queimará com uma paixão consumidora por abraçar os nossos privilégios como cidadãos do reino e a nossa gloriosa responsabilidade de passar os valores deste reino às novas gerações.

Então, o ministério instrucional da igreja progredirá além da tentativa de encontrar pessoas cálidas dispostas a ensinar crianças de 2 anos de idade ou novos convertidos ingênuos que suportem os adolescentes, para um povo pactual ativo e cheio de energia que comunica e transfere a vida pactual para a próxima geração.

Então, a linha de frente da nossa estratégia para o crescimento da igreja será um ministério instrucional forte que acredita que ensinar crianças da primeira série é tão “espiritual” quanto servir como membro da comissão de missões ou de evangelismo.

Então, os de fora da igreja verão algo autêntico e irresistível. Verão o povo da

aliança de Deus continuar a “perseverar unânimes no templo, partindo o pão de casa em casa e tomando suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo”. E descobriremos o Senhor acrescentando “dia a dia os que iam sendo salvos” (At 2.46,47).

Ponto central

Uma estratégia pactual de crescimento da igreja funciona de dentro para fora. Essa estratégia começa com a convicção de que nós, como povo da aliança, somos ordenados a ensinar a fé a todos os filhos que Deus dá à nossa igreja. Essa convicção se traduz num vigoroso ministério de instrução cristã. A reserva de energia e recursos reflete a alta prioridade por nós conferida ao ministério instrucional da igreja. Pensamos estrategicamente sobre a instrução e nutrição dos nossos filhos da aliança. Ensinamos a eles uma perspectiva pactual das Escrituras, e os envolvemos na vida da comunidade da aliança. Mostramos-lhes Jesus em cada página das Escrituras e em cada página da nossa vida. Somos mordomos fiéis dessas dádivas a nós confiadas pelo nosso Deus. Travamos uma guerra por suas almas no campo de batalha da oração.

Ó Deus todo-poderoso, nosso Pai Celestial, dá-nos esta semente! Dá-nos uma semente justificada e restaurada diante de ti! Castiga-nos e à nossa casa com eterna esterilidade ao invés de termos uma semente que não seja conforme a tua vontade e o teu propósito. Ó Deus, dá-nos nossos filhos. Dá-nos nossos filhos. Uma segunda vez, e por meio de um muito melhor nascimento, dá-nos nossos filhos para que eles estejam ao nosso lado na tua santa aliança. Pois teria sido melhor que não houvéssemos nascido; teria sido melhor que nunca tivéssemos contratado casamento; teria sido melhor que permanecêssemos solitários todos os nossos dias a não ser que os nossos filhos estejam junto a ti, restaurados e justificados... Mas tu, ó Deus, és tu mesmo um Pai e, portanto tens um coração paternal. Ouve-nos, então, por nossos filhos, ó nosso Pai.

...Em tempo e fora de tempo não nos deitaremos na nossa cama, não daremos sono aos nossos olhos nem descanso às nossas pálpebras até que nós e a nossa

semente estejamos ao teu lado conforme o teu propósito. E, então, como te louvaremos, nós e toda a nossa semente salva ao nosso lado... e diremos: àquele que nos amou e nos purificou dos nossos pecados com o seu próprio sangue e nos concedeu um perdão gratuito, total e eterno e nos tornou participantes de sua natureza divina, a ele seja o nosso amor e o louvor e o serviço para toda a eternidade. Amém e Amém!9



Pergunta: O que é uma estratégia pactual para o crescimento da igreja?

Resposta: Uma estratégia pactual para o crescimento da igreja começa com a instrução dos filhos da aliança. É o reconhecimento de que os nossos filhos são dádivas do Senhor, e uma enérgica tentativa de sermos bons mordomos dessas dádivas. Essa estratégia, então, avança no sentido de reivindicar o mundo todo para a coroa e aliança de Cristo.

Tornando-se um guardador da aliança

Leia Deuteronômio 4 a 7 e faça uma lista das características inclusivas da aliança. Que áreas da vida estão incluídas nessas instruções?

Leia Deuteronômio 4 a 7 e faça uma lista das características corporativas da aliança. O que é afirmado sobre os nossos privilégios e responsabilidades como comunidade?

Leia Deuteronômio 4-7 e faça uma lista das características intergeracionais da aliança. Que ênfase é colocada sobre a transmissão da vida pactual aos filhos?

Projeto de educação cristã

Temos insistido na necessidade de ensinar o conteúdo da aliança no contexto de uma comunidade pactual. Aqui estão algumas idéias práticas sobre como estabelecer uma comunidade. A maioria destas idéias é viável para todas as idades.

Três perguntas devem ser feitas sobre toda atividade, projeto ou evento. Os professores também deveriam considerar estas perguntas ao fazer a aplicação de

suas aulas.

Como isto cria comunidade na nossa classe?

Como isto estabelece comunidade com os outros membros da nossa igreja?

Como isto promove o reino de Deus no mundo?

Deve haver um grupo de liderança com pessoas que sejam especialmente responsáveis por estabelecer comunidade na classe, estabelecer comunidade com outros grupos dentro da igreja e ..... o reino de Deus além da igreja.

Algumas maneiras de criar comunidade numa classe

Tenha uma pessoa ou uma comissão para coordenar o seguinte: acompanhamento para os visitantes, contato com membros que faltaram por dois domingos seguidos, planejamento de saídas com o grupo, uma corrente de oração, ministério de compaixão para com os membros doentes ou com necessidades especiais.

Tenha uma comissão de boas-vindas para que todos se sintam bem desde o momento da chegada.

Coloque números em duplicata numa cesta e faça com que cada pessoa ou casal retire um número. Então, proponha que cada um encontre a outra pessoa ou casal com o número correspondente. Os pares deverão orar um pelo outro durante um tempo específico. Dê a eles um tempo para compartilharem pedidos de oração. Estimule-os a fazer alguma coisa para incentivar o companheiro de oração, como mandar um cartão, convidá-lo para jantar, oferecer um pratinho de doces, etc. A cada semana, pergunte se alguém foi incentivado pelo seu companheiro de oração. Ao ouvir os testemunhos, as outras pessoas se sentirão incentivadas a fazer o mesmo.

Separe um período de tempo para discutir a aplicação da lição. Se a classe tem mais de dez alunos, divida-os em grupos de cinco ou seis. Muitas pessoas conseguem falar em pequenos grupos, mas nunca diriam uma palavra num grupo grande. Apresentar uma situação real ou uma pergunta específica para que a classe discuta e aplique a lição.

De vez em quando, inicie a lição dividindo a classe em pequenos grupos, pedindo que compartilhem algo pelo que estão agradecidos, ou algo que o Senhor lhes tenha ensinado recentemente, ou para que compartilhem um versículo favorito das Escrituras ou um hino. Esta atividade pode ser feita durante um período de três a cinco minutos, e ajudará as pessoas a se conhecerem num nível mais profundo.

De tempo em tempos, planeje um dia de comunhão, em vez do ensino da lição.

Freqüentemente, permitir que um membro da classe dê um testemunho. Pode ser um testemunho sobre salvação ou sobre outra experiência específica. Dê instruções por escrito e bem específicas para os testemunhos. Estabeleça um prazo de três minutos. Pedir às pessoas que escrevam e cronometrem seus testemunhos e exigir que elas se atenham às suas notas escritas. Isso não tira muito tempo da lição, mas confere uma maravilhosa dimensão de unidade à classe.

Criando comunidade com outros grupos da igreja

Todas as semanas, faça com que todos os membros da classe assinem um cartão que será mandado a um membro da igreja. Pode ser um cartão de apreciação ou de encorajamento ou um cartão de votos de recuperação da saúde. Pedir a um membro da classe que ore pela pessoa que receberá o cartão. Isso funciona para todas as idades. O cartão pode ficar sobre a mesa para que todos o assinem ao entrar na classe.

Periodicamente, convide um oficial da igreja ou o dirigente de uma comissão para falar à classe durante três minutos e compartilhar o fardo do seu ministério. A pessoa deverá indicar como a classe pode orar por esse ministério específico. Após o testemunho, convide um membro da classe a orar por essa pessoa. Esta

atividade é boa até mesmo para crianças pequenas. Elas precisam conhecer os líderes da igreja e sentir a responsabilidade de orar por eles.

Planeje festas e projetos ministeriais em conjunto com grupos de idades diferentes. Por exemplo, um grupo de veteranos poderia sair com uma classe da primeira série do curso primário, visitar um lar de idosos, cantar alguns hinos e depois ir comer uma pizza.

Maneiras de promover o Reino de Deus fora da igreja

“Adotar” uma família de missionários. Orar por essa família e comunicar-se com ela.

Colaborar com projetos comunitários específicos. Por exemplo: doar alimento para um abrigo de moradores de rua, providenciar produtos para bebê e doá-los para instituições que cuidam de crianças abandonadas ou abrigos para mães solteiras, providenciar atendimento às necessidades de outros ministérios que atendem à população carente de centros urbanos, cartões para internados. Orar regularmente por esses ministérios e ocasionalmente convidar alguém envolvido neles para falar à classe. Se possível, desenvolver projetos em que os membros da classe possam participar do trabalho.

Participar de um projeto de Natal para encarcerados.

Entrar em contato com instituições que atendem a famílias cujos filhos apresentam necessidades especiais. Procurar saber que tipos de ministério poderiam ser oferecidos a essas famílias.

6



Ensinando no contexto da aliança



Vivendo e ensinando no contexto da aliança

Um educador cristão

No processo de me preparar para a universidade, passei muitas horas refletindo sobre pessoas que causaram um grande impacto na minha vida. Uma pessoa em particular me veio à mente – o meu professor e mentor, o Dr. George Grant – que continua a ter enorme influência sobre a minha visão da educação. Digo "visão da educação", porque G. K. Chesterton afirmou: "O fato mais importante sobre o assunto instrução é que não existe tal coisa. Instrução não é um assunto e não trata de assunto. Ela é, antes, a transferência de um modo de vida".

Essa visão da instrução modelou a minha compreensão da aprendizagem e da aplicação da Bíblia à minha vida. Uma vez que aprendizagem significa a "transferência de um modo de vida", o objetivo é buscar continuamente a compreensão e o entendimento. Aprender é o meio de direcionar para um fim. Uma pessoa instruída não é o resultado final; o objetivo final é uma pessoa que aprende a amar a Deus com a mente, bem como com a alma e o coração. Depois de ser exposta a esse estilo de ensino, hoje sou capaz de analisar e avaliar novas informações e conhecimentos através de lentes bíblicas. Em 2 Coríntios 10.5, Paulo escreve que devemos levar "cativo todo pensamento à obediência de Cristo". O aprendizado é um meio de louvar a Deus com a nossa mente.

A filosofia da instrução adotada pelo Dr. Grant é um modelo bíblico clássico que ele mesmo implementou na Franklin Classical School, que se dedica ao ensino de pais, em Franklin, Tennessee. Ele me ensinou que essa "transferência de um modo de vida" é possível apenas pelo uso do método de um mentor para um discípulo. A diferença entre um mentor e um professor é que o mentor procura envolver-se num relacionamento com o discípulo. Um mentor incentiva e desafia o discípulo espiritual e intelectualmente, enquanto o professor apenas transmite informação. O Dr. Grant dá testemunho da graça sempre transformadora de Deus ao preparar a próxima geração de líderes – uma visão dirigida pela fé. Hebreus

11.1 diz: “Ora, a fé é a certeza das coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem”. O mentor aceita o fato de que ele pode não ver todos os resultados do seu investimento, mas nem por isso perde a esperança.

G. K. Chesterton disse também: “Lembrem-se, se alguma coisa é digna de ser feita, ela deve ser bem-feita”, ou seja, se algo é digno de ser feito, é porque é digno de ser feito. Esse é o produto da fé que tem levado o Dr. Grant a ser mentor de tantos discípulos – não uma rejeição da excelência, mas a motivação para dar início à obediência, em vez de esperar pelas circunstâncias perfeitas. Essa maneira de pensar me deu a confiança e o desejo de dirigir um estudo bíblico na Franklin Classical School durante o primeiro e o terceiro anos do meu curso colegial.

A paixão por aprender e a visão do discipulado demonstradas pelo Dr. Grant influenciou imensamente a minha visão do mundo e da vida. Na formatura, ele exortou a classe de formandos como a próxima geração de líderes usando as seguintes palavras: “Vocês têm um destino e o tempo de agir com base nesse destino é agora! Possa Deus ajudá-los a ser aquilo que foram chamados para ser, e a fazer aquilo que foram chamados para fazer. Deus os abençoe”.

Pela ação do Espírito Santo, sou capaz de responder à verdade do evangelho, que está escrita no meu coração. Que Deus me ensine a servir ao seu reino pela obediência à sua Palavra. Que Deus me use para discipular outros como fui discipulada.

Elizabeth Taylor

Brentwood, Tennessee

Ensinando no contexto da aliança

A maioria dos métodos e conteúdos educacionais de nossos dias concentra-se em ajudar os alunos a se sentirem bem consigo mesmo. Parece que não importa se estamos criando uma geração de analfabetos, contanto que eles tenham uma auto-imagem positiva. É triste verificar que muitas igrejas bem-intencionadas adotaram essa tendência. O declínio de uma instrução cristã sólida que exalta o nosso Salvador tem resultado num interesse crescente pela nossa própria importância. Isso, por sua vez, produziu uma teologia terapêutica que se concentra nas nossas necessidades e não na glória de Deus. O interessante é que não nos tornamos cristãos mais fortes. Na realidade, em algumas igrejas os cargos antes ocupados por educadores cristãos foram entregues a conselheiros, que estão, em muitos casos, lidando com as conseqüências da nossa falta de instrução cristã.

É tempo de retornarmos a uma vigorosa ênfase sobre uma abordagem pactual da instrução cristã.

A abordagem bíblica do ensino nunca trivializa o processo educacional ou incapacita os estudantes com ninharias egocêntricas. Há coisas demais em jogo. Há conhecimento para ser adquirido e aplicado que tem ramificações eternas. Há um Deus glorioso para ser glorificado. Há um reino para se promover e levar adiante. O Salmo 78 é o salmo da instrução cristã que nos dá um fundamento sobre o qual edificar um ministério de instrução cristã.

Ao ler este capítulo, não perca a riqueza do Salmo 78 limitando-o às crianças pequenas e às situações formais de ensino. Lembre-se de que todos os crentes são filhos da aliança e todos nós somos educadores cristãos. O salmo se refere à comunidade da aliança em ação.

A responsabilidade

Escutai, povo meu, a minha lei; e prestai ouvidos às palavras da minha boca. Abrirei os lábios em parábolas e publicarei enigmas dos tempos antigos. O que ouvimos e aprendemos, o que nos contaram nossos pais, não o encobriremos aos seus filhos; contaremos à vindoura geração os louvores do SENHOR, e o seu poder, e as maravilhas que fez.

Salmo 78.1-4

A quem pertence à responsabilidade de ensinar os filhos? A maioria dos evangélicos rapidamente responde que essa é uma responsabilidade do pai, como cabeça do lar. Como vimos no capítulo 3, essa resposta está parcialmente correta.

O Salmo 78 é dirigido à comunidade da aliança: “Escutai, povo meu”.A ordem para “contar à vindoura geração” é dada aos pais individuais dentro de um contexto comunitário. A educação dos filhos da aliança é tanto uma responsabilidade familiar como uma responsabilidade comunitária. A tarefa de educar uma criança exige um ambiente comunitário mais amplo. É necessária uma comunidade de fé, a igreja do Senhor Jesus Cristo, para reforçar, expandir, modelar e praticar o que está sendo ensinado no lar.

Consideraremos três implicações desse princípio.

Primeiro: É responsabilidade dos pais instruir os seus filhos em casa e levar a família a participar da comunidade pactual da fé. As crianças precisam ver seus pais celebrando o privilégio de serem membros do corpo de Cristo e assumindo as responsabilidades pelo cuidado desse corpo. Pais e mães que se alegram com os que se alegram e choram com os que choram (Rm 12.15), que são bondosos, compassivos e perdoadores (Ef 4.32), que refletem sobre como poderiam incitar outros às boas obras e ao amor (Hb 10.24), que oram pelos outros (Tg 5.16) e que praticam a hospitalidade sem murmurar (IPe 4.9), ensinam a seus filhos que essa é a maneira como o povo de Deus vive em aliança uns com os outros.

Segundo: Aqueles que ocupam uma posição formal de ensino no ministério infantil da igreja devem compreender que não terão condição de ensinar pactualmente uma criança sem conhecerem os seus pais. Deve haver

comunicação e cooperação entre o lar e a igreja. O professor sábio, deliberada e intencionalmente abrirá oportunidades para o envolvimento dos pais. Isso pode ser feito por meio de cartas a eles, contando-lhes o que seus filhos estão estudando e oferecendo sugestões sobre como eles poderiam reforçar as lições, convidando um pai ou mãe a cada semana para assistir à aula, pedindo aos pais que planejem projetos especiais e passeios com as crianças e fazendo visitas periódicas aos lares ou mantendo um contacto telefônico.

Cheryl ensina uma classe de Escola Dominical para crianças de 5 anos. A cada início do ano, quando recebe a lista de crianças que serão promovidas para a sua classe, ela envia a seguinte carta aos pais:

Queridos pais

Estou feliz em saber que ____ estará na minha classe neste ano. Ensinar a Palavra de Deus às crianças é um privilégio e uma enorme responsabilidade. Ninguém conhece ou ama seus filhos mais do que vocês. Para poder aproveitar ao máximo a oportunidade que Deus me dá de ensinar o seu filho(a), eu preciso da ajuda de vocês.

Em primeiro lugar, orem por mim.

Segundo, por favor, acompanhem seu filho(a) à nossa classe no dia (data) e planeje permanecer conosco durante os primeiros quinze minutos de modo que eu possa conhecê-los e contar-lhes alguns planos que temos para a nossa classe da Escola Dominical.

Terceiro: preencham o formulário e o devolvam para mim no dia em que trouxerem o seu filho (data).

Minha oração para a nossa classe é que as crianças “cresçam na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2Pe 3.18), “para que o coração deles seja confortado e vinculado juntamente em amor, eles tenham toda a riqueza da forte convicção do entendimento, para compreenderem plenamente o mistério de Deus, Cristo, em que todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos” (Cl 2.2,3).

Para glória de Deus

Cheryl

No formulário que acompanha a carta, Cheryl solicita informações gerais sobre a criança, como por exemplo, a data de aniversário. Ela pergunta se há algum problema de aprendizagem ou maneirismos ou qualquer outra situação sobre a qual ela deveria ter conhecimento para melhor ministrar à criança. Ela pede aos pais que, em oração, determinem um objetivo para seu(sua) filho(a), explicando que conhecer esses objetivos a ajudará a manter um foco melhor nas suas orações e no seu ensino. Ela oferece, também, várias opções aos pais para que se envolvam, como ajudar com os trabalhos criativos ou com a música, planejar passeios ou projetos de serviço, e estar na classe para ajudar a receber as crianças e cuidar dos registros da classe.

As histórias sobre o impacto dessa carta formam uma arca do tesouro. Certo ano, uma das mães, membro da igreja, mas que não levava a sua filha à Escola Dominical, apareceu no domingo da promoção. Ela contou a Cheryl que nunca havia feito um esforço para se levantar cedo o bastante para freqüentar a Escola Dominical, mas ela não sabia que havia alguém que amava tanto a sua filha a ponto de escrever aquela carta. “Quero minha filha na sua classe”, disse ela. O resultado mais importante da iniciativa dessa professora foi que uma família inteira se tornou ativa na Escola Dominical e passou da periferia da vida da igreja para uma participação ativa.

Muitos pais nunca haviam pensado em determinar um objetivo espiritual para os seus filhos a cada ano. Seus corações têm sido entretecidos numa amorosa parceria com Cheryl, à medida que oram juntos por um traço de caráter a ser desenvolvido, ou uma atitude a ser modificada e, também, quando celebram a graça de Deus na vida das crianças à medida que as orações vão sendo respondidas. Muitos jovens pais têm ajudado na classe de Cheryl e descoberto uma nova paixão por ensinar a Palavra de Deus às crianças. Sua classe é um campo de treinamento para muitos que têm pedido para ajudá-la de maneira regular.

Terceiro: Os que estão envolvidos com a instrução de adultos devem, intencionalmente, ajudar os seus alunos a estabelecer relacionamentos com

outros grupos de idades diferentes. Uma classe de adultos pode adotar uma classe de crianças ou adolescentes. Cada membro adulto pode assumir uma criança ou um adolescente. Os membros da classe devem orar regularmente pelos jovens e escrever-lhes, encorajando-os e estimulando-os. Podem planejar passeios e ministrar projetos especiais com os jovens. Podem também estabelecer relações de ajuda a mães ou pais que criam os filhos sozinhos.

A comunidade da aliança como um todo é enriquecida quando o programa de instrução cristã planeja maneiras de ajudar toda a comunidade a assumir suas responsabilidades pactuais.

O processo

Ele estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel, e ordenou a nossos pais que os transmitissem a seus filhos, a fim de que a nova geração os conhecesse, filhos que ainda hão de nascer se levantassem e por sua vez os referissem aos seus descendentes; para que pusessem em Deus a sua confiança e não se esquecessem dos feitos de Deus, mas lhe observassem os mandamentos

Salmo 78.5-7

Essa passagem nos dá um lampejo do processo de aprendizagem na instrução do povo de Deus preparando-o para pensar e agir de maneira cristã. Antes de examinarmos este processo, apresso-me a esclarecer que não se trata de uma fórmula. Todos nós desejamos um tipo de “satisfação garantida ou o dinheiro de volta”, no sentido de que, se seguirmos a receita, os nossos filhos serão perfeitos. O objetivo destas considerações não é fornecer uma fórmula. O ponto em questão é verificarmos que, com muita freqüência, ficamos satisfeitos com o primeiro passo do processo em vez de irmos, em oração, ao encalço do objetivo bíblico. Isto não está relacionado a métodos. Significa sim, ajudar os alunos de todas as idades a cultivar uma visão de mundo cristã abrangente que os

qualifique a glorificar a Deus no todo da vida.

Na instrução cristã, o objetivo não é auto-satisfação ou auto-atualização. O resultado pretendido não é uma auto-imagem positiva. Como estabelecido no Salmo 78, o objetivo é que o aluno confie em Deus e guarde os seus mandamentos. Há um processo que tanto os pais quanto a igreja devem seguir para ajudar os alunos a prosseguirem em direção a esse objetivo.

Este processo de aprendizagem é idêntico tanto em situações de ensino formal quanto informal. É o mesmo quando os pais incutem a palavra de Deus em seus filhos “assentados em casa” e “andando pelo caminho” (Dt 6.7), quando o professor da classe das crianças pequenas na escola dominical, ou o líder da mocidade, ou o professor dos juniores, ou o professor da classe dos adultos ensinam a sua lição. O processo de aprendizagem é basicamente o mesmo sempre que aprendemos algo novo.

Primeiro: há leis e estatutos que devem ser ensinados. Há informação a ser comunicada pelos pais e pela igreja. Os estatutos e as leis são a Palavra de Deus. Paulo diz aos presbíteros de Éfeso que ele “estava limpo do sangue de todos” (At 20.26). E então dá a razão pela qual ele podia fazer essa afirmação: “porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus” (At 20.27).

Segundo: uma vez que a informação está no cérebro, o professor deve desafiar o aluno a processá-la em oração até que ela atinja o coração. O aluno deve saber a informação de tal maneira que ela faça diferença no seu modo de pensar e viver.

Terceiro: o processo de aprendizagem não se completa até que o estudante ponha a sua confiança em Deus e obedeça aos seus mandamentos. Os estatutos e as leis devem ser a “regra de fé e prática”.1 A informação deve modelar a visão que o aluno tem do mundo e da sua vida e deve se tornar a autoridade pela qual ele vive.

Nossos netos memorizam versículos bíblicos desde o momento em que são capazes de falar. Um dos versículos favoritos na nossa família é Provérbios 3.5,6: “Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas”.

Daniel, de 4 anos de idade, recita esse versículo com muito entusiasmo, embora não seja capaz de explicar o que quer dizer confiar e reconhecer. Entretanto,

Hunter, de 8 anos já passou para o primeiro estágio do segundo nível. Ele pode conversar sobre o versículo e dar alguma explicação verbal sobre o seu significado. Ele compreende o versículo no contexto de crer que Jesus morreu pelos seus pecados, e está começando a compreender que deve reconhecer a autoridade de Deus em todas as decisões. Em algumas ocasiões, ele já é capaz de avançar para o terceiro nível e aplicar o versículo a uma situação real.

Os membros adultos da nossa família compreendem que, embora tenhamos recitado esse versículo durante anos, somos continuamente impelidos a uma compreensão mais profunda e mais rica do seu sentido e aplicação. Uma das coisas mais fantásticas e maravilhosas de aprendermos a Palavra de Deus é que esse aprendizado é cíclico, ou seja, quando completamos o círculo e obedecemos aos seus mandamentos, voltamos novamente ao início e avançamos para uma compreensão e aplicação mais profundas.

Talvez você já tenha percebido a semelhança entre o processo de três níveis e o trivium da educação clássica (gramática, lógica e retórica). A instrução clássica não é uma fórmula. Não é um método. É um modo de pensar e viver. É fé e vida. A instrução cristã clássica significa o desenvolvimento de uma visão de mundo bíblica abrangente e uma vida de obediência.

George Grant explica que a instrução clássica

...equipou gerações de estudantes com as ferramentas necessárias para uma vida inteira de aprendizagem; são elas: um conhecimento funcional das etapas da História, uma compreensão básica dos grandes clássicos da literatura, uma competência estrutural da gramática grega e latina, uma familiaridade com os movimentos da arte, da música e do pensamento, um domínio da pesquisa e da arte de redigir, uma compreensão ampla da matemática e dos elementos básicos da ciência, uma abordagem compreensiva dos acontecimentos atuais e uma ênfase num paradigma cristão de vida.

...Isso significa, simplesmente, um retorno consciente àquelas disciplinas e metodologias acadêmicas – às próprias noções que ajudaram a produzir a centelha inicial do grande florescimento cultural do Cristianismo ocidental nos últimos mil anos – enfatizando o pensamento básico e essencial e as qualidades necessárias de caráter que permitem lançar moços e moças em toda uma

existência de aprendizagem e crescimento. É uma abordagem que envolve grande esforço – como o faz tudo aquilo que vale a pena – mas não é um sistema de instrução para intelectuais apenas. Ao contrário, a instrução clássica é apenas a afirmação de que todos nós precisamos estar firmados naquilo que é bom, grandioso e verdadeiro.2

Enquanto examinamos minuciosamente este processo e analisamos cada uma das suas partes, tenha em mente que ele se aplica à escola cristã regular, à instrução no lar, assim como a programas dominicais da igreja, clubes bíblicos e estudos bíblicos no lar. Os programas da igreja, tanto quanto os da rede escolar, deveriam ajudar a formar uma visão de mundo bíblica e uma vida de obediência.

Estágio um: estatutos e leis

Ele estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel, e ordenou a nossos pais que os transmitissem a seus filhos...

No primeiro estágio deste processo, o aluno aprende as histórias e conhece os personagens da Bíblia. Ele memoriza versículos e passagens bíblicas. O aluno aprende a "linguagem" da Bíblia. Nesse estágio, em geral ele não compreende inteiramente a linguagem, mas o sentido vai gradualmente se agregando às palavras e aos acontecimentos. Isso é verdadeiro tanto para o bebê que cresce na igreja quanto para o novo convertido adulto. Como afirmou um homem que havia se tornado cristão há menos de um ano: "Tudo é novo para mim. Estou aprendendo novas palavras, ouvindo a respeito de pessoas e acontecimentos sobre os quais nunca ouvira antes, e tomando conhecimento de um modo de vida totalmente novo. É como aprender uma língua estrangeira. Devagar as coisas estão começando a fazer sentido, mas, por favor, tenham paciência comigo, porque é tudo muito novo". Uma jovem senhora que havia crescido na igreja, mas não se tornara cristã até a idade adulta afirmou: "Sou grata pela minha vivência anterior na igreja. Embora eu tenha crescido numa igreja que não era

evangelística, ouvi a respeito das pessoas e dos acontecimentos da Bíblia, aprendi os grandes hinos da fé. Desenvolvi a prática de freqüentar a igreja. Quando me tornei cristã, foi como se tivesse havido um arranco inicial em meu crescimento espiritual. As coisas eram familiares e rapidamente fizeram sentido".

Abrandar palavras, personagens e acontecimentos bíblicos para conquistar amizades tira dos nossos alunos uma rica herança de verdade bíblica e prejudica o seu crescimento na graça. Uma dieta vazia de palavras como justificação, santificação e glorificação tolhe a compreensão da pessoa sobre a maravilha da nossa herança como filhos de Deus. Quando uma criança nasce na nossa família, não voltamos a balbuciar e a usar uma linguagem infantil para nos tornarmos mais próximos e amigos do bebê. A nossa linguagem não muda. Na realidade, eu intencionalmente uso palavras que quero que as crianças aprendam. É uma delícia ouvi-las usando as palavras que ouviram dos adultos ao seu redor. Eles não compreendem inteiramente o que estão dizendo, mas aos poucos vão agregando sentido às palavras.

A comunidade da aliança precisa aprender a linguagem da fé. Cada membro, independentemente da idade, deve saber as palavras e conhecer as histórias da redenção. Essas palavras e histórias precisam ser ensinadas de uma perspectiva pactual (veja capítulo 3). Pesquisas confirmam que, mesmo aqueles que cresceram na igreja são terrivelmente ignorantes sobre o conteúdo da Bíblia. Incentivar a aplicação da verdade sem ensinar o conteúdo dessa verdade produz uma obediência frágil. É uma casa construída sobre a areia (Mt 7.24-27). O homem sábio constrói a sua casa sobre a rocha. Educadores cristãos sábios despedem tempo para firmar os seus alunos na rocha sólida da Palavra de Deus.

Estágio dois: conhecer

A fim de que a nova geração os conhecesse...

Nesse estágio, o aluno toma a informação aprendida e começa a colocá-la num

contexto. Ele apanha o conjunto individual de pessoas e acontecimentos e começa a perceber o fio que os une. Ele os vê no fluxo da história da redenção. À medida que são entretecidas, cada parte individual se torna mais poderosa porque o aluno percebe a sua ligação com o todo. Personagens e acontecimentos não existem isolados. Todos fazem parte do grande drama da redenção que está se movendo na direção do clímax final. Portanto, é lógico que, depois de explicar esse processo, o salmista se lance numa narração da história de Israel (Sl. 78.9-72).

O Theological Wordbook of the Old Testament (Glossário teológico do Antigo Testamento) explica esse estágio do processo:

O conhecimento de Deus é derivado desses grandiosos acontecimentos históricos pelos quais ele se evidenciou e se revelou a pessoas escolhidas, como Abraão e Moisés. Essas revelações devem ser ensinadas aos outros. "Conhecimento de Deus" aparece paralelamente ao "temor do Senhor" (Is 11.2; cf. 58.2; Jr 22.16) como uma descrição da verdadeira religião. O homem que está num relacionamento correto com Deus confessa-o e obedece a ele.

Exercitar juízo e justiça, bem como julgar a causa do pobre e do necessitado é conhecer a Deus (Jr 22.15,16). Por outro lado, onde não existe conhecimento de Deus, há blasfêmia, mentira, homicídio, roubo, adultério e a quebra de todos os limites (Os 4.1,2). Essas coisas trarão destruição sobre o povo (Os 4.6; cf. Is 5.13). Conhecer a Deus é mais importante do que fazer sacrifícios (Os 6.6) A visão profética da era messiânica é de um período no qual o conhecimento de Deus cobrirá a terra como as águas cobrem o mar (Hc 2.14; cf. Is 11.9).3

A comunidade da aliança precisa conhecer a sua história. As histórias dos heróis e heroínas da fé através dos tempos nos dão ombros sobre os quais podemos nos apoiar ao enfrentarmos o nosso momento na História. Quando o escritor de Hebreus nos exorta a "não retroceder" (Hb 10.39), ele nos fortalece para a tarefa relembrando a fé existente em Abel, Enoque, Noé, Abraão e muitos outros santos da antiguidade (Hb 11). Suas histórias nos dão um conhecimento mais profundo de Deus. Precisamos contar as histórias das Escrituras e de tantos outros santos através dos tempos que viveram como fiéis peregrinos.

Numa viagem à Escócia, encontrei um velho livro intitulado Selections for the Young (Coletânia para os jovens). Ele havia sido publicado em meados do século 19 pela Assembléia Geral da Igreja Livre da Escócia. É uma coleção de pequenas histórias sobre os reformadores e teólogos escoceses. Há a história do chamado de John Knox para o ministério, das últimas palavras proferidas por eminentes escoceses e sobre o martírio dos primeiros protestantes da Escócia. Há hinos, poesias e citações. Quando eu li a respeito desses santos que não retrocederam, a minha alma foi despertada a uma obediência ainda maior.

Mas eu me pergunto se memórias tais como essas estão sendo escritas no tecido da história da igreja de nossos dias. Que histórias os nossos filhos lerão no final do século 21 a respeito da igreja do final do século 20? Ainda mais penetrante é a questões sobre que histórias os nossos bisnetos ouvirão sobre os fios da nossa história familiar.

Estágio três: confiar e obedecer

Para que pusessem em Deus a sua confiança e não se esquecessem dos feitos de Deus, mas lhe observassem os mandamentos.

Neste estágio, o aluno age baseado no conhecimento que obteve. A sua confiança em Deus é sólida porque está firmada no conhecimento de quem Deus é e no que ele tem feito. Essa confiança da mente e do coração produz obediência.

O professor sábio ajuda os seus alunos a construir pontes entre o conhecimento e a ação. Ele se mantém alerta para os estágios da vida e para as situações experimentadas pelos seus alunos e constantemente ilustra como a verdade se aplica ao estágio de desenvolvimento de cada um e às suas situações de vida. Ele está sempre alerta para as oportunidades de aplicação da verdade às situações concretas. Mas o professor sábio se mantém ciosamente consciente de que essa verdade deve ir além do conhecimento intelectual e da mudança de comportamento. O professor sábio ora por corações leais a Deus.

Uma questão de coração

E que não fossem como seus pais, geração obstinada e rebelde, geração de coração inconstante, e cujo espírito não foi fiel a Deus.

Salmo 78.8

O salmista escreve que os estudantes devem receber a mesma informação que os seus pais receberam, mas o resultado desejado é que eles não sejam como os seus antepassados que formaram uma geração obstinada e rebelde. O salmista vigorosamente coloca diante de nós a realidade de que ouvir a informação não fará uma diferença decisiva. Só uma mudança de coração produzirá confiança e obediência. Estatutos e leis não salvarão os nossos alunos. Eles precisam de um transplante de coração. Eles, assim como nós, apresentam uma tendência para o pecado e, à parte da graça, seguirão cegamente suas tendências naturais. O salmista exemplifica e torna claro o seu ponto de vista descrevendo a infidelidade do povo e fidelidade de Deus.

Os filhos de Efraim, embora armados de arco, bateram em retirada no dia do combate. Não guardaram a aliança de Deus, não quiseram andar na sua lei;

esqueceram-se das suas obras e das maravilhas que lhes mostrara.

Prodígios fez na presença de seus pais na terra do Egito, no campo de Zoã.

Dividiu o mar e fê-los seguir; aprumou as águas como num dique.

Guiou-os de dia com uma nuvem e durante a noite com um clarão de fogo.

No deserto, fendeu rochas e lhes deu a beber abundantemente como de abismos.

Da pedra fez brotar torrentes, fez manar água como rios.

Mas, ainda assim, prosseguiram em pecar contra ele e se rebelaram, no deserto, contra o Altíssimo.

Tentaram a Deus no seu coração, pedindo alimento que lhes fosse do gosto.

Falaram contra Deus, dizendo: Pode, acaso, Deus preparar-nos mesa no deserto?

Com efeito, feriu ele a rocha, e dela manaram águas, transbordaram caudais. Pode ele dar-nos pão também? Ou fornecer carne para o seu povo?

Ouvindo isto, o SENHOR ficou indignado; acendeu-se fogo contra Jacó, e também se levantou o seu furor contra Israel;

porque não creram em Deus, nem confiaram na sua salvação.

Nada obstante, ordenou às alturas e abriu as portas dos céus;

fez chover maná sobre eles, para alimentá-los, e lhes deu cereal do céu.

Comeu cada qual o pão dos anjos; enviou-lhes ele comida a fartar.

Fez soprar no céu o vento do Oriente e pelo seu poder conduziu o vento do Sul.

Também fez chover sobre eles carne como poeira e voláteis como areia dos mares.

Fê-los cair no meio do arraial deles, ao redor de suas tendas.

Então, comeram e se fartaram a valer; pois lhes fez o que desejavam.

Porém não reprimiram o apetite. Tinham ainda na boca o alimento,

quando se elevou contra eles a ira de Deus, e entre os seus mais robustos semeou a morte, e prostrou os jovens de Israel.

Sem embargo disso, continuaram a pecar e não creram nas suas maravilhas.

Por isso, ele fez que os seus dias se dissipassem num sopro e os seus anos, em súbito terror.

Quando os fazia morrer, então, o buscavam; arrependidos, procuravam a Deus.

Lembravam-se de que Deus era a sua rocha e o Deus Altíssimo, o seu redentor.

Lisonjeavam-no, porém de boca, e com a língua lhe mentiam.

Porque o coração deles não era firme para com ele, nem foram fiéis à sua aliança.

Ele, porém, que é misericordioso, perdoa a iniqüidade e não destrói; antes, muitas vezes desvia a sua ira e não dá largas a toda a sua indignação.

Lembra-se de que eles são carne, vento que passa e já não volta.

Quantas vezes se rebelaram contra ele no deserto e na solidão o provocaram! Tornaram a tentar a Deus, agravaram o Santo de Israel.

Salmo 78.9-41

Nós, assim como os nossos alunos, agravamos o Santo de Israel. Todos temos desesperada necessidade da graça. Contentarmo-nos com conhecimento intelectual e mudança de comportamento à parte de uma mudança de coração não é instrução cristã. Instruir de modo cristão penetra através do cérebro e atinge profundamente o homem interior. Isso nos leva, bem como os nossos alunos, a ponderar sobre a misericórdia de Deus, porque “o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1Co 2.14).

Não é uma questão de astúcia mental. O trabalho do Espírito Santo é absolutamente essencial, e ele é absolutamente soberano. Os nossos alunos não têm capacidade espiritual para avançar além da compreensão mental sobre a informação recebida para uma compreensão espiritual da Palavra de Deus. O Espírito de Deus tomará a sua Palavra e cumprirá o seu propósito.

Assim será a palavra que sair da minha boca; não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para o que a designei.

Isaías 55.11

Porque a palavra de Deus é viva e eficaz e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração.

Hebreus 4.12

Aqui estamos falando do poder transformador do evangelho. Não estou minimizando a importância de uma preparação meticulosa e profunda, de uma lição cuidadosamente formulada e de relacionamentos dedicados e solícitos, mas o poder transformador é algo que nenhum plano de aula ou relacionamento humano pode realizar. Esta é a obra sobrenatural do Espírito Santo de Deus. Estamos em solo sagrado. É uma maravilha que transcende a esfera terrestre. Quando ensinamos a Palavra de Deus, participamos com o seu Espírito para alcançar os seus propósitos. Não tenham dúvidas, a parte não essencial nessa equação é o professor. Deus não precisa de nós, mas ele graciosamente escolhe usar-nos.

Se o povo de Deus ao menos começasse a arranhar a superfície desse prodígio, haveria mais voluntários para ensinar no ministério educacional da igreja do que seria possível fazer uso. Os superintendentes da Escola Dominical teriam listas de espera de pessoas desejosas de se envolver nesse estupendo empreendimento. O professor que compreende isso passará mais tempo no lugar secreto de oração. Esse professor perceberá a sua necessidade da graça, assim como a de seus alunos.

Devemos orar, compreendendo que é Deus quem cria um novo coração: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito

inabalável. Não me repulses da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito” (Sl 51. 10,11).

Devemos orar, compreendendo que é Deus quem enclina o coração das pessoas para a sua palavra: “Inclina-me o coração aos teus testemunhos e não à cobiça” (Sl 119. 36).

Devemos orar, entendendo que é Deus quem remove o coração de pedra e dá um coração de carne: “Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro deles; tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei coração de carne; para que andem nos meus estatutos, e guardem os meus juízos, e os executem; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus” (Ez 11. 19,20).

E devemos orar, compreendendo que se trata de uma luta espiritual: “Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnais, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, levando cativo todo o pensamento à obediência de Cristo” (2Co 10.3-5).

Tudo isso certamente nos dará confiança e compaixão. Confiança porque compreendemos que não é o nosso brilhantismo nem a bondade dos nossos alunos que os condena e convence. É o Espírito de Deus. Ele nos dá compaixão porque compreendemos que é somente por causa da graça de Deus que o nosso coração não é rebelde e enganoso.

Ponto central

Ensinar a palavra de Deus é uma luta espiritual pelas mentes e pelas almas do povo de Deus. É ser um soldado da linha de frente no progresso do reino de Deus. É participar com ele na realização dos seus propósitos. A nossa arma nesse confronto hostil é a oração. O professor da palavra de Deus deve ser um intercessor pela alma dos seus alunos. Como Paulo, esse professor orará:

iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos.

e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder;

o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais,

acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir, não só no presente século, mas também no vindouro.

E pôs todas as coisas debaixo dos pés, e para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja,

a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas.

Efésios 1.18-23

O poder criador de Deus que foi exercido para ressuscitar a Cristo é necessário para iluminar os olhos e o coração dos nossos alunos, e isso é exatamente o que Deus fornece pelo seu Espírito. Não deve ser surpresa para nós o fato de que Paulo explode em louvor àquele que se senta nos domínios celestiais.

Por que nos entregaríamos a conversas vazias sobre as nossas necessidade e importância quando podemos louvar aquele que possui todo governo e autoridade, poder e domínio? Por que gastaríamos tempo com futilidades quando podemos participar do progresso do seu reino?



Pergunta: De quem é a responsabilidade de ensinar os filhos da aliança?

Resposta: A responsabilidade é do lar e da igreja.

Pergunta: Qual é o processo de aprendizagem?

Resposta: Devemos, em espírito de oração, ensinar a informação bíblica e orar para que os nossos alunos tenham compreensão, e possam confiar e obedecer. Cumprimos essa missão na dependência de que o Espírito Santo lhes dará um coração leal capaz de levar vida espiritual e vitalidade a todo o ser de nossos alunos, de tal modo que cada pensamento seja levado cativo em obediência a Cristo.

Tornando-se um guardador da aliança

Leia o Salmo 78 e procure por Jesus pelo uso das seguintes perguntas:

O que este Salmo ensina sobre o caráter de Deus e suas promessas?

O que ele me ensina sobre Jesus, o Mediador da aliança?

Que privilégios e responsabilidades pactuais Deus me confere em razão daquilo que ele é e do que tem feito e está fazendo por mim por meio de Jesus?

Ore pedindo a Deus que o capacite a “destruir fortalezas... e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (2Co 10.4,5) Ore assim todos os dias durante uma semana e registre qualquer forte empecilho que Deus lhe indicar e qualquer vitória, à

medida que ele anula esses argumentos.

Utilizando Efésios 1.18-23, ore pelos seus alunos, tanto os que se encontram numa situação formal de ensino, como aqueles com os quais você tem um relacionamento informal.

Projeto de instrução cristã

Para muitos pais, a decisão a respeito de como dar instrução a seus filhos é uma das decisões mais importantes e emocionalmente difíceis que eles têm de tomar. Muitas vezes, a intensidade dessa decisão isola uma família ou grupo de famílias dentro da igreja. As famílias se agrupam com aquelas que fizeram a mesma escolha, e esses agrupamentos podem ameaçar a unidade da igreja. Em muitas situações, as lideranças da igreja assumem uma posição de não-interferência, porque não querem tomar partido. O resultado é um grande potencial para a divisão, porque as pessoas se sentem isoladas e incompreendidas.

Em 1989, a Harvester Presbyterian Church, de Springfield, Virginia, assumiu uma posição corajosa. Ela reconheceu a importância de integrar o lar, a igreja e a escola, e assumiu a responsabilidade de preparar os pais para cumprir as suas responsabilidades pactuais no lar. Foi contratado um diretor e estabelecido o Harvester Teaching Service (Assistência de Ensino Harvester). A primeira tarefa do diretor foi projetar um ministério de assistência lar-escola, mas Deus usou esse projeto como catalisador para desenvolver um ministério muito mais amplo, explicado numa publicação da igreja:

“Alguns pais optaram pela escolaridade em domicílio, mas todo pai é um instrutor no lar!” Esse entendimento tem implicações dinâmicas para os lares da aliança e para o ministério da igreja local.

O lar é o centro do plano de Deus. Em Deuteronômio 6, aprendemos que o plano de Deus é cumprido ao longo das gerações mediante relacionamentos íntimos no nível do coração e que são nutridos na vida diária.

O colapso verificado em muitas famílias cristãs demonstra o fracasso da igreja em preparar os pais, especialmente o pai...

Um renovado foco na preparação dos pais inspira uma redescoberta da igreja como uma família ampliada. A substituição de programas estabelecidos para idades separadas, por um ministério baseado no lar, restaura a vibração e a relevância do ministério da igreja para todos os membros e para as nossas comunidades.

Eric Wallace, Diretor do HTS, escreve:

À medida que eu desenvolvia o ministério de escolaridade no lar, tornou-se aparente para mim que as necessidades desses alunos não eram apenas acadêmicas... eu descobri que aquilo de que essas crianças realmente precisavam era ajuda para as questões básicas relacionadas à vida diária: relacionamentos em casa, disciplina, autoridade, liderança, papéis a serem desempenhados, prioridades, espírito serviçal uns para com os outros, capacidade para aplicar os princípios bíblicos, etc.

Mas mesmo com tudo o que estávamos fazendo ao fornecer um centro de recursos, aulas e todas as diferentes atividades que, esperávamos, poderiam equipá-los para a tarefa, a realidade é que ainda não havíamos chegado ao centro do problema. Então... fizemos uma descoberta...Vimos que as necessidades dos lares que adotaram a instrução em casa não eram exclusividades deles!... A maioria dos pais com quem trabalhávamos não havia sido criada num lar cristão e tinha pouca compreensão sobre como a sua fé se aplicava às questões do dia a dia. Os efeitos da instrução em casa são tão profundos nos relacionamentos do lar que os pais necessitam mais do que um livro, aulas ou uma fita de vídeo para compreender a sua tarefa de maneira prática e eficaz. Os conceitos do Cristianismo são tão estranhos a eles que eles precisam vê-los em funcionamento para compreendê-los o bastante, de modo a poder aplicá-los no seu próprio lar. Na realidade, muitos pais têm pouca ou nenhuma capacidade para avaliar os problemas e chegar a conclusões bíblicas...

Todos os pais instruem no lar; alguns optaram também pela escolaridade no lar... De uma perspectiva puramente pactual, essa afirmação é verdadeira para todos

na igreja, quer sejam solteiros, pais divorciados, casais sem filhos, adolescentes, crianças... Essa forma de apresentação ajudou a evitar a criação de um muro divisório que normalmente se instala. O termo escolaridade no lar, que com freqüência causa divisão, foi eficientemente neutralizado e um elo de união foi construído ajudando as pessoas a focalizar as semelhanças encontradas nos lares, e não as diferenças...

O paradigma de quatro pontos para a compreensão do que significa ser um educador no lar é tirado de Deuteronômio 6: O plano de Deus é realizado ao longo das gerações mediante relacionamentos íntimos no nível do coração os quais são nutridos na vida diária.

Por um tempo demasiado longo, os pais têm considerado a sua responsabilidade pelo ensino apenas como algo que se faz diariamente. Essa noção é muito parcial, pois ignora os outros três componentes... Quando os pais, quer eles adotem a escolaridade no lar ou não, compreendem a gravidade dessa visão, eles conseguem perceber ainda mais claramente que precisam de ensino, discipulado, responsabilização, e um grande número de outras necessidades que apenas a igreja é ordenada a suprir.

A visão da instrução no lar é mais que um plano para pais trabalhando com seus filhos; é um plano de discipulado para a igreja toda. Ministrar às gerações mediante relacionamentos profundos e pessoais que são nutridos na vida diária é um plano de discipulado para solteiros, órfãos, viúvas, divorciados, adolescentes – todas as pessoas. Assim, foi construída outra ponte para ajudar os pastores a perceberem como o ministério de instrução no lar pode ajudar a desenvolver a união entre todo o corpo de Cristo e, o mais importante, fomentar o ministério baseado no lar.

Os recursos disponibilizados pelo HTS incluem seminários, currículo, instruções em áudio e fita de vídeo sobre uma grande variedade de tópicos, revistas e circulares, livros e fitas para crianças, administração de testes padronizados, reuniões mensais de apoio, almoços trimestrais para pais de adolescentes e consultoria para outras igrejas. Dois tesouros que podem ser utilizados apenas no Centro de Recursos são a Coleção Americana Impressa, uma grande coleção de escritos originais dos fundadores da pátria datados de 1639 —1800 e a obra completa de George Washington.

Atualmente, o HTS atende a mais de cem famílias na sua área. Ele tornou-se um eficiente ministério de grande alcance. Para maiores informações, escreva: Eric Wallace, Director, Harvester Teaching Service, 7800 Rolling Road, Springfield, VA 22153.



Uma estratégia para a educação cristã



Vivendo e ensinando no contexto da aliança

Uma professora

Eu cresci como um garoto privilegiado. Uma de minhas memórias mais preciosas é a de uma das primeiras vezes em que fui à União da Mocidade num domingo à noite, na nossa igreja rural. Os meninos mais velhos amavam essas reuniões, e, mesmo antes de ir pela primeira vez, eu sabia que iria amar também, baseado nas informações do meu irmão e da minha irmã mais velhos. Algum tempo depois que entrei na escola primária, minha mãe decidiu que eu poderia ir sem que isso representasse um grande desvio da minha atenção aos estudos.

Nunca vou me esquecer da lição daquela noite. Na frente de nossa pequena sala de aula estava uma mesa, e sobre ela uma grande vasilha de metal brilhante – eu pensei que fosse uma poncheira – cheia de água. A nossa professora nos convidou para ir até a mesa, tomando cuidado para não esbarrar nela. Eu era tão pequeno que alguém trouxe uma cadeira para que eu pudesse subir e observar a vasilha. Ali estávamos nós, meia dúzia de garotos olhando para aquela vasilha cheia de água perfeitamente calma, e imaginando o que aconteceria.

A nossa professora pegou um seixo e o colocou na palma da sua mão. Ela esticou a mão, permitindo que nós o examinássemos e víssemos que era apenas um seixo comum. Então ela o deixou cair dentro da vasilha, e a superfície da água ficou crispada enquanto refletia os círculos concêntricos de influência criados por um pequeno seixo sem grande importância numa vasilha comparativamente grande de água.

Então ela começou a ensinar. Ela nos disse que um homem não muito especial, uma mulher comum, uma criança aparentemente insignificante, poderiam irradiar o amor de Cristo na sua comunidade assim como aquele seixo havia influenciado um volume de água muitas vezes maior que o seu tamanho. A única condição era que, assim como aquele seixo tinha estado seguro na sua mão, assim nós também deveríamos estar seguros nas mãos do Mestre para sermos

usados como ele desejasse.

Essa ilustração simples foi uma profunda lição. Isso aconteceu quarenta anos atrás, e eu nunca a esqueci. Experiências como essas fazem de mim um garoto privilegiado; e o meu ativo, como aquela preciosa memória, nunca deixou de aumentar em valor.

Depois da lição fizemos um concurso bíblico. Rapidamente a reunião terminou, e nós nos reunimos num círculo com as mãos dadas para recitar o que a nossa professora chamou de nosso lema: “Vigie o SENHOR entre mim e ti e nos julgue quando estivermos separados um do outro” (Gn 31.49). Então fomos dispensados com as palavras que aprendi a esperar com certeza matemática: “E vocês, garotos, não fiquem correndo dentro da igreja”.

Essa mesma mulher foi a primeira professora da Escola Bíblica de Férias de que posso me lembrar. Quando recitei o Catecismo Infantil, ela foi a minha supervisora. Ela era uma administradora talentosa e durante muitos anos organizou a Escola Bíblica de Férias. Ensinou também na Escola Dominical para classes de crianças pequenas, adolescentes e senhoras. Ela era uma professora e ensinou muitas lições. Porém, talvez, de maior importância foi o fato de que ela ensinou muitas lições de vida. Ensinou lições de perseverança – manter a fé mesmo quando desejaríamos abandoná-la. Lições de compaixão – assumir a guarda de um irmão deficiente mental que não tenha condição de tomar conta de si mesmo, e não apenas por um fim de semana, mas durante toda a vida. Ela ensinou lições de dedicação – sobre dizer o que você vai fazer e então fazer o que disse. Lições de confiança em Deus – mesmo quando outras pessoas o justificariam se você não confiasse.

Muitas vezes ela ouviu a pergunta: “Você, como membro da congregação, assume a responsabilidade de ajudar os pais na instrução cristã desta criança?” Não creio que ela jamais tenha levantado a sua mão mecanicamente; ao contrário, com grande solenidade, ela assumia outra responsabilidade. Ela compreendia essa responsabilidade e tornou-se um seixo nas mãos do Mestre, pronta para ser colocada onde ele desejasse para irradiar o caráter de Cristo.

Hoje sou marido e pai, e superintendente da Escola Dominical daquela mesma igreja, atualmente uma florescente igreja suburbana. Mrs. Evelyn Wardlaw é hoje uma viúva de 84 anos que nunca teve filhos. Com gratidão, reconheço que ela exerceu impacto na minha vida para Cristo no passado, continua a me

inspirar hoje, e me influenciará para a eternidade. Como um dos seus filhos espirituais, eu “me levanto e a chamo ditosa” (Pv 31.28).

Soli Deo Gloria.

Allen Scott,

Marietta, Georgia

Uma estratégia para a educação cristã

Recapitulemos o que já foi aprendido. O conteúdo da aliança deve ser ensinado no contexto de relacionamentos pactuais. Uma abordagem pactual da instrução cristã significa um manuseio cuidadoso da Palavra, de maneira a ensinarmos o total da Escritura como a revelação que Deus faz de si mesmo, e da aliança feita com o seu povo por meio do Mediador dessa aliança. Ela redunda num cultivo intencional de relacionamentos pactuais entre os membros do povo de Deus. Culmina num autêntico Cristianismo à medida que o povo de Deus vive conjuntamente na sua presença e irradia a realidade do pacto no todo da vida. É tão abrangente e irresistível que os filhos da aliança não são facilmente ofuscados e fascinados pelas atrações do mundo, pois eles vêem Jesus em todas as páginas das Escrituras, assim como os rostos radiantes daqueles que vivem na presença de Deus. Isso produz cristãos profundamente enraizados e preparados para ser sal e luz em meio à cultura em nome da coroa e da aliança de Cristo.

Porém, de que modo conseguimos verdadeiramente transformar tudo isso em realidade nas igrejas locais? Vamos rever o Salmo 78 à procura de alguns princípios fundamentais.

Integridade e competência

Também escolheu a Davi, seu servo, e o tomou dos redis das ovelhas; tirou-o do cuidado das ovelhas e suas crias, para ser o pastor de Jacó, seu povo, e de Israel, sua herança. E ele os apascentou consoante a integridade do seu coração e os dirigiu com mãos precavidas.

Salmo 78.70-72

Devemos pastorear as ovelhas de Deus com integridade de coração e com mãos habilidosas. Pastorear o povo de Deus envolve a provisão de pastos verdes onde eles possam se alimentar de sua Palavra. Isso precisa ser feito com integridade e competência. A manutenção de uma abordagem de baixa qualidade no que se refere à instrução cristã é simplesmente inaceitável. No entanto, freqüentemente é isso o que as igrejas oferecem. O Dr. Allen Curry, deão acadêmico e professor de Instrução Cristã no Reformed Theological Seminary, escreve:

Um número demasiadamente grande de pessoas encara a instrução cristã de um ponto de visa de manutenção. Eles não têm grandes expectativas a respeito dela; não sabem ao certo como ela começou, mas, desde que existe, as pessoas se sentem na obrigação de mantê-la. Embora isso possa ser descrito como uma atitude vergonhosa, é surpreendente verificar como a instrução cristã ainda continua a funcionar bem dentro das igrejas, mesmo naquelas que mantêm essa postura.1

O professor e o programa instrucional do lar e da igreja devem caracterizar-se pela diligência e excelência. Uma enorme quantidade de energia deve ser gasta na elaboração de programas e no treinamento de professores para que o povo de Deus seja pastoreado com integridade e competência. Talvez você esteja se perguntando onde poderemos encontrar pessoas capacitadas para essa tarefa. Observe que Deus encontrou Davi no redil das ovelhas. Davi não era um erudito do tipo que se esconde numa torre de marfim. Ele era uma escolha improvável. Um simples pastor de ovelhas desconhecido. Porém, as suas mãos estavam sujas e seus músculos doloridos por causa das tarefas próprias do pastoreio. Competência e integridade são desenvolvidas à medida que realizamos os tediosos e humildes serviços na nossa igreja local.

Ensinando-os a guardar todas as coisas

Jesus disse que devemos ensinar os nossos alunos “a guardar todas as coisas”

(Mt 28.20). Paulo deu um exemplo fantástico quando afirmou: “porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus” (At 20.27). Todas as coisas e todo o desígnio – são termos inclusivos.

Como podemos ensinar os nossos alunos a guardar todas as coisas? Como seria possível ensinar a totalidade da vontade de Deus? Será que isso significa que todas as vezes que ensinamos precisamos ir do Gênesis ao Apocalipse? A resposta é óbvia. Isso seria impossível. A colocação, entretanto significa, sim, que o nosso programa instrucional deve ser habilidosamente elaborado de modo que a totalidade da vontade de Deus seja proclamada. Isso quer dizer que, na igreja, um eficiente programa de instrução cristã é desenvolvido e uma cuidadosa supervisão é mantida de sorte que o todo da vontade de Deus é ensinado ao longo do caminho.

Sempre que assumimos um novo pastorado, a estratégia do meu marido é passar vários meses familiarizando-se com as pessoas, observando o que está acontecendo e avaliando as necessidades. Numa dessas igrejas, ficamos entusiasmados com a qualidade dos professores. Desde o berçário até os adultos, os professores eram capacitados e comprometidos com o trabalho. Porém, logo descobrimos que não havia nenhuma Comissão de Instrução Cristã para fazer a supervisão, e cada professor fazia a sua própria escolha do material a ser ensinado e do currículo que usaria. Ninguém estava consciente do fato de que numa determinada faixa etária as crianças estavam estudando a mesma coisa na escola dominical e no programa das quartas-feiras à noite. Pior ainda, alguns programas que estavam sendo utilizados apresentavam inconsistências em relação aos padrões teológicos da igreja. Como, nesse caso, os professores eram experientes, eles mesmos faziam os ajustamentos teológicos necessários. O perigo inerente era o de que um currículo em particular se arraigasse e um professor menos avisado fosse nomeado, não conseguindo reconhecer as inconsistências teológicas. Esse não era o exemplo de um programa elaborado de modo competente. Quando as pessoas perceberam o que estava acontecendo, mostraram-se imediatamente desejosas de nomear uma comissão de instrução cristã.

Ensinar toda a vontade de Deus é uma vasta missão, mas pense no que está incluído no ministério instrucional da igreja. O berçário, os programas infantis, o ministério de jovens, classes bíblicas de adultos, a Escola Dominical, o ministério de homens e o ministério de mulheres, todos estão sob a responsabilidade da instrução cristã. Estimativas têm demonstrado que de 75 a

90 por cento do ministério da igreja está dentro da esfera de ação da instrução cristã. Portanto, o calibre dessa imensa parcela do ministério da igreja será, sem dúvida, um forte indicador da saúde da igreja.

Allen Curry escreve:

O ministério da instrução cristã oferece a um número maior de pessoas a oportunidade de aprender a exercitar os seus dons e servir aos outros no contexto de um ministério bíblico. Um grande número de pessoas é envolvido no vasto número de tarefas que precisam ser realizadas nas áreas de ensino e organização de qualquer programa de instrução cristã. Essas pessoas são envolvidas no serviço cristão.

A instrução cristã também fornece o meio mais eficiente para preservar o relacionamento das pessoas com a igreja. O Search Institute fez uma importante pesquisa sobre qual seria a mais importante variável nas igrejas em que as pessoas permaneciam desde a infância até a idade adulta. A resposta não foi surpresa para ninguém: a instrução cristã.2

Muitos benefícios advêm do esforço de uma comissão de instrução cristã que planeja e coloca em prática de modo eficiente um programa instrucional bem orquestrado e bem estruturado. Consideraremos dez benefícios.

Benefício n. 1

Um programa instrucional bem afinado pode reforçar o ministério do púlpito numa igreja. Os pastores despendem uma enorme quantidade de tempo para preparar um sermão que é apresentado uma única vez. No entanto, sabemos que repetição e reforço são necessários para a retenção. Uma comissão de instrução cristã (CIC) pode trabalhar com o pastor no planejamento de pequenos grupos que se reúnam para refletir sobre o sermão e suas aplicações na vida diária. O

pastor e a comissão de instrução cristã podem trabalhar juntos no desenvolvimento de temas, implementação de um programa de memorização de passagens bíblicas, ensino da história dos hinos e planejamento de celebração de ocasiões especiais no calendário da igreja. Imaginem o impacto da pregação baseada em passagens das Escrituras que foram memorizados pelas famílias e um culto que inclua hinos que tanto crianças como adulto estudaram e memorizaram.

Benefício n. 2

Um programa bem coordenado pode dar à igreja maior segurança de que a igreja está cumprindo a sua missão de ensinar a total da vontade de Deus e que ela está, portanto, "limpa do sangue de todos" (At. 20.26). O modo mais eficiente de realizar essa tarefa é começar com a escola dominical. É uma lástima que o período da escola dominical seja freqüentemente avaliado como a hora mais improdutiva e desinteressante da semana. Ela deveria ser a peça central do ministério instrucional da igreja. É mais fácil para as pessoas freqüentarem a escola dominical do que qualquer outra reunião durante a semana. É simplesmente uma questão de chegar à igreja uma hora antes, ou permanecer por uma hora depois do culto. A comissão de instrução cristã pode escolher um programa e, então, elaborar todos os outros programas ao redor dele.

Por exemplo, a comissão de instrução cristã pode decidir dar uma ênfase maior ao trabalho missionário e à preparação de crianças e jovens para o serviço e ministério a outras pessoas. Ela pode elaborar um programa da mocidade para esse propósito num sábado à noite. O programa das crianças poderia ser planejado como um Clube M & M (missões e ministério) pelo qual as crianças escreveriam cartas aos missionários, ouviriam histórias sobre o trabalho deles e se envolveriam em projetos ministeriais locais, como visitas a casas de repouso ou a membros da igreja confinados ao lar. Cada programa deve ter um propósito bem-definido e ajudar a cumprir o objetivo maior de proclamar o total da vontade de Deus.

Benefício n. 3

O currículo adotado pode ser cuidadosamente avaliado no que se refere à consistência teológica e excelência pedagógica. As pressuposições básicas do editor devem ser estudadas para se certificar de que o material é consistente com os padrões teológicos da igreja. A Great Commission Publications, uma editora de material para a escola dominical que segue a abordagem pactual, dá a seguinte explicação num documento sobre a sua postura teológica. Observe a ênfase sobre os temas que temos discutido – uma perspectiva pactual das Escrituras, uma compreensão pactual dos nossos relacionamentos com os outros membros da igreja, o processo de aprendizagem como compreendido no Salmo 78, o relacionamento entre lar e igreja, e o desenvolvimento de uma visão compreensiva do mundo e da vida. Ao ler estas afirmações, considere também a importância de descobrir um bom programa que possa ser usado em todos os departamentos da sua escola dominical. O uso de materiais diferentes em cada departamento é problemático, pois favorece o aparecimento de brechas no seu plano total.

Muitos professores da escola dominical... estão confusos a respeito do seu papel no trabalho em desenvolvimento na escola dominical... (Nosso) material tem um objetivo para cada departamento que coloca em prática o projeto global do programa. Talvez um melhor conhecimento da parte que você representa no todo do programa o deixará mais tranqüilo e confiante na sua tarefa de ensinar. Talvez uma analogia entre o programa e um colar de contas possa ajudá-lo.

Para fazer um colar de contas, sem dúvida antes de qualquer outra coisa é necessário ter as contas. Nos primeiros dois departamentos do nosso programa, apresentamos as histórias bíblicas que são os componentes básicos do currículo global – as contas...

Os alunos que utilizam o material do curso primário fazem um estudo das histórias de toda a Bíblia... esses alunos devem começar a ver o que as histórias ensinam e a perceber como elas se relacionam umas com as outras. A cronologia é considerada nesse material, mas ela é também periodicamente ignorada; as crianças nessa idade não conseguem lidar intelectualmente com esse aspecto.

Isso torna as lições mais relevantes para a vida dos alunos.

Em relação às crianças em idade pré-escolar, estamos interessados em que os alunos não apenas adquiram a crença apropriada, mas também que façam o que Deus requer deles. Assim, por exemplo, muita ênfase é colocada na vida em família. Cada atividade para casa tem uma mensagem para os pais, incentivando-os a participar do aprendizado dos seus filhos.

Se você está fazendo um colar de contas, precisa aprender o que são elas, e começar a perceber como elas podem ser usadas, assim como o potencial de relacionamento que existe entre elas. Então, você poderá colocá-las em ordem. O mesmo é verdadeiro em relação às histórias bíblicas. A criança deve desenvolver uma certa facilidade para lidar com essas partes básicas do programa. Isso é feito no departamento de Juniores, que se dedica à história da Bíblia. Os alunos desenvolvem uma compreensão de como Deus se revelou a nós nas diferentes eras da revelação.

Os alunos desse departamento estudam o desenvolvimento do povo de Deus desde os relatos do Gênesis até a história da igreja em Atos... Eles aprendem que é a obra de Jesus que faz funcionar o reino de Deus. Todas as lições, sem dúvida – tanto o Antigo como o Novo Testamento – enfatizam Jesus Cristo como a figura central no reino de Deus. Meninos e meninas pré-adolescentes são desafiados a se tornarem servos dedicados do Senhor Jesus e a experimentar a sua obra transformadora na própria vida, seja em casa, na escola ou nas diversões.

O curso dos juniores ajuda os alunos a colocar as contas em ordem. Os furos devem ficar alinhados, e as contas devem manter o relacionamento apropriado entre si. As crianças descobrem o desenvolvimento dos relacionamentos na história do povo de Deus.

De certa maneira, o curso dos jovens (alunos do colegial) representa o topo, o ponto crucial do programa. Na analogia das contas, é o fio que mantém todas as partes unidas. Esse conceito unificador da Bíblia é a aliança, e no curso para jovens nós seguimos esse conceito ao longo de toda a Bíblia.

A noção de aliança é particularmente relevante para os jovens. Muitos estão se preparando para a sua profissão de fé pública em Cristo... Nós valorizamos e estimamos a doutrina da aliança. Assim, é próprio que os jovens da igreja

estudem essa doutrina fundamental quando se preparam para unir-se à igreja.

A noção do pacto é também importante para esse grupo porque tem a ver com relacionamentos. Os jovens estão no processo de escolher os seus relacionamentos – seja com os colegas ou com os pais. O nosso curso define pacto ou aliança em termos do relacionamento entre nós e Deus. Ele é o nosso Deus e nós somos o seu povo. Assim como as contas não permanecerão juntas sem um cordão, também não chegaremos a uma compreensão da Bíblia sem um entendimento da doutrina da aliança.

Porém, qual é a validade de um colar de contas se você nunca o usa? O material para os jovens se refere a esse aspecto. Uma vez que as contas são examinadas, colocadas em ordem e enfiadas juntas, elas devem ser usadas. Mas como?

O cristão em processo de crescimento e amadurecimento sabe como a Bíblia o orienta em todas as áreas da vida. Por isso, o nosso curso para jovens trata da noção de maturidade. Nós tentamos demonstrar o que caracteriza um cristão maduro de três maneiras. O cristão maduro está comprometido em servir ao Deus triúno. Ele está comprometido também com o serviço aos outros. Seu último compromisso é ser a pessoa que Deus o criou para ser. Como criatura de Deus, ele deve usar seus dons e talentos naquilo para o que Deus o chamar.

Um colar de contas deve embelezar quem o usa. Da mesma maneira, o estudo da Palavra de Deus deve nos capacitar a servi-lo melhor. Esse é o objetivo do... programa. Queremos que os alunos saibam o que crer a respeito de Deus e sejam equipados e qualificados para assumir qualquer tarefa que Deus requeira deles.3

Esse princípio de continuidade curricular deve ser aplicado também na escolha dos materiais para as classes de adultos.

Benefício n. 4

Um cuidado especial pode ser dado à integração do programa instrucional com a

filosofia e estratégia ministerial da igreja como um todo. O programa instrucional deveria facilitar a aquisição da visão e dos objetivos da igreja. É o veículo apropriado para ensinar a visão às pessoas e mobilizá-las para a realização dos objetivos da igreja.

Benefício n. 5

Professores podem ser arrolados, treinados e incentivados. Muitas vezes, os professores ficam desanimados porque se sentem isolados e irrelevantes. Conta-se que, na Idade Média um inspetor saiu para verificar como os trabalhadores se sentiam a respeito do seu trabalho. Ele se foi a um canteiro de obras na França, aproximou-se de um trabalhador e perguntou: “O que você está fazendo?”

O operário respondeu: “O senhor é cego? Estou cortando esta imensa pedra com instrumentos grosseiros e colocando-as nos lugares determinados pelo patrão. Estou suando debaixo deste sol abrasador; esse é um trabalho sobre-humano e cansativo”.

O inspetor dirigiu-se a um segundo trabalhador e fez a mesma pergunta. O trabalhador respondeu: “Estou moldando estas pedras de modo que elas fiquem com o formato apropriado para serem reunidas de acordo com o plano do arquiteto. É um trabalho duro e, algumas vezes, se torna repetitivo, mas ganho o suficiente para sustentar a minha esposa e os meus filhos. É um trabalho. Poderia ser pior”.

Sentindo-se mais encorajado, o inspetor dirigiu-se ao terceiro operário e perguntou: “O que você está fazendo?”

Esse operário encarou-o com os olhos brilhantes, levantou os braços para o céu e disse: “Ora, o senhor não está vendo? Estou construindo uma catedral!”4 Quando são planejadas oportunidades nas quais os professores podem se encontrar para serem desafiados com a grande visão de proclamar a vontade de Deus, para celebrar o que o Senhor tem feito na classe deles e para orar juntos, eles permanecerão concentrados na visão das catedrais, e não das pedras.

Benefício n. 6

Cada professor pode se concentrar melhor na sua fatia particular do trabalho instrucional quando ele ou ela tem uma noção clara do plano global da instrução cristã na sua igreja e dos propósitos particulares do programa no qual cada professor está trabalhando. Saber o que os alunos estão aprendendo em todos os outros segmentos do programa, e o que aprenderão nos próximos anos, dá aos professores um sentido de liberdade e foco.

Benefício n. 7

Em cada classe, deve ser cultivado um espírito comunitário. Grupos de liderança podem ser nomeados e treinados para incorporar novos membros, planejar confraternizações, ministrar às necessidades especiais dos membros da classe, procurar membros faltosos e planejar projetos de serviço e atendimento. Grupos de pais podem ser nomeados para classes infantis.

Treinamento e reuniões regulares podem sustentar o entusiasmo e criar o sentido de responsabilidade. Uma propaganda eficiente de todo esse esforço poderá ser conseguida por meio de boletins informativos e artigos que enfatizem o que cada classe está fazendo. A integridade teológica pode ser mantida por meio de sermões e circulares que continuam a ensinar as bases bíblicas à comunidade.

Benefício n. 8

É possível cultivar intencionalmente a comunhão entre os vários grupos etários.

Planos podem ser feitos e colocados em prática no sentido de reunir classes de crianças e adultos, designando-lhes vários projetos ministeriais. Um grupo assim formado pode receber a incumbência de orar por um missionário ou visitar e incentivar um membro da igreja que se encontre recluso ao lar. À medida que os dois grupos trabalham juntos, os relacionamentos crescem e amadurecem, o que ajuda a igreja a manter uma santa comunhão.

Benefício n. 9

Pessoas podem ser mobilizadas e treinadas para assumir ministérios de assistência. Crianças pequenas, adolescentes e adultos podem aprender a acolher os deficientes e orar pelos oprimidos. Podem arrecadar alimento para os pobres e escrever para os encarcerados. É possível fornecer oportunidades para que aprendam a atender ao profeta: “que pratiques a justiça, e ames a misericórdia e andes humildemente com o teu Deus” (Mq 6.8).

Benefício n. 10

A união pode ser nutrida. A tendência atual no sentido da adoção de uma alta especialização e de ministérios específicos para as diferentes faixas etárias traz consigo a probabilidade de criar divisão. Cada ministério ou departamento é separado, muitas vezes contando com a orientação de um membro da liderança, mas, em muitos casos, seria difícil considerá-los como uma equipe. Na realidade, com freqüência, cada ministério se torna um departamento estanque e começa a competir com os outros por mais espaço no boletim da igreja, mais datas no calendário eclesiástico e mais dinheiro no orçamento. Quando os ministérios competem, os relacionamentos ficam prejudicados. Não há dúvida de esse estado de coisas entristece o coração de Jesus que orou: “... a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim” (Jo 17.23).

Uma vez que uma parte tão grande do ministério da igreja se encontra sob o guarda-chuva da instrução cristã, deve haver união entre cada haste individual desse guarda-chuva, do contrário o trabalho e o testemunho da igreja ficarão desfigurados. A união será caracterizada pela confiança e maturidade nos relacionamentos, pois essa união está centralizada na glória de Deus, e não nas necessidades de qualquer grupo particular.

Cada "haste", ou ministério deve estar representado na comissão de instrução cristã, que deveria se reunir com regularidade para que a visão seja desenvolvida, objetivos sejam estabelecidos e possíveis coincidências ou superposições sejam resolvidas num espírito de amor e cooperação. Quando há coordenação, colaboração e responsabilidade de uns para com os outros, cada ministério se tornará mais rico e a união mais profunda. O diretor do ministério (ou departamento) infantil pode pedir a ajuda e as orações dos ministérios de mulheres e de homens para ajudar os filhos de pais solteiros. A diretora do ministério de mulheres pode trabalhar com o diretor da mocidade para recrutar a ajuda dos adolescentes no cuidado de jardins e quintais de pessoas idosas ou viúvas. As possibilidades são infinitas, e a união extraordinária.

Consistência teológica e coordenação estrutural

A consistência teológica é essencial se quisermos ensinar a totalidade da vontade de Deus com integridade de coração. Quando não há nenhuma visão nem base teológica, o ministério rapidamente se torna um promotor de acontecimentos e projetos. Mas, na realidade, acontecimentos e projetos não conseguem produzir o vigor necessário para a longa jornada. A coroa e a aliança de Cristo conferem integridade teológica e despertam um compromisso duradouro no povo de Deus.

A coordenação estrutural é, igualmente, essencial se queremos ensinar toda a vontade de Deus de modo competente. A coroa e a aliança de Cristo merecem excelência da nossa parte em todo o trabalho de planejamento e na sua execução. A coroa e aliança de Cristo nos inspiram com um sentido de reverência e admiração, pois nos lembram a transcendência de Deus.

Escrevi este capítulo durante uma viagem de avião. Eu estava indiferente à vista

abaixo de nós até que um jovem, sentado ao meu lado, tocou no meu ombro e disse, apontando para a vista: “Não é maravilhoso?” Percebi um sentimento de admiração infantil e lhe perguntei se aquela era a sua primeira viagem de avião. Começamos a conversar sobre a perspectiva que temos do mundo de Deus quando pairamos acima dele. Descobri que ele estava terminando a faculdade com uma especialização em educação especial. Descobri, também, que ele era cristão. Agradeci-lhe por ter chamado a minha atenção para a beleza que quase perdi por estar tão atenta ao meu trabalho e absorta nele. Devemos pairar alto para manter esse sentido de admiração e reverência.

Pessoas de oração pairam alto... vivem na presença de Deus... aquecem-se no seu esplendor... e irradiam a sua presença. Competência e integridade são moldadas no lugar de oração. Josafá pairou. As lições que ele aprendeu são as lições que fundamentam um ministério.

Louvor, não pânico.

Em 2 Crônicas 18, Josafá recorreu a uma tática baseada num ponto de vista puramente humano. Ele rejeitou a advertência do profeta, agiu independentemente, fez aliança com Acabe e escapou da morte por um triz. Aparentemente, ele aprendeu a lição que todos nós precisamos aprender: “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos” (Zc 4.6). O texto de 2 Crônicas 20 nos mostra que Josafá voou a novas alturas. Ele colocou a sua confiança em Deus e agiu como membro da comunidade da aliança.

Quando relataram a Josafá que um grande exército marchava contra ele, o rei se alarmou, mas dessa vez não encarou a ameaça militar de uma perspectiva exclusivamente humana. Nem tampouco agiu de maneira independente e auto-suficiente.

Então, Josafá teve medo e se pôs a buscar ao Senhor; e apregoou jejum em todo o Judá. Judá se congregou para pedir socorro ao Senhor; também de todas as

cidades de Judá veio gente para buscar ao Senhor.

2 Crônicas 20.3,4

O que vemos é uma assembléia pactual.

Todo o Judá estava em pé diante do Senhor, como também as suas crianças, as suas mulheres e os seus filhos.

2 Crônicas 20.13

Josafá orou ao Deus da fidelidade pactual. Esta é uma das grandes orações das Escrituras.

Pôs-se Josafá em pé, na congregação de Judá e de Jerusalém, na Casa do SENHOR, diante do pátio novo, e disse:

Ah! SENHOR, Deus de nossos pais, porventura, não és tu Deus nos céus? Não és tu que dominas sobre todos os reinos dos povos? Na tua mão está a força e o poder, e não há quem te possa resistir.

Porventura, ó nosso Deus, não lançaste fora os moradores desta terra de diante do teu povo de Israel e não a deste para sempre à posteridade de Abraão, teu amigo? Habitaram nela e nela edificaram um santuário ao teu nome, dizendo: Se algum mal nos sobrevier, espada por castigo, peste ou fome, nós nos apresentaremos diante desta casa e diante de ti, pois o teu nome está nesta casa; e clamaremos a ti na nossa angústia, e tu nos ouvirás e livrarás.

Agora, pois, eis que os filhos de Amom e de Moabe e os do monte Seir, cujas

terras não permitiste a Israel invadir, quando vinham da terra do Egito, mas deles se desviaram e não os destruíram, eis que nos dão o pago, vindo para lançar-nos fora da tua possessão, que nos deste em herança. Ah! Nosso Deus, acaso, não executarás tu o teu julgamento contra eles? Porque em nós não há força para resistirmos a essa grande multidão que vem contra nós, e não sabemos nós o que fazer; porém os nossos olhos estão postos em ti.

2 Crônicas 20.5-12

Depois da oração de Josafá, o Espírito do Senhor veio sobre Jaziel e ele se levantou diante da assembléia e disse:

Dai ouvidos, todo o Judá e vós, moradores de Jerusalém, e tu, ó rei Josafá, ao que vos diz o SENHOR. Não temais, nem vos assusteis por causa desta grande multidão, pois a peleja não é vossa, mas de Deus.

Amanhã, descereis contra eles; eis que sobem pela ladeira de Ziz; encontrá-los-eis no fim do vale, defronte do deserto de Jeruel. Neste encontro, não tereis de pelejar; tomai posição, ficai parados e vede o salvamento que o SENHOR vos dará, ó Judá e Jerusalém. Não temais, nem vos assusteis; amanhã, saí-lhes ao encontro, porque o SENHOR é convosco.

2 Crônicas 20. 15-17

Preste atenção na aparente incongruência das palavras de Jaziel. Ele afirma que a batalha não é do povo de Judá, mas, em seguida, lhes dá ordem de marchar, assumir suas posições e permanecer firmes. Qual é a atitude acertada quando um vasto exército marcha contra nós? Podemos observar o momento histórico de Josafá e aprender com ele.

Então, Josafá se prostrou com o rosto em terra; e todo o Judá e os moradores de Jerusalém também se prostraram perante o SENHOR e o adoraram.

2 Crônicas 20.18

A relevância dessa lição da antiguidade não pode ser exagerada. Quando um vasto exército marcha contra nós, eis a estratégia: reúnam outros crentes e façam a oração de Josafá. Depois, inclinem-se diante do nosso Soberano em atitude de culto e adoração.

A história continua ainda melhor. À medida que o exército avança contra eles...

Dispuseram-se os levitas, dos filhos dos coatitas e dos coreítas, para louvarem o SENHOR, Deus de Israel, em voz alta, sobremaneira.

Pela manhã cedo, se levantaram e saíram ao deserto de Tecoa; ao saírem eles, pôs-se Josafá em pé e disse: Ouvi-me, ó Judá e vós, moradores de Jerusalém! Crede no SENHOR, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas e prosperareis.

2 Crônicas 20.19,20

Josafá consulta o povo e, então, põe em execução a mais bizarra tática militar que jamais se viu. Em vez de colocar seus tanques mais fortes na linha de frente...

Aconselhou-se com o povo e ordenou cantores para o Senhor, que, vestidos de

ornamentos sagrados e marchando à frente do exército, louvassem a Deus dizendo: Rendei graças ao Senhor, porque a sua misericórdia dura para sempre.

2 Crônicas 20.21

Da para imaginar um espetáculo como esse? Se eles estivessem sendo observados por sentinelas inimigos, podemos antecipar qual seria o relatório de reconhecimento que eles fariam. Porém, para alguém que pensa pactualmente, isso não tem nada de estranho. Esse povo da aliança simplesmente apoiou-se nos ombros dos seus antepassados e encarou a situação de uma perspectiva pactual. Nesse caso em particular, eles apoiaram-se em Salomão. Cantaram as mesmas palavras que haviam sido cantadas na inauguração do Templo. E, sem dúvida, anteciparam os mesmos resultados. Atrase o relógio da História em cerca de cem anos para visualizar o que Josafá deve ter tido em mente. Em 2 Crônicas 5.13,14, lemos:

e quando em uníssono, a um tempo, tocaram as trombetas e cantaram para se fazerem ouvir, para louvarem o SENHOR e render-lhe graças; e quando levantaram eles a voz com trombetas, címbalos e outros instrumentos músicos para louvarem o SENHOR, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre, então, sucedeu que a casa, a saber, a Casa do SENHOR, se encheu de uma nuvem; de maneira que os sacerdotes não podiam estar ali para ministrar, por causa da nuvem, porque a glória do SENHOR encheu a Casa de Deus.

A estratégia de Josafá realmente não é bizarra. Ele não entra em pânico... Ele lidera o povo no louvor ao Rei dos reis porque sabe, da história de seu povo, que o louvor é a maneira apropriada de nos aproximarmos de Deus.

O salmista o afirma maravilhosamente:

Entrai por suas portas com ações de graças e nos seus átrios, com hinos de louvor; rendei-lhe graças e bendizei-lhe o nome.

Porque o SENHOR é bom, a sua misericórdia dura para sempre, e, de geração em geração, a sua fidelidade.

Salmo 100.4,5

Eu amo essa história. Ela continua a melhorar. Josafá e seu exército se põem em movimento. Eles ainda não conseguem ver o inimigo, mas...

Tendo eles começado a cantar e a dar louvores, pôs o SENHOR emboscadas contra os filhos de Amom e de Moabe e os do monte Seir que vieram contra Judá, e foram desbaratados. Porque os filhos de Amom e de Moabe se levantaram contra os moradores do monte Seir, para os destruir e exterminar; e, tendo eles dado cabo dos moradores de Seir, ajudaram uns aos outros a destruir-se.

2 Crônicas 20.22,23

Então o povo pactual de Deus chega ao topo do monte de onde podem visualizar o deserto, esperando ver um grande exército, mas “vêem apenas corpos mortos, que jaziam em terra, sem nenhum sobrevivente” (v. 24).

E essa historia continua a melhorar...

Vieram Josafá e o seu povo para saquear os despojos e acharam entre os cadáveres riquezas em abundância e objetos preciosos; tomaram para si mais do

que podiam levar e três dias saquearam o despojo, porque era muito.

2 Crônicas 20.25

A despeito das desigualdades visíveis de uma perspectiva humana, eles pararam, oraram e agiram no contexto da aliança. Eles avançaram, não apoiados na sua própria força, mas em total dependência do Senhor. E foram necessários três dias para juntar o despojo. Não é de se admirar que eles deram ao lugar o nome de Vale de Beraca, que quer dizer Bênção.

A conclusão:

Então, voltaram todos os homens de Judá e de Jerusalém, e Josafá, à frente deles, e tornaram para Jerusalém com alegria, porque o SENHOR os alegrara com a vitória sobre seus inimigos. Vieram para Jerusalém com alaúdes, harpas e trombetas, para a Casa do SENHOR. Veio da parte de Deus o terror sobre todos os reinos daquelas terras, quando ouviram que o SENHOR havia pelejado contra os inimigos de Israel.Assim, o reino de Josafá teve paz, porque Deus lhe dera repouso por todos os lados.

2 Crônicas 20.27-30

Freqüentemente enfrentamos grandes exércitos. Às vezes, é o desânimo, o abatimento. Às vezes, é o medo, pois nos sentimos esmagados sob a responsabilidade com o trabalho do reino. Outras vezes é a dúvida – devo realmente incentivar esse (a) jovem a obedecer a Palavra de Deus a despeito das conseqüências? Às vezes, é um fardo pesado por uma pessoa não-convertida na nossa classe ou por um filho da aliança que está desviado. Muitas vezes, trata-se de um conflito que ameaça destruir a unidade da comunidade da aliança. Outras vezes é a fadiga. Ou a opressão da luta espiritual. Mas a oração de Josafá é a

minha oração: “...em nós não há força e não sabemos o que fazer; porém os nossos olhos estão postos em ti”. Então descubro que entro na sua presença, enquanto me apoio nos ombros de Salomão e Josafá e digo repetidamente: “Rendei graças ao Senhor porque a sua misericórdia dura para sempre”.

Aprendi que resisto melhor e com mais firmeza quando peço a outros que resistam comigo – esse é o modo pactual. As bênçãos que colhemos são muito mais valiosas e duradouras do que ouro e prata.

Ponto central

Onde encontraremos pessoas com visão e paixão para pastorear o povo com mãos competentes e integridade de coração? Procure por elas no aprisco das ovelhas. Procure por aqueles que estão pastoreando. Chame-os, equipe-os, encoraje-os, e comemore a participação deles.

Não se contente com a mediocridade. Voe alto no lugar da oração e, então, saia no espírito de louvor do Vale de Baraca e reúna as bênçãos de Deus que unge os seus esforços com sua graça. Ao comentar sobre o poder do louvor, um teólogo escocês afirmou:

Na ocasião da dedicação do templo, muitas orações foram feitas e muitos sacrifícios oferecidos, sem qualquer indicação da aceitação divina. Porém, quando os cantores e instrumentistas começaram em conjunto a louvar e a agradecer a Deus dizendo: “Porque o Senhor é bom e sua misericórdia dura para sempre”, então a glória do Senhor desceu e encheu o templo.5



Pergunta: Como podemos planejar e colocar em prática um ministério de instrução cristã na igreja?

Resposta: A Comissão de Instrução Cristã deve desenvolver, com competência, um plano abrangente de modo que toda a mensagem de Deus seja ensinada com integridade teológica e relacional. O plano, os programas e o povo devem ser saturados com oração.

Tornando-se um guardador da aliança

Leia e medite sobre o Salmo 100

Leia e medite sobre 2 Crônicas 20. Pense sobre os grandes exércitos que você enfrenta e faça a oração de Josafá.

Releia a citação do teólogo escocês no final do capítulo e ore pela capacidade de visualizar toda a vida a partir de uma perspectiva de louvor.

Releia os benefícios de um programa nem planejado de instrução cristã. Agradeça a Deus por aqueles que trabalham nesse ministério na sua igreja. Pense sobre como você pode incentivá-los. Ore sobre a possibilidade de que Deus o esteja chamando para juntar-se a eles.

Projeto de instrução cristã

Abaixo estão algumas idéias práticas para ajudar a comissão de instrução cristã a desenvolver um programa vigoroso com integridade e competência.

Todos os segmentos do programa de instrução cristã devem estar representados na comissão, de modo que aqueles que estão realizando o trabalho tenham voz nas decisões. Pode ser útil, também, contar com a participação de alguns membros com treinamento em instrução.

A comissão deve conhecer a visão e os objetivos dos presbíteros (do conselho) da igreja. Deve haver, também, uma declaração específica de propósito e visão para a Comissão de Instrução Cristã (CIC).

O diretor da comissão deve esforçar-se para desenvolver um espírito de união e apoio entre os seus membros. Deve ser cultivada uma atmosfera em que todos possam falar de maneira aberta e honesta, sem medo de serem atacados por outros membros da comissão. Os membros da comissão devem comprometer-se a orar uns pelos outros, a procurar em oração aquilo que é melhor para o programa total e não apenas para a parte dele, a ser respeitosos para com os outros e manter o caráter confidencial, e, uma vez que as decisões forem tomadas, sair da reunião concordemente, em uníssono. O diretor não deve permitir que um ou dois membros dominem a discussão. Às vezes, simplesmente pedir que cada um apresente, em trinta segundos, um resumo da sua opinião é suficiente para mudar o curso da discussão. O livro de Ken Sande, The Peacemaker (O pacificador), é um excelente recurso para aprender como lidar biblicamente com conflitos.

Descubra as necessidades e oportunidades avaliando quais programas estão em funcionamento, que currículo está sendo usado em cada programa, e verificando quaisquer brechas. Então, elabore programas com propósitos claramente definidos e descubra materiais que o ajudarão a atingir esse propósito.

Considere a possibilidade de escolher um tema para a CIC que ajude a focalizar os programas. (Veja Projeto de Instrução Cristã no final do capítulo 2).

Releia as seções Projeto de Instrução Cristã no final de cada capítulo e verifique se alguns deles poderiam fortalecer o seu programa.

Releia os benefícios apresentados neste capítulo e discuta a sua aplicabilidade no seu programa.

Ao recrutar professores, entregue a cada um, por escrito, uma descrição clara do propósito do programa, do currículo a ser usado, das expectativas do professor, e do compromisso da comissão de apoiá-lo em oração.

Providencie um período de treinamento para os professores no qual a abordagem pactual seja apresentada. Ajude os membros da comissão e os professores a manter essa perspectiva pactual preparando uma nota com o seguinte:

Perguntas que os professores deveriam fazer a respeito de cada lição para ajudá-los a ensinar o conteúdo da aliança:

O que isto nos ensina sobre o caráter de Deus?

O que isto nos ensina sobre Jesus, o Mediador da aliança?

Quais são os privilégios e responsabilidades pactuais que se aplicariam aos meus alunos?

Perguntas que os professores deveriam fazer a respeito de cada lição, atividade, projeto ou acontecimento para se assegurar de que estão fortalecendo o espírito comunitário em pelo menos uma área.

De que modo isto desenvolve o sentido de comunidade na nossa classe?

Como isto pode desenvolver o sentido de comunidade com outros membros da igreja?

Como isto impulsiona o avanço do reino de Deus no mundo?

(O Guia do Professor para este livro foi escrito para auxiliar os professores a integrar esses dois conjuntos de perguntas nas lições que vão ensinar. O formato e as idéias neste Guia podem ser usados para ensinar outras matérias.).

Mantenha uma comunicação freqüente com os professores mediante reuniões e memorando escritos, relembrando as perguntas acima e o tema da CIC. Nas reuniões, peça aos professores que dêem o seu testemunho sobre como estão

fazendo essa integração e qual é o efeito entre os alunos.

Faça avaliações anuais de cada programa para assegurar-se de que estão cumprindo seu propósito e que este propósito continua válido.

8



A comunidade e seus integrantes



Vivendo e ensinando no contexto da aliança

Vovó

Há dez anos, havia um grupo de jovens formado por filhos da aliança que tinham resposta para quase todas as perguntas! Para trabalhar com esse grupo dinâmico, criativo, falante, petulante e sabe-tudo, chegou a Vovó (ou seja, Penny Papas). No seu primeiro domingo conosco, ela nos encontrou esparramados num velho sofá. Vovó nos convidou a juntar-nos a ela ao redor da mesa. Um dos nossos colegas mais atrevidos desafiou-a com a pergunta: “Por quê?” Talvez esta seja uma boa hora para lhes contar que Penny e John Papas haviam criado quatro filhos, e que ela havia sido também professora e diretora da nossa escola cristã. Não é necessário dizer que Vovó não se sentiu ameaçada pelo nosso espírito relutante e nem pelas nossas atitudes de petulantes de sabichões questionadores.

Vovó nos ensinou muitas coisas. Em primeiro lugar, ela estava genuinamente interessada em cada um de nós. Interessava-se por tudo o que dizíamos e pensávamos. Rapidamente descobrimos que ela estava ali conosco porque os presbíteros da igreja lhe haviam pedido que assumisse o grupo, mas também, e principalmente, porque o Senhor tinha lhe dado um amor especial por esse grupo difícil e desagradável. Ela estabeleceu parâmetros e aprendemos a nos comportar apropriadamente: respeito pela autoridade e paciência uns com os outros, assim como um ensino claro da Palavra de Deus.

Para desenvolver em nós um coração serviçal, Vovó regularmente nos oferecia como voluntários para serviços na igreja – como servir o jantar nas noites de ceia comunitária, visitar os mais velhos e ajudá-los em tarefas especiais e ajudar no berçário. Esse grupo de jovens tornou-se realmente perito em ajudá-la na promoção das festas de casamento na igreja. Nenhuma tarefa era impossível para nós: decoração das mesas, arranjo de flores, trabalhar no estacionamento, e até preparar os pratos a serem servidos na festa.

As horas que passávamos juntos incluíam muitas coisas agradáveis. Vovó e seu

marido tinham uma maravilhosa casa de campo cheia de antiguidades, um belo fogão a lenha na cozinha e uma atmosfera cálida que fazia com que todos os que ali entravam se sentissem amados e apreciados. Nessa casa a Vovó nos recebia para a festa de ano-novo. Havia algumas regras básicas: as moças deveriam usar vestido de festa e os rapazes, ternos ou smoking. Usávamos sua porcelana mais fina e ela e seu marido preparavam a ceia e nos serviam, e nós gostávamos de nos sentir já adultos e especiais. Outras vezes, ela e John convidavam nossos pais para jantar e depois discutiam sobre o que estava sendo ensinado na escola dominical. Vovó realmente se esforçava para manter abertos os canais de comunicação entre nós.

Às vezes, ela interrompia o currículo normal da Escola Dominical para introduzir tópicos especiais. Numa dessas interrupções, tivemos uma série de estudos sobre namoro, casamento e ética sexual. Exploramos os princípios bíblicos e convidamos membros mais velhos da igreja para fazer parte de um painel e, assim, tivemos a oportunidade de lhes fazer perguntas realmente sérias e importantes sobre as tentações que eles tinham enfrentado quando tinham a nossa idade. Isso trouxe vários resultados benéficos. Primeiro, ajudou-nos a aprender com as experiências dos membros mais velhos de nossa comunidade que foram realmente sinceros e honestos conosco. Segundo, ajudou-nos também a transpor o abismo entre as gerações, a conviver melhor uns com os outros e a nos enxergar de uma perspectiva diferente e mais compreensiva.

Nós começamos a mudar. Seu ensino e exemplo persistentes foram recompensados. Desenvolvemos por ela um profundo amor, respeito e apreciação, que continuam vivos até hoje. Atualmente, somos oito jovens adultos entre 23 e 26 anos de idade, biblicamente mais bem preparados e com uma cosmovisão abrangente por causa dessa mulher extraordinária.

Meu testemunho é um tributo à fidelidade de Deus e ao seu chamado a Penny Papas, que se dispôs a deixar o descanso da aposentadoria para assumir um novo turno no serviço do reino.

Rob Patete,

Miami, Florida

A comunidade e seus integrantes

O relacionamento pactual de Deus conosco deve se refletir nos nossos relacionamentos com as outras pessoas. Assim Deus nos ensina na sua Palavra e demonstra de modo cabal o que isso significa na pessoa de Jesus. Mostrar e contar é um poderoso método de ensino.

Todos nós demonstramos e contamos o que cremos o tempo todo.

Algumas vezes, demonstramos e falamos a verdade bíblica. Às vezes, falamos a verdade bíblica e demonstramos falsidade. Se pensarmos que não estamos demonstrando nem dizendo nada, esse silêncio e passividade é, em si mesmo, a mensagem.

Na comunidade pactual há um sentido em que todos os seus integrantes são professores e todos são alunos ao mesmo tempo. Sem dúvida o relacionamento professor/aluno é mais próximo e intencional nas situações formais de ensino, mas os princípios descritos no comentário que se segue aplicam-se a todas as situações. Eles são aplicáveis no lar e na igreja, na medida em que dizemos e demonstramos o que cremos.

O professor

Jesus disse: “O discípulo não está acima de seu mestre; todo aquele, porém, que for bem instruído será como o seu mestre” (Lc 6.40). Um fato interessante a respeito dessa afirmação é que Jesus não disse se isso é bom ou mal. É um fato, simplesmente acontece. De certo modo, os alunos se tornarão parecidos com seus mestres.

Não é de se admirar que Tiago tenha escrito: “Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo” (Tg 3.1).

Paulo nos encoraja a não desistir desse chamado quando diz corajosamente: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11.1).

Jesus estava nos advertindo e desafiando quando disse: “Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus” (Mt 5.19).

Aqueles que estão comprometidos com a coroa e a aliança de Cristo se sentem impelidos a compartilhar essa paixão com outras pessoas, praticando e ensinando os seus mandamentos. Alguns o fazem por meio de relacionamentos nutridores em situações informais de ensino. Outros o fazem em situações formais. Eles não têm escolha. O coração deles arde com o ímpeto de contar a outros que Jesus está vivo e de demonstrar essa mesma verdade na sua maneira de viver.

Enquanto exploramos algumas maneiras de nos tornar professores mais eficientes, fique atento para o fato de que esta discussão tem mais relação com princípios do que com métodos. Portanto, ela é aplicável a todas as idades e a todos os relacionamentos. Aplica-se ao meu relacionamento com os nossos filhos adultos, com os nossos netos, com os alunos da minha classe da Escola Dominical e com os adultos e crianças com os quais interajo na igreja. Assim, como pomos tudo isso em prática?

Primeiro: Precisamos nos perguntar: Qual é o meu objetivo para os alunos sob a minha responsabilidade? Paulo nos dá resposta: “(Cristo) o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo; para isto é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim” (Cl. 1.28,29).

Imediatamente somos confrontados com a realidade de que se trata de um enorme investimento de tempo e energia emocional. A palavra traduzida como “afadigar-se” é a palavra grega kopiano, que significa exatamente esforçar-se, afadigar-se. O termo traduzido como “perfeito”, é o termo grego teleios, que indica algo que alcançou o seu objetivo, completo, maduro. Não devemos nunca nos contentar com algo menor que maturidade em Cristo, o que significa que a nossa tarefa de ensino não termina nunca, pois os nossos alunos não alcançarão a perfeição final até que sejamos glorificados no céu. Este é o nosso objetivo final:

apresentar ao nosso Pai um aluno ao qual ele possa dizer: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor” (Mt 25.23).

Segundo: Devemos nos lembrar continuamente do princípio conteúdo/contexto. A verdade bíblica deve ser ensinada no contexto de relacionamentos afetuosos. Paulo enfatizou esse princípio na carta que escreveu ao jovem Timóteo. Antes de incumbi-lo de “pregar a palavra” (2Tm 4.2), Paulo lembrou a Timóteo o que ele havia aprendido e quem o ensinara. O Dr. Allen Curry já disse que Paulo lembrou a Timóteo o seu livro didático e seus mestres.

Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendestes. E que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.

2 Timóteo 3.14-17

Timóteo era um filho da aliança. Seus professores foram a sua avó Loide, a sua mãe Eunice e o próprio Paulo. Estes três investiram de si mesmos em Timóteo. Ele aprendeu a linguagem da fé desde a infância. Timóteo passou por todo o processo de aprendizado até a confiança e a obediência. Ele tornou-se pessoalmente persuadido do que lhe havia sido ensinado. No início do seu próprio ministério de ensino, Paulo o faz lembrar-se da síntese conteúdo/contexto. Recorda a autoridade das Escrituras e a fidelidade daqueles que o ensinaram. Paulo está ensinando a Timóteo, e também a nós, que todos somos responsáveis por obedecer à Palavra de Deus porque ela é a verdadeira Palavra do Deus vivo. Independentemente da obediência ou não dos professores, devemos obedecer à Palavra, pois ela é a nossa autoridade. É a nossa regra de fé e prática. Timóteo tinha a enorme vantagem de poder lembrar-se de que aqueles que o ensinaram também a viveram diante dele. Paulo, então, desafia Timóteo a fazer o mesmo pelos seus alunos.

Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina.

2 Timóteo 4.1,2

Um professor pode não gostar de matemática, nem de seus alunos e, mesmo assim, ensinar-lhes matemática. Porém, nunca poderíamos ensinar a Palavra de Deus “perante Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino”, de maneira impessoal e indiferente. Ensinar a Bíblia envolve compartilhar o que o Espírito de Deus está nos ensinando e nos capacitando a aplicar na nossa própria vida. É algo profundamente pessoal.

Terceiro: Salpicados ao longo de suas cartas a Timóteo, Paulo dá algumas características de um professor fiel. Devemos, em oração, pedir a Deus que opere em nós o constante desenvolvimento dessas características.

Característica no. 1 do professor: Uma fé viva. “Pela recordação que guardo de tua fé sem fingimento, a mesma que, primeiramente, habitou em tua avó Loide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também em ti” (2Tm 1.5).

Característica no. 2 do Professor: Estudo diligente da Palavra. “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2.15).

Característica no. 3 do Professor: Exemplo de devoção. “...torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza... aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino...Medita estas coisas e nelas sê diligente, para que o teu progresso a todos seja manifesto. Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes” (1Tm 4.12-16).

Característica no. 4 do Professor: O espírito de um servo agradecido “Sou grato para com aquele que me fortaleceu, Cristo Jesus, Nosso Senhor, que me

considerou fiel, designando-me para o ministério” (1Tm 1.12).

Característica no. 5 do Professor: Uma constante consciência da nossa própria pecaminosidade e da graça de Deus. “A mim, que, noutro tempo era blasfemo, e perseguidor, e insolente. Mas obtive misericórdia, pois o fiz na ignorância, na incredulidade. Transbordou, porém, a graça de nosso Senhor com a fé e o amor que há em Cristo Jesus. Fiel é a palavra e digna de toda a aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1Tm 1.13-15).

Característica no. 6 do Professor: Um discipulador. “E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” (2Tm 2.2).

Característica no. 7 do Professor: Um promotor de união. “Foge, outrossim, das paixões da mocidade. Segue a justiça, a fé, o amor e a paz com os que, de coração puro, invocam o Senhor. E repele as questões insensatas e absurdas, pois sabes que só engendram contendas. Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e sim deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente, disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele para cumprirem a sua vontade” (2Tm 2.22-26).

Característica no. 8 do Professor: Um coração evangelista. “Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faze o trabalho de um evangelista...” (2Tm 4.5).

Paulo e Timóteo nos apresentam um exemplo positivo de que “todo aquele, porém, que for bem instruído será como seu mestre” (Lc 6.40). Timóteo se parece muito com Paulo. O relacionamento professor /aluno, é amedrontador. A nossa influência sobre os outros é apavorante. Ela é também maravilhosa. “Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente” (Dn 12.3).

O testemunho de Paulo a respeito do seu firme compromisso com os seus alunos certamente nos incentiva a seguir o seu exemplo, porque ele próprio seguiu o exemplo de Jesus. “Embora pudéssemos, como enviados de Cristo, exigir de vós a nossa manutenção, todavia, nos tornamos carinhosos entre vós, qual ama que

acaricia os próprios filhos; assim, querendo-vos muito, estávamos prontos a oferecer-vos não somente o evangelho de Deus, mas, igualmente, a própria vida; por isso que vos tornastes muito amados de nós" (1Ts 2.7,8).

Eu quase consigo ouvir os seus gemidos, pois ouço os protestos do meu próprio coração: Simplesmente não consigo fazer isto. Nosso Salvador sabe, e tomou providências para tanto. Aparentemente, Paulo sabia que Timóteo sentiria a mesma dúvida e incapacidade, porque, ao desafiá-lo ele relembrou a provisão que existia: "Guarda o bom depósito, mediante o Espírito Santo que habita em nós" (2Tm 1.14).

O próprio Espírito Santo será o nosso conselheiro e mestre (Jo 14.16-26). Ele produzirá em nós aquilo que não podemos produzir por nós mesmos: "...o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio" (Gl 5.22,23). O Espírito da verdade que capacita os nossos alunos a crer na verdade, também nos capacita a crer na verdade, a vivê-la e a ensiná-la.

O aluno

Prosseguindo a narração do episódio em que Maria e José deixam o menino Jesus em Jerusalém e depois voltam freneticamente procurando por ele, até encontrá-lo no templo ensinando os mestres, lemos: "E desceu com eles para Nazaré, e era-lhes submisso. Sua mãe, porém, guardava todas estas coisas no coração. E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens" (Lc 2.51,52).

Nossos filhos precisam crescer nas mesmas quatro áreas em que Jesus cresceu. Porém, observe o contexto em que este crescimento ocorreu – pais que amam e um filho que obedece. Precisamos manter uma autoridade afetuosa no nosso lar e na sala de aula; nutrir relacionamentos pactuais com nossos alunos; e fornecer instrução, aplicação e oportunidade para que se desenvolvam em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens. As quatro áreas de crescimento são aplicáveis em todas as idades.

A palavra hebraica para sabedoria, hakam, significa mais do que conhecimento e inteligência. Significa o uso certo do conhecimento. Envolve uma maneira de pensar e reagir diante das experiências da vida. A sabedoria do Antigo Testamento consiste numa visão de mundo que difere de todas as outras visões de mundo da antiguidade, porque reflete o ensino de um Deus pessoal santo, íntegro e justo e que espera que todos os que vivem numa relação de aliança com ele reflitam o seu caráter nos afazeres práticos da vida. Poderíamos definir sabedoria como saber o que Deus quer que eu saiba, pensar como Deus quer que eu pense, e fazer aquilo que Deus quer que eu faça. Disse o salmista: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; revelam prudência todos os que o praticam” (Sl 111.10).

Crescer em estatura sem dúvida se refere a crescimento físico, mas a palavra hebraica helikia também significa “maturidade”.

O termo traduzido como “graça” é a palavra grega charis, que significa exatamente “graça”. Crescer no “favor” [como aparece na versão da Bíblia que o autor está usando – N.T.] de Deus é crescer em sua graça. João expressou isso de modo sucinto: “Convém que ele cresça e que eu diminua” (Jo 3.30). É necessário que haja menos de mim para que haja mais de Cristo. Ele mesmo nos assegurou isto. “...carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados” (1Pe 2.24). Quanto mais plenos de sua graça estivermos, mais poderemos nos tocar uns aos outros com essa graça e assim crescer em favor e graça para com Deus e as pessoas.

Crescimento em sabedoria, estatura e graça para com Deus e os homens, tudo contribui para alcançar o objetivo divisado por Paulo para os seus alunos – apresentá-los perfeitos ou maduros em Cristo (Cl 1.28).

No seu livro A Quest for Godliness: The Puritan Vision of the Christian Life, J. I. Packer traça o perfil da maturidade puritana. Esta descrição nos fornece uma referência à medida que trabalhamos com toda a nossa energia para instilar a verdade de Deus em nossos alunos.

Maturidade é um composto de sabedoria, boa vontade, resiliência e criatividade. Os puritanos foram exemplos de maturidade... Eles eram almas generosas que

serviam a um Deus grandioso. Neles havia uma combinação de paixão esclarecida e terna compaixão. Visionários e práticos, idealistas e realistas também, objetivos e metódicos, eram crentes fervorosos, cheios de esperança, realizadores e sofredores. Porém, os sofrimentos deles... os prepararam e os fizeram amadurecer até atingirem uma estatura heróica. Facilidade e luxo, como gozamos hoje em nossa afluência, não favorecem o desenvolvimento da maturidade; dificuldades e lutas, entretanto, o fazem, e as batalhas dos puritanos contra a aridez espiritual e climática, na qual Deus os colocou, produziu uma virilidade de caráter indômito e inabalável que pairava acima do desânimo e dos medos...1

Packer prossegue, então, para sugerir algumas lições que podemos aprender com a maturidade dos puritanos. São aspectos da maturidade que podemos ensinar aos nossos alunos.

Primeiro, podemos aprender lições sobre a integração da vida diária que era uma característica deles. Assim como o Cristianismo deles era todo-abrangente, também a vida deles era todo-integrada... No entender deles, toda a criação era sagrada, e todas as atividades, de qualquer tipo, deveriam ser santificadas, ou seja, feitas para a glória de Deus...

Segundo, há lições sobre a qualidade da experiência espiritual deles. Na comunhão que mantinham com Deus, do mesmo modo que Jesus Cristo era o centro, também as Escrituras Sagradas tinham um valor supremo. A meditação bíblica do puritano era moldada pelos sermões puritanos. Na meditação, eles procuravam investigar e desafiar o próprio coração, estimular os sentimentos a odiar o pecado e amar a retidão e encorajar-se com as promessas de Deus...

Terceiro, há lições para nós na paixão deles pela ação eficaz... Eles eram homens de ação no puro estilo reformado – ativistas determinados sem um mínimo de auto-suficiência; obreiros de Deus que dependiam absolutamente do Senhor para trabalhar neles e por intermédio deles e que sempre davam a Deus o louvor por qualquer coisa que fizessem e que, em retrospecto, lhes parecesse ter sido algo correto; homens capazes que oravam fervorosamente pedindo ao Senhor que os capacitasse a usar a sua energia e a sua capacidade não para auto-exibição, mas

para o louvor de Deus.

Quarto, há lições para nós no que se refere ao programa para a estabilidade da família que eles tinham. A ética puritana de casamento não era procurar uma companheira a quem se amasse apaixonadamente no momento, mas sim procurar por alguém a quem se amasse com constância como a sua melhor amiga na vida e, então, prosseguir, com o auxílio de Deus, agindo exatamente assim. A ética puritana de orientação e educação era dirigir as crianças pelo caminho que deviam trilhar, cuidar tanto do corpo como da alma delas e educá-las para uma vida adulta sóbria, piedosa e socialmente útil...

Quinto, podemos aprender lições do sentido de valor humano que eles tinham. Mediante a fé num Deus poderoso... eles atingiram uma vívida consciência da grandeza das questões morais, da eternidade, e da alma humana...

Sexto, temos lições a aprender a respeito do ideal puritano de renovação da igreja... “renovação” não era uma palavra usada; eles usavam apenas os termos “reforma” e “reformar”... A essência desse tipo de reforma era o enriquecimento da compreensão da verdade de Deus, despertamento dos sentimentos para com Deus, aumento no ardor das devoções pessoais e mais amor, alegria e firmeza de propósitos cristãos na vocação de cada um e na vida pessoal... o ideal para a igreja era que... todos os membros de cada congregação deveriam ser “reformados” – ou seja, levados, sem desordem, pela graça de Deus a um estado que poderia ser chamado de despertamento e, assim, ser verdadeira e plenamente convertidos, teologicamente ortodoxos e sadios, espiritualmente alertas e esperançosos, sábios e firmes quanto ao caráter, eticamente empreendedores e obedientes, e humilde mas alegremente certos da salvação... 2

Reconhecemos o fato de que a cultura na qual vivemos torna difícil induzir os nossos alunos a buscar esse tipo de maturidade. Porém, o obstáculo verdadeiro não é a cultura; é a predisposição do nosso coração para o egoísmo. Entretanto, isso nos dá uma grande esperança. Enquanto estivermos neste mundo, a cultura será contra nós, mas o coração pode ser radical e instantaneamente mudado pelo poder do Espírito Santo. Nossa parte é estarmos conscientes da força de atração do pecado, e não nos acomodarmos a ela; pelo contrário, lutarmos contra ela. Quer os nossos alunos tenham 5 ou 50 anos, devemos entender que tanto “eles” como “nós” somos pecadores.

S. G. DeGraaf escreveu:

O pecado típico da criança é colocar-se em primeiro lugar. A criança tem espaço para Deus na sua vida – desde que ele venha em segundo lugar. Estaremos agindo responsavelmente quando nos acomodamos a essa inclinação pecaminosa por parte das crianças? Ou deveríamos nos opor a ela? Sem dúvida, compreender as histórias da Bíblia a partir de um ponto de vista apropriado é muito difícil para a criança, não porque a compreensão dela seja limitada, mas porque o seu coração diz não. Crianças pequenas não têm mais espaço para Deus na sua vida do que os adultos. Se fizermos com que as crianças percebam a centralidade de Deus na vida humana, teremos alcançado o nosso objetivo principal...3

Hoje, grande parte da ênfase é colocada sobre o atendimento das necessidades dos nossos alunos. As quatro áreas que vemos em Lucas 2.51-52 (sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens) não são centralizadas no íntimo. Se temos de desafiar os nossos alunos a aspirar a uma maturidade bíblica, devemos confrontá-los continuamente com a santidade de Deus e a realidade dos seus próprios pecados.

O Dr. Edward Welch, membro da diretoria da Christian Counseling and Educacional Foundation (Fundação de Aconselhamento e Instrução Cristã), na Filadélfia, no seu livro intitulado When People Are Big and God Is Small, nos orienta quanto a uma abordagem centralizada em Deus no que se refere a questões como auto-estima e um ministério orientado para as necessidades humanas. Ele escreve:

Quando as necessidades, em vez do pecado, são consideradas como o nosso problema principal, não apenas a nossa autocompreensão é afetada, mas o próprio evangelho é modificado.

... refletir a imagem de Deus, em sua essência, é regozijar-se na presença de Deus, amá-lo acima de todas as coisas e viver para a sua glória e não para a nossa própria glória. Assim, a questão fundamental da existência humana se torna: “Como posso render glória a Deus?” – e não “Como Deus suprirá as

minhas necessidades psicológicas?” Essas diferenças produzem dois tipos de força ou movimento no nosso coração: um nos puxa constantemente em direção a Deus, o outro nos puxa em direção a nós mesmos...

...olhar para Cristo para atender às nossas necessidades psicológicas é cristianizar as nossas concupiscências...

As necessidades pessoais não devem ser satisfeitas; elas devem ser eliminadas.4

O Dr. Welch explica que a perspectiva bíblica a respeito de quem nós somos focaliza-se na imagem de Deus em nós. “Ser criado à imagem de Deus significa que somos como Deus em todos os aspectos em que uma criatura pode ser como ele, para o louvor de sua gloriosa graça (Ef 1.6, 12, 14). Isso significa que Deus nos deu dons para servir e não necessidades para serem atendidas. Qualquer outra perspectiva é menos que bíblica e, em última análise, nos levará à infelicidade e não à alegria.”5

Qualquer outra perspectiva também levará os nossos alunos à infelicidade e não à alegria. Uma abordagem pactual orienta os nossos alunos para o seu Salvador e não para a sua própria importância. Quanto mais contemplamos a Jesus, mais percebemos a nossa pecaminosidade. O reconhecimento do pecado leva ao arrependimento. A alegria do arrependimento é que ele é imediatamente seguido pelo perdão.

Ao explicar a importância de ensinarmos a partir de uma perspectiva pactual, S.G. DeGraff escreveu:

As histórias serão difíceis para as crianças entenderem, não porque a mente delas não consegue compreendê-las, mas porque o coração delas não as aceita. Como o pecado nos separou, cada criança é um individualista nato. Nós nos situamos no mundo como seres separados e formamos as nossas opiniões individualmente.

Se salientarmos esse individualismo ao contar as histórias, as crianças imediatamente aceitarão o que dissermos. Mas podemos nos permitir ser governados por uma situação imposta pelo pecado e vender o evangelho da

mesma maneira que um anunciante vende um creme de beleza? Ou a nossa maneira de contar a história deveria procurar despedaçar este individualismo?6

Devemos apresentar Jesus aos nossos alunos; devemos mostrar-lhes que eles fazem parte da comunidade da fé, pois pertencem a ele; devemos ensinar-lhes que eles têm deveres comunitários.

A vida da comunidade

Usaremos um exemplo do Antigo Testamento para refletir sobre a vida da comunidade. Em Juízes 4 e 5 vemos um ciclo familiar de quebra da aliança pelo povo, julgamento de Deus, súplica por libertação e a misericórdia de Deus por seus filhos. Juizes 4 nos mostra os fatos, e Juizes 5 nos dá a doxologia. Devemos considerá-los em conjunto para termos a história completa. Há várias tramas e aplicações, uma das quais é a descrição da ruína e da restauração da vida da comunidade. Débora descreve o fato da seguinte maneira:

Nos dias de Sangar, filho de Anate, nos dias de Jael, cessaram as caravanas; e os viajantes tomavam desvios tortuosos. Ficaram desertas as aldeias em Israel, repousaram, até que eu, Débora, me levantei, levantei-me por mãe em Israel. Escolheram-se deuses novos; então, a guerra estava às portas; não se via escudo nem lança entre quarenta mil em Israel.

Juizes 5.6-8.

As estradas eram perigosas para os israelitas por causa dos opressores estrangeiros e dos ladrões. Eles viviam em isolamento e com medo. Não havia nenhuma identidade ou solidariedade comunitária. Não havia liderança. O povo

escolheu novos deuses e o resultado foi a falta absoluta de segurança e nenhuma saúde comunitária. A vida da comunidade extinguiu-se, e o povo de Deus estava desmoralizado, paralisado e vulnerável.

A vida da comunidade se extinguiu até que – até que Deus levantou uma mãe em Israel que possuía uma perspectiva pactual da situação e um relacionamento pactual com Javé. A história prossegue:

Os filhos de Israel tornaram a fazer o que era mau perante o SENHOR, depois de falecer Eúde. Entregou-os o SENHOR nas mãos de Jabim, rei de Canaã, que reinava em Hazor. Sísera era o comandante do seu exército, o qual, então, habitava em Harosete-Hagoim. Clamaram os filhos de Israel ao SENHOR, porquanto Jabim tinha novecentos carros de ferro e, por vinte anos, oprimia duramente os filhos de Israel.

Débora, profetisa, mulher de Lapidote, julgava a Israel naquele tempo... Mandou ela chamar a Baraque, filho de Abinoão, de Quedes de Naftali, e disse-lhe: Porventura, o SENHOR, Deus de Israel, não deu ordem, dizendo: Vai, e leva gente ao monte Tabor, e toma contigo dez mil homens dos filhos de Naftali e dos filhos de Zebulom? E farei ir a ti para o ribeiro Quisom a Sísera, comandante do exército de Jabim, com os seus carros e as suas tropas; e o darei nas tuas mãos.

Juizes 4.1-4,6.7

Débora sabia que as suas palavras e a sua estratégia não seriam suficientes para equipar e fortalecer o povo para derrotar o inimigo e restaurar a vida da comunidade. Quando chamou Baraque, ela se certificou que ele entendera que o Senhor era o comandante e o estrategista da batalha. E Deus fez exatamente o que havia prometido. Enquanto Baraque e as tropas avançavam, uma violenta tempestade pôs em pânico as tropas de Sísera e atirou os seus nove mil carros na lama. “Todo o exército de Sísera caiu a fio de espada, sem escapar nem sequer um” (Jz 4.16).

Então Débora cantou um cântico de louvor, e, do começo ao fim o tema vigoroso

é a fidelidade pactual de Deus a despeito da quebra da aliança por parte de seus filhos: “Desde que os chefes se puseram à frente de Israel, e o povo se ofereceu voluntariamente, bendizei ao SENHOR. Ouvi, reis, dai ouvidos, príncipes: eu, eu mesma cantarei ao SENHOR; salmodiarei ao SENHOR, Deus de Israel” (Jz 5.2,3).

Débora começa relembrando os seus ouvintes de que a vitória pertence ao Senhor. Ela reconhecia que não havia sido a sua sabedoria nem a força de Baraque que havia ganho a batalha. A Palavra e o poder de Deus haviam dado ao povo essa vitória retumbante. Se o príncipe de Israel toma a liderança e o povo o segue, isso se deve à graça de Deus operando neles. Portanto, Deus é que deve ser louvado.

Débora ensina a partir de uma perspectiva pactual. Ela rapidamente relembra o povo quais eram os fundamentos históricos do seu relacionamento de aliança com Javé: “Saindo tu, ó SENHOR, de Seir, marchando desde o campo de Edom, a terra estremeceu; os céus gotejaram, sim, até as nuvens gotejaram águas. Os montes vacilaram diante do SENHOR, e até o Sinai, diante do SENHOR, Deus de Israel” (vs.4,5).

Ela alude ao Sinai em seus louvores a Deus pela presente libertação. Isso traria à memória do povo o fluxo redentor da História, a promessa pactual feita com os seus antepassados e a responsabilidade pactual que repousava sobre eles como povo escolhido de Deus.

Então, Débora nos dá uma vívida descrição da vida da comunidade depois da derrota de Jabim.

Meu coração se inclina para os comandantes de Israel, que, voluntariamente, se ofereceram entre o povo; bendizei ao SENHOR. Vós, os que cavalgais jumentas brancas, que vos assentais em juízo e que andais pelo caminho, falai disto. À música dos distribuidores de água, lá entre os canais dos rebanhos, falai dos atos de justiça do SENHOR, das justiças a prol de suas aldeias em Israel. Então, o povo do SENHOR pôde descer ao seu lar.

Observem o contraste. Nos versículos 6-8 não há vida na comunidade. Agora existem líderes comunitários, há voluntários dispostos. E Débora rapidamente relembra que Deus é aquele que deve ser louvado, pois foi ele quem lhes deu corações bem dispostos. As jumentas brancas simbolizam o retorno à ordem civil. As pessoas não permanecem mais isoladas. Reúnem-se livremente junto às fontes de água e louvam ao Senhor enquanto recitam seus atos poderosos. Essa é a vida da comunidade como ela deve ser.

Débora leva o seu canto até uma vibrante conclusão ao regozijar-se no fato de que esse tipo de vida da comunidade é o catalisador para que as comunidades reflitam aquele que disse: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8.12). “Assim, ó SENHOR, pereçam todos os teus inimigos! Porém os que te amam brilham como o sol quando se levanta no seu esplendor. E a terra ficou em paz por quarenta anos” (Jz 5.31).

Os que vivem na presença do Senhor serão como o sol quando ele brilha em toda a sua intensidade. Eles e a sua aldeia terão paz porque “...para vós que temeis o meu nome nascerá o sol de justiça, trazendo salvação nas suas asas; saireis e saltareis como bezerros soltos da estrebaria. Pisareis os perversos, porque se farão cinza debaixo das plantas de vossos pés, naquele dia que preparei, diz o Senhor dos Exércitos” (Ml 4.2,3).

Portanto, o cântico de Débora aponta para Jesus, que é referido nos evangelhos com a mesma imagem do “sol nascente” “...graças à entranhável misericórdia de nosso Deus, pela qual nos visitará o sol nascente das alturas, para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, e dirigir os nossos pés pelo caminho da paz” (Lc 1.78,79). A eficiência da igreja no discipulado do povo de Deus e em ser sal da terra e luz da cultura estará na direta proporção da qualidade da vida comunitária da igreja. A vida comunitária é muito mais que jantares de confraternização.

A vida da comunidade exige obediência radical

Penny Pappas compreendeu isso. Essa integrante da comunidade começou um ministério de ensino formal na sua comunidade quando tinha apenas 15 anos. Na pequena cozinha de uma igreja rural cheia de cafeteiras e vasos sem uso, ela formou uma sala de aula completa com quadro de avisos, exposição de trabalhos dos alunos e uma maquete do tabernáculo montada numa caixa de areia. Ao longo dos anos, ela trabalhou ensinando na escola primária cristã, a grupos de moços, no maternal, nos departamentos primário e juniores da Escola Dominical, em conferências bíblicas, grupos de Bandeirantes, estudos bíblicos para senhoras e seminários de treinamento para novos professores. Finalmente, chegou a hora em que ela estava pronta para se aposentar ou, pelo menos, era isso o que ela pensava. É melhor tomarmos conhecimento da história pelas palavras da própria Penny:

Eu tinha acabado de fazer 65 anos. Já estava velha. Era a hora certa para me sentar, esquentar o banco e deixar que os mais jovens fizessem o trabalho. Eu estaria lá, entretanto, para criticar. Esse era o meu plano de aposentadoria.

Mas não era o plano de Deus, não era o plano dos presbíteros nem do superindentente da Escola Dominical. Este se aproximou de mim certo domingo: “Penny”, ele começou, “precisamos de uma professora para a classe de segundo grau. Nós achamos que todos esses jovens não estão se saindo bem. Precisamos de alguém mais maduro para trabalhar com eles”.

“Claro”, respondi com desdém, “alguém forte e velho, mas não eu.”

Tomado de surpresa, o pobre homem disse: “Você poderia pelo menos orar a respeito disso?”

“Não”, eu respondi teimosamente. “Não vou fazer isso. Eu posso acabar voltando atrás e depois vou culpar a Deus pela minha decisão. Já fiz a minha parte. Realmente eu quero descansar.”

Porém, aquele grupo desafiador de jovens não saia da minha mente: Heather, Susan, Sarah, Rob*, Laurie, Drew, Tim, Matt, Luke, Brooke, Steve, Todd, Amy, Rhonda, Chris. Alguns tinham estado em minha classe quando eram juniores. Eu conhecia o potencial deles, e Deus estava enchendo o meu coração de amor por eles e de um anseio real por compartilhar a sua Palavra com esses jovens. Ele estava me chamando para ensiná-los.

“Este cachorro velho terá que aprender novos truques”, pensei comigo mesma, enquanto meditava sobre o desafio representado por aqueles marotos indisciplinados que eram tão bem-dotados mental, artística e espiritualmente. Realmente, eu não era páreo para eles, mas a experiência me disse que Deus nunca deixara de me equipar para um trabalho para o qual ele me chamara.

E ele não me desamparou. Aqueles jovens ainda trazem alegria ao meu coração quando me lembro de sua sincera resposta à Palavra de Deus, sua participação entusiástica nos projetos da classe, seu crescimento na graça e o profundo amor que tínhamos uns pelos outros.7

A vida da comunidade vicejou naquela classe porque essa integrante estava disposta a pagar o preço pela vida comunitária. Estava disposta a deixar a sua zona de conforto e avançar em obediência ao Rei da comunidade.

Pós-escrito sobre Juízes

Voltemos agora a Juízes 4 e 5. Nem todos os membros da comunidade estiveram dispostos a pagar o preço pela vida da aldeia. Eles ouviram o chamado, mas guerra era radical demais para eles.

Entre as facções de Rúben houve grande discussão. Por que ficaste entre os currais para ouvires a flauta?...

Gileade ficou além do Jordão,

e Dã, por que se deteve junto a seus navios?

Aser assentou nas costas do mar e repouso nas suas baías...

Amaldiçoai a Meroz, diz o anjo do SENHOR, amaldiçoais duramente os seus moradores, porque não vieram em socorro do SENHOR, em socorro do SENHOR e seus heróis.

Juízes 5.15-23

É sempre assim. Há integrantes da comunidade que corajosamente levam a palavra do Senhor a sério e “são como o sol quando nasce em toda sua força”, e há aqueles que assobiam para seus rebanhos, permanecem nos lugares seguros além do Jordão, se detêm junto aos seus navios ou em suas baías, e recebem uma maldição ao invés de uma bênção. O plano de Deus não sofre qualquer atraso ou impedimento por causa deles. A tragédia é que eles perdem a festa.

Ponto central

Os habitantes da comunidade pactual devem erguer-se acima da teologia baseada nas necessidades que intensifica o individualismo. Seu objetivo e seu ponto de reunião deve ser a honra do Rei da comunidade. Qualquer posição menor do que essa é destrutiva para a vida da comunidade. É igualmente destrutiva de nossa paz pessoal. Se a nossa zona de conforto nos coloca na periferia da vida da comunidade, ela deixa de ser uma zona de conforto. Nós nos descobriremos em posições de vulnerabilidade diante do nosso próprio pecado. Desobediência traz maldição pactual. Obediência traz bênção pactual.

“...almadiçoai duramente os seus moradores, porque não vieram em socorro do SENHOR, em socorro do SENHOR e seus heróis” (Jz 5.23). “E a terra ficou em

paz quarenta anos” (Jz 5.32). A aldeia teve paz, mas alguns de seus habitantes experimentaram amargura, porque se contentaram em permanecer nas laterais.

Integrantes corajosos e valorosos da comunidade trabalharão com toda a energia “para apresentar cada um perfeito em Cristo” por amor à coroa e aliança de Cristo.



Pergunta: Quais são algumas características especiais da comunidade pactual e de seus habitantes?

Resposta: Os professores da comunidade se caracterizam por um desejo de compartilhar "não somente o evangelho de Deus, mas, igualmente, a própria vida" (1Ts 2.8). Eles estão cientes de que eles, assim como os seus alunos, precisam lutar contra a sua inclinação para o egocentrismo e crescer em sabedoria, maturidade e graça para com Deus e os homens. A comunidade é um lugar seguro e pacífico onde os que amam a Deus "brilham com o sol quando se levanta no seu esplendor" (Jz 5.31), e, então, saem para ser sal e luz da cultura para a glória da coroa e da aliança de Cristo.

Tornando-se um guardador da aliança

Medite sobre a influência de Loide, Eunice e Paulo na vida de Timóteo. Você teve professores que exerceram um impacto semelhante na sua vida? Faça uma lista das coisas que eles fizeram. Você está fazendo o mesmo por alguma outra pessoa?

Leia novamente as características do professor e ore pedindo a Deus que as tornem evidentes na sua vida. Escreva uma reflexão ou consideração que lhe tenha ocorrido sobre cada uma dessas características.

Leia Juízes 4 e 5. Quais são algumas características da vida da comunidade na sua igreja? Prepare uma lista de coisas que a sua família ou a sua classe poderia fazer para promover a vida de aldeia.

Projeto de educação cristã

Recrutar, treinar e manter professores é uma responsabilidade primordial da Comissão de Educação Cristã. Essa tarefa merece um estudo cuidadoso. Você pode ter espaço, currículo inadequados e bons professores e os alunos serão abençoados. O inverso também é verdadeiro.

Recrutamento de professores

A Comissão de Educação Cristã, ou qualquer pessoa encarregada desse recrutamento, deve passar muito tempo em oração antes de pedir a alguém que assuma um posto de ensino. Deve haver uma descrição por escrito da tarefa a ser assumida, incluindo os padrões doutrinários da igreja, o propósito do programa, as expectativas do professor, o período de tempo que a pessoa deverá ensinar, materiais curriculares que deverão ser usados, a quem o professor deve se reportar, treinamento ou outro tipo de apoio que será oferecido, e qualquer outra informação necessária.

Ao abordar alguém com o convite para ensinar, escolha um momento em que você não está apressado nem será interrompido. Diga à pessoa que a sua comissão orou a respeito e gostaria que ele ou ela considerasse o convite. Dê ao professor em perspectiva uma cópia da descrição da tarefa e peça-lhe que ore durante uma semana antes de responder. Marque uma hora na qual você poderá entrar em contato para saber a resposta. Assegure ao futuro professor que a comissão também estará orando durante essa semana. Outra abordagem possível é enviar uma carta com a descrição da tarefa e marcar um dia em que você possa telefonar e receber a resposta.

Treinamento de Professores

O treinamento de professores deve equipá-los para a tarefa. Este treinamento deveria incluir uma visão geral da igreja e do programa da CEC, assim como todas as questões estudadas neste livro. Além disso, deve haver material e treinamento específico para o grupo etário com o qual o professor vai trabalhar,

possivelmente chamar alguém capacitado em educação para falar sobre as características das diferentes faixas etárias.

Os professores devem ser estimulados a estabelecer um propósito. Encoraje-os a formular, em oração, um “objetivo do grupo” para a sua classe, escolhendo pelo menos um projeto para ser cumprido. Por exemplo, os alunos do Jardim da Infância aprenderão a orar uns pelos outros, a classe de jovens alcançará uma compreensão mais profunda da comunidade da aliança envolvendo-se em ministérios para crianças pequenas ou para os idosos. A classe de adultos (“acima dos 40”) compreenderá as implicações de um ministério de compaixão pactual e se envolverá num ministério de assistência aos pobres.

Quando os professores têm essa noção de propósito, as suas lições devem ser orientadas nesse sentido. Ao preparar cada lição, os professores podem examinar os objetivos estabelecidos no currículo e adaptá-los aos seus alunos e ao propósito geral da classe. O treinamento deve enfatizar o fato de que o professor não está ensinando lições individuais. Cada lição deve ajudar os alunos a avançar em direção a uma compreensão e aplicação mais profundas da Palavra de Deus. Ter projetos específicos de longo alcance ajuda o professor a manter o foco.

Incentive os professores a lembrar continuamente que eles devem ajudar os seus alunos a desenvolver uma visão de mundo bíblica que determine como pensar e como agir.

Encoraje-os, também, a estabelecer objetivos pessoais. O que eles esperam, em oração, que aconteça em suas próprias vidas e que os ajude a tornarem-se mais maduros em Cristo como resultado dessa experiência de ensino?

Manutenção dos Professores

Uma vez recrutados e treinados, os professores devem receber incentivo e apoio contínuos. Alguém deve ser responsável por “cuidar” dos professores. Aqui estão algumas sugestões para isso:

Empossе os professores durante o culto.

Ore pelos professores durante o culto.

De vez em quando, chame um aluno ou um pai para dar um testemunho sobre a influência exercida por algum professor.

Convoque reuniões de professores para treinamento, compartilhamento e oração. Faça com que estas se tornem ocasiões de alegria e de estreitamento de relações de modo que a comunhão seja cultivada na equipe de professores.

Envie freqüentemente um cartão de apreciação e informação para ter certeza de que os professores se sentem envolvidos e comprometidos.

Institua um “Mês de Apreciação aos Professores”, durante o qual a congregação como um todo terá oportunidade de expressar a sua apreciação não só pelos professores atuais, mas também pelos antigos.

Ofereça aos professores um Jantar de Reconhecimento e Apoio.

Recrute um parceiro de oração para cada professor. Este pode ser, inclusive, um membro da igreja que esteja confinado ao lar.

Assegure-se de que os professores receberam o material necessário para suas aulas. Um armário bem suprido é essencial.

Assegure-se de que existem normas claras para questões de disciplina, de maneira que o professor não fique em dúvida sobre como proceder. Os pais também devem conhecer essas normas para que o professor não seja colocado numa posição desagradável.

Nota

* Este é o Rob Patete que escreveu a história sobre Penny no início deste capítulo.

9



Pela coroa e aliança de Cristo



Vivendo e ensinando no contexto da aliança

Uma professora da escola dominical

Eu não tive o privilégio de crescer num lar cristão, mas os meus pais eram pessoas de moral muito elevada e desejavam que seus filhos freqüentassem a igreja. Todas as semanas, desde que eu estava no segundo ano primário, minha mãe fielmente nos levava à Escola Dominical, embora ela mesma não a freqüentasse. No processo de escolher uma igreja para nós, os meus pais escolheram uma que ficava vizinha da casa de minha avó. Era fácil para minha mãe nos deixar na porta da igreja e, quando terminava a Escola Dominical, nós íamos a pé para a casa da vovó. Do ponto de vista dos meus pais, a decisão foi tomada com base na conveniência. Na providência soberana de Deus, a Igreja Presbiteriana da Trindade, em Montgomery, Alabama, era conhecida pelo seu ensino vigoroso e biblicamente embasado e pelos seus excelentes professores.

Ainda me lembro do meu primeiro dia da Escola Dominical e da professora que apresentou uma lição no flanelógrafo. Lembro-me do seu carinho e da cordialidade para com as meninas do segundo ano primário e do entusiasmo com o qual ela apresentou a lição. Essa foi a primeira vez na vida que ouvi o nome de Jesus.

No quarto ano primário, a minha professora foi a Sra. Peggy Joseph. Essa senhora causou um profundo impacto na minha vida. Ela investiu em mim muito mais do que apenas o período da sala de aula. Encorajou-me a participar com ela de várias atividades apropriadas para a minha idade. Por causa de seus convites pude freqüentar a Escola Bíblica de Férias e o Clube das Boas Novas. Fui promovida de sua classe, mas, evidentemente, não de seu coração. Nos anos seguintes, ela continuou a conferir o meu crescimento não só por meio das classes e atividades da igreja, mas também por meio de telefonemas pessoais. Nos últimos anos do primeiro grau, pude participar de muitos retiros e acampamentos, assim como reuniões do grupo da mocidade porque ela telefonou

para a minha mãe para lhe dizer que isso seria muito bom para mim.

Durante o curso secundário, fui muitas vezes convidada para almoçar ou jantar na casa da Sra. Joseph, ou apenas para me divertir com os seus filhos. Como tinha três filhos, ela carinhosamente me chamava de sua filha. Quando estava na casa dela, eu percebia as diferenças no modo de vida de uma família cristã. Eu observava a obediência imediata aos pais, a oração antes das refeições e a leitura bíblica familiar. Por causa da convivência no seu lar e do estilo de vida de sua família, decidi, naquela ocasião, que eu desejava ter um lar cristão.

Recebi a Cristo como meu Salvador durante um acampamento de verão antes do início da oitava série. Um de seus filhos contou a ela a respeito do meu compromisso com o Senhor. Eu me lembro da conversa que tivemos na qual ela me falou da importância da oração e da leitura bíblica. Ao longo do período do segundo grau, ela continuou a me amar e incentivar. Ela orava pelos meus pais e meus irmãos, todos os quais, finalmente se converteram.

Depois de terminar o segundo grau, freqüentei uma faculdade cristã e recebi um diploma em Educação Cristã. Meu marido e eu temos nove filhos, os quais nós educamos e instruímos em casa.* Muitos dos princípios que vi praticados no lar da Sra. Joseph são vividos, hoje em dia, no nosso lar. Tenho paixão por ensinar aos meus filhos, assim como às crianças na igreja.

Depois de vinte anos, retornei à minha igreja-mãe para fazer uma palestra para os professores da Escola Dominical. Foi uma ocasião de introspecção e reflexão para mim. A Sra. Joseph estava presente. Muito ao seu estilo, ela me enviou uma carta na semana seguinte dizendo-me que havia sido abençoada pela minha apresentação.

A Sra. Joseph ainda ensina uma classe de crianças da quarta série na Escola Dominical, e tenho certeza de que ela continua a exercer um impacto duradouro nas vidas das crianças que Deus lhe confia.

Priscilla Stewart,

Montgomery, Alabama

Nota

* O ensino em domicílio é uma prática atual crescente nos lares norte-americanos (N.T.).

Pela coroa e aliança de Cristo

Há muitos anos atrás, quando ensinei numa classe de Jardim da Infância, as crianças me chamavam de “professora”. Todos os dias eu lhes dizia o meu nome. Levou várias semanas para que algumas delas se lembrassem. Sinto muito haver me preocupado com isso. Os professores gozam de uma alta reputação, tanto quanto o papai e a mamãe.

Aparentemente, Jesus também apreciava esse tratamento. Seus discípulos freqüentemente o chamavam “mestre”. Depois da ascensão de Jesus, dois de seus discípulos foram presos por pregarem que ele estava vivo. Quando Pedro e João se levantaram diante dos líderes religiosos, mostraram-se destemidos em seu testemunho. A reação das autoridades, dos anciãos e dos professores da lei foi notável: “Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se e reconheceram que haviam eles estado com Jesus” (At 4.13).

Exatamente aquilo que os líderes religiosos notaram a respeito de Pedro e João (que eles haviam estado com Jesus), havia sido a estratégia de ensino de Jesus desde o princípio. Lemos que, quando ele chamou os discípulos, “designou doze, para estarem com ele e para os enviar a pregar” (Mc 3.14).

É assim que as coisas funcionam. O relacionamento (que eles estejam com ele) precede a tarefa (os envia a pregar). O relacionamento dá confiança e coragem para a tarefa.

Ele designou doze para estarem com ele. Outra vez vemos a promessa da aliança: Eu serei o Deus de vocês e vocês serão o meu povo. Eu habitarei com vocês. A dádiva de viver na sua presença, de estar com ele, é uma provisão da graça pactual. É sua presença que nos distingue de todos os outros povos da terra (Êx 33.16). Ela certamente distinguiu Pedro e João.

Os líderes religiosos ficaram admirados porque Pedro e João eram homens incultos e simples. Jesus não procurou o melhor e o mais brilhante. Ele tomou os humildes e os desinteressantes e os transformou nos melhores e mais brilhantes. Tomou os medrosos e os transformou em corajosos e destemidos. Chamou os

covardes e os fez confiantes. Chamou até mesmo um negador e o transformou num defensor. Homens incultos e simples foram transformados em apologistas confiantes e audaciosos porque estiveram com Jesus.

Quando Pedro e João se levantaram diante dos líderes religiosos, eles não experimentaram um surto de corajosa autoconfiança. Eles confiaram no conhecimento e no relacionamento que tinham com o Rei da Glória. A confiança destemida deles estava na graça pactual de Deus e em sua soberana capacidade de manter a promessa da aliança. Foram a coroa e a aliança de Cristo que lhes conferiram poder e coragem.

Nosso ensino deve confrontar os nossos alunos com os direitos da coroa de Cristo sobre eles e com o amor pactual de Jesus para redimi-los. Esse é o único poder que será capaz de transformá-los de humildes e desinteressantes nos melhores e mais brilhantes, que "resplandecerão como o fulgor do firmamento... como as estrelas, sempre e eternamente" (Dn 12.3). Essa é a única coisa que lhes conferirá coragem e poder para continuar até o fim de maneira que poderão dizer como Paulo: "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé" (2Tm 4.7).

Do pior para o primeiro

Em 1991 a equipe de beisebol Atlanta Braves tornou-se conhecida como o "Milagre Braves" porque os jogadores foram "do pior para o primeiro". Em 1990 os Braves eram os últimos colocados em sua liga. Em 1991 eles ganharam o campeonato nacional. Nesse sucesso, houve a influência de um psicólogo especialista em esportes.

Quando o lançador John Smoltz estava enfrentando dificuldades, o psicólogo fez um videoteipe dele lançando uma bola rápida perfeita, uma bola curva perfeita, enfim, uma bola perfeita qualquer que seja o nome que se dê a isso. Repetidas vezes, dia após dia, Smoltz reviu o vídeo. Então, quando sentia dificuldades durante o jogo, ele repassava o vídeo na sua mente. A visualização de um lançamento perfeito o ajudava no jogo.

Smotz tinha a técnica e a capacidade, mas precisava da confiança para acreditar que podia rebater a bola numa situação difícil. O problema não era competência, mas sim confiança. O psicólogo forneceu a base para o desenvolvimento da confiança e Smoltz liderou os Braves para disputar o campeonato nacional.

Um mestre da verdade faz mais do que transmitir informação. Ele ou ela vê seus alunos como “feitura dele (de Deus), criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.10). Esse professor não enxerga apenas o que seus alunos são, ele vê o que eles podem ser no poder da graça. Se os nossos alunos são cristãos, eles são herdeiros da aliança, e, portanto, competentes para fazer as boas obras que Deus preparou de antemão para que eles realizassem. Eles possuem o próprio Espírito de Deus habitando neles. Nossa tarefa é desenvolver a confiança deles, não em si mesmos, mas em Cristo.

Podemos aprender algo com o psicólogo que providenciou a base para o crescimento da confiança de John Smoltz. Ele repassou o vídeo repetidas vezes. Ele mostrou a Smoltz o que um lançador pode ser e fazer. Precisamos conservar a coroa e a aliança de Cristo constantemente diante dos nossos alunos. Devemos mostrar-lhes o que eles podem ser e fazer por meio de Cristo. Devemos repetir essa mensagem diante deles em todas as lições e mediante o exemplo da nossa vida, ou eles se desviarão para uma obediência baseada em realização e não para uma obediência fortalecida pela graça. A obediência baseada no esforço próprio sempre errará o alvo. É o milagre da graça que transforma os nossos alunos.

“E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem. Como pelo Senhor, o Espírito” (2Co 3.18). É a graça que capacita os nossos alunos a “... desembaraçar-se de todo o peso e do pecado que tenazmente nos assedia e correr com perseverança a carreira que nos está proposta” (Hb 12.1).

De órfã a rainha

No Antigo Testamento lemos a história de Ester, uma jovem judia que se tornou

rainha da Pérsia e foi usada por Deus para salvar o seu povo da aniquilação, um formidável exemplo de obediência. Sua afirmação clássica, que tem servido de inspiração para muitos através dos séculos foi: “depois irei ter com o rei... se perecer, pereci” (Et 4.16). Penso, no entanto, que freqüentemente ficamos tão maravilhados com Ester que não damos a devida atenção ao resto da história.

Essa é uma história sobre a graça soberana. É a história de um professor que confrontou a sua aluna com os direitos reais de Javé e com a sua aliança da graça para redimir o seu povo.

Mordecai, o primo de Ester era um excelente professor. Quando Ester se tornou rainha da Pérsia, e o perverso Hamã persuadiu o marido dela a publicar um decreto exigindo que todos os judeus fossem mortos, Mordecai pediu a Ester que assumisse a responsabilidade de ser a advogada de seu povo diante do rei. Mordecai amava Ester. Pedir a ela que assumisse esse risco deve ter sido uma decisão muito difícil. Mas ela estava ocupando a posição mais estratégica possível para ser usada na crise que o povo estava enfrentando, e Mordecai deve ter reconhecido esse fato como um plano providencial de Deus.

Observe a estratégia de Mordecai em seu apelo a Ester.

Primeiro, o seu apelo não foi feito num vácuo. Ele foi apresentado no contexto de um relacionamento de cuidado e afeição. Sua entrada na vida de Ester não ocorreu repentinamente quando o povo judeu estava sendo ameaçado. Ao contrário, “Tendo lhe morrido o pai e a mãe, Mordecai a tomara por filha” (Et 2.7). Ele recebeu a pequena órfã, amou-a como sua própria filha e investiu de modo significativo na vida dela.

Segundo, quando Ester foi levada para o harém do rei, Mordecai não a abandonou. “Passeava Mordecai todos os dias diante do átrio da casa das mulheres, para se informar de como passava Ester e do que lhe sucederia” (Et 2.11).

Terceiro, durante todo tempo que Ester viveu em sua casa, Mordecai a instruiu fielmente. Ester confiava nessa instrução e a colocou em prática quando foi levada para o harém do rei.“Ester não havia declarado ainda a sua linhagem e o seu povo, como Mordecai lhe ordenara, porque Ester cumpria o mandado de Mordecai como quando a criava” (Et 2.20).

Não havia vácuo nem de relacionamento nem de informação. Ele ensinou o

conteúdo da aliança num contexto de amor pactual.

Quando a crise aconteceu e Mordecai apelou para Ester, ela, muito compreensivelmente, hesitou. Os riscos eram altos. Mordecai insistiu. Seu desafio revela a sua perspectiva pactual. “Então lhes disse Mordecai que respondessem a Ester: Não imagines que, por estares na casa do rei, só tu escaparás entre todos os judeus. Porque, se de todo te calares agora, de outra parte se levantará para os judeus socorro e livramento, mas tu e a casa de teu pai perecereis; e quem sabe se para conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?” (Et 4.13,14).

Com freqüência assumimos que a força do seu desafio está na expressão “... e quem sabe se para conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?” Mas creio que as palavras que promoveram confiança estão na sentença que precede essa magnífica conclusão: “Porque, se de todo te calares agora, de outra parte se levantará para os judeus, socorro e livramento...”

A libertação se levantará – essa é a árvore (a mensagem redentora). Todas as outras pessoas e acontecimentos são as pinhas (veja o Capítulo 3). Isso não tem a ver com Ester. Refere-se a um Rei soberano que cumpre a sua promessa de redimir os herdeiros da aliança.

A libertação se levantará – com ou sem Ester.

O que fazia com que Mordecai demonstrasse tal segurança?

O que levava o apóstolo Paulo a fazer a mesma alegação quando, da prisão, enquanto esperava para ser executado ele escreveu a Timóteo: “O Senhor me livrará também de toda obra maligna e me levará salvo para seu reino celestial”? (2 Tm 4.18).

Como eles podiam demonstrar tanta confiança?

Porque tinham conhecimento do fogareiro fumegante.

Da crença à confiança

Gênesis 15 é a expressão-chave sobre a confiança para combater o bom combate, terminar a carreira e guardar a fé.

Já havia anos desde que Deus aparecera a Abraão e lhe prometera um herdeiro. E Abraão ainda não tinha filhos. Um filho era um elemento essencial para a promessa da aliança. Abraão e Sara já estavam fisicamente impossibilitados de ter um filho; portanto, o patriarca entendeu que o filho de seu servo receberia a herança. Deus falou novamente com ele e lhe deu uma incrível lição prática. Deus lhe disse para sair e olhar as estrelas. “A isto respondeu-lhe logo o Senhor dizendo: Não será esse o teu herdeiro, mas aquele que será gerado de ti será o teu herdeiro. Então conduziu-o até fora e disse: Olha para o céu e conta as estrelas, se é que podes. E lhe disse: Será assim a tua posteridade. Ele creu no Senhor e isto lhe foi imputado para justiça” (Gn 15.4-6).

Abraão creu a despeito da impossibilidade humana, mas fez a mesma pergunta que Ester deve ter feito no fundo do seu coração. Mordecai e Paulo também devem ter perguntado o mesmo. É a pergunta que todos nós fazemos. “Perguntou-lhe Abraão: Senhor Deus, como saberei que hei de possuí-la?” (Gn 15.8).

Eu creio, mas como posso saber com certeza? Foi a resposta de Deus que levou Abraão da crença para uma sólida confiança. Essa confiança foi demonstrada mais tarde quando ele obedeceu à ordem de Deus, tomou nos braços o filho prometido para colocá-lo sobre o altar e respondeu à pergunta do menino sobre onde conseguiriam o cordeiro para o sacrifício com as seguintes palavras: “Deus proverá para si...” (Gn 22.8).

Foi a resposta de Deus a essa pergunta que deu a Mordecai a confiança para dizer: “de outra parte se levantará para os judeus socorro e livramento...”

Foi também a resposta de Deus a essa pergunta que conferiu a Paulo a certeza e a confiança para escrever: “O Senhor me livrará também de toda a obra maligna e me levará salvo para o seu reino celestial” (2Tm 4.18).

E é ainda a mesma resposta de Deus a essa pergunta que nos dará, a nós e aos nossos alunos, a confiança para combater o bom combate, terminar a carreira e guardar a fé.

Respondeu-lhe: toma-me uma novilha, uma cabra e um cordeiro, cada qual de três anos, uma rola e um pombinho.

Ele, tomando todos estes animais partiu-os pelo meio e lhes pôs em ordem as metades, umas defronte das outras...

Ao pôr-do-sol, caiu profundo sono sobre Abrão, e grande pavor e cerradas trevas o acometeram... E sucedeu que, posto o sol, houve densas trevas; e eis um fogareiro fumegante e uma tocha de fogo que passou entre aqueles pedaços.

Naquele mesmo dia fez o Senhor aliança com Abrão, dizendo: À tua descendência dei esta terra desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates...”

Gênesis 15.9ss.

O fogareiro fumegante e a tocha de fogo são símbolos da presença de Deus. “Ao passar entre os pedaços dos animais (o que significa a punição que é devida àqueles que quebram a aliança), Deus invoca maldição sobre si mesmo se falhar em manter a sua aliança. Porque ele não pode jurar em nome de uma autoridade maior, Deus jurou por si mesmo que manteria os termos da aliança.”1

Passar entre as partes de animais sacrificados era um ritual comum naquela cultura. Nessa extraordinária passagem, o Rei da Glória nos garante que se ele quebrasse a sua promessa pactual, ele se destruiria.

Socorro e livramento se levantarão; o Senhor nos resgatará e nos levará para o seu reino celeste, porque ele prometeu isso. Ele está preso ao seu juramento. Se deixar de cumprir a sua promessa ele se destruirá. A nossa confiança não tem nada ver conosco. Ela tem tudo a ver com Deus.

Cuidado: Não devemos restringir a nossa compreensão de socorro e livramento ao plano terreno ou às nossas circunstâncias externas.

De volta à Pérsia

Quando a ameaça de aniquilação surgiu, Mordecai podia afirmar com confiante certeza que a libertação viria. Mordecai pronunciou palavras que fizeram Ester se lembrar daquilo que ele mesmo lhe havia ensinado sobre o caráter das promessas de Javé. Observe a sabedoria do seu apelo.

Quanto Ester hesitou, ele não a arrasou repreendendo-a: “Se você fosse realmente fiel não hesitaria em assumir a sua responsabilidade”.

Também não recorreu ao sentimento de culpa: “Eu fiz tudo por você – você me deve isto”.

Também não tentou criar uma falsa confiança centralizando-se nos dotes, nos talentos ou circunstâncias pessoais dela: “Ester, você é tão brilhante e amada. Você pode fazer isto!”

Ao contrário, ele lembrou a ela a sua identidade como filha da aliança.

“Não imagines que, por estares na casa do rei, só tu escaparás de todos os judeus.”

Ele lembrou a ela da fidelidade de Deus para com o seu povo da aliança.

“Porque, se de todo de calares agora, de outra parte se levantará para os judeus socorro e livramento...”

Ela a confrontou com as terríveis conseqüências de romper ou quebrar a aliança.

“...mas tu e a casa de teu pai perecereis.”

Ele lembrou a ela, ainda, a providência de Deus na sua vida e que aquela talvez fosse uma boa obra que Deus havia preparado de antemão para que ela a fizesse.

“E quem sabe para conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?”

Ester 4.13,14

As boas obras para as quais nossos alunos foram criados e redimidos são impossíveis à parte da graça. De modo algum Mordecai pretendeu indicar que esse era um ato de obediência realizável. Ele sabiamente compreendeu que a esmagadora importância e urgência da situação estavam além das possibilidades e dos recursos pessoais de Ester. Mordecai centralizou a atenção de Ester na pessoa e nas promessas de Deus. Sua confiança em Deus cresceu e se fortaleceu e a resposta imediata da jovem rainha foi agir pactualmente.

Então disse Ester que respondessem a Mordecai: Vai, ajunta a todos os judeus que se acharem em Susã, e jejuai por mim, e não comais, nem bebais por três dias, nem de noite nem de dia; eu e as minhas servas também jejuaremos. Depois, irei ter com o rei, ainda que é contra a lei; se perecer, pereci.

Ester 4.15,16

Ele a tinha instruído bem. Ela não agiu independentemente, mas lembrou-se de que fazia parte da comunidade da aliança. Ester requisitou o apoio de sua

comunidade enquanto se preparava para apresentar-se diante do rei em favor do seu povo.

“Se perecer, pereci” não são palavras de nobre resignação. São a expressão de confiante esperança e abandono de si mesma à coroa e aliança de Cristo. Se ela perecesse nesta vida, ela viveria na eternidade. Tudo o que Deus faz é bom, porque ele é bom.

Os acontecimentos sofreram uma reviravolta extraordinária. O rei concedeu a Ester a posição de Hamã e, então, disse a Ester e a Mordecai:

Escrevei, pois, aos judeus, como bem vos parecer, e selai-o com o anel do rei; porque os decretos feitos em nome do rei e que com seu anel se selam não se podem revogar... Então, Mordecai saiu da presença do rei com veste real azul celeste e branco, como também com grande coroa de ouro e manto de linho fino e púrpura... Mordecai era grande na casa do rei, e a sua fama crescia por todas as províncias; pois ele se ia tornando mais e mais poderoso.

Ester 8.8,15; 9.4

Essa é uma crise diferente. É nessa situação que caímos com maior freqüência. Em muitos aspectos, foi aí que Mordecai ensinou a sua lição mais importante. Uma coisa é ser dependente da graça de Deus quando estamos em perigo. Outra coisa é nos apegar à graça quando somos bem-sucedidos.

Poder e prestígio não dobraram Mordecai. Glamour e brilho não o abalaram. Ele não procurou aplauso para si mesmo. Ele não se deleitou nem se extasiou com a glória. Rapidamente Mordecai tomou providências no sentido de que o povo se lembrasse de que a fidelidade pactual de Deus é que os havia livrado, dando-lhes descanso e alívio de seus inimigos.

Mordecai escreveu estas coisas e enviou cartas a todos os judeus que se achavam

em todas as províncias do rei Assuero, aos de perto e aos de longe, ordenando-lhes que comemorassem o dia catorze do mês de adar e o dia quinze do mesmo, todos os anos, como os dias em que os judeus tiveram sossego de seus inimigos, e o mês que se lhes mudou de tristeza em alegria, e de luto em dia de festa; para que os fizessem dias de banquetes e de alegria, e de mandarem porções dos banquetes uns aos outros e dádivas aos pobres... Por isso àqueles dias chamam Purim, do nome Pur. Daí, por causa de todas as palavras daquela carta, e do que testemunharam, e do que lhes havia sucedido, determinaram os judeus e tomaram sobre si, sobre sua descendência e sobre todos os que se chegassem a eles que não se deixaria de comemorar estes dois dias segundo o que se escrevera deles e segundo o seu tempo marcado, todos os anos; e que estes dias seriam lembrados e comemorados geração após geração, por todas as famílias, em todas as províncias e em todas as cidades, e que estes dias de Purim jamais caducariam entre os judeus, e que a memória deles jamais se extinguiria entre seus descendentes.

Então a rainha Ester... e o judeu Mordecai escreveram com toda autoridade segunda vez, para confirmar a carta de Purim. Expediram cartas a todos os judeus, às cento e vinte e sete províncias do reino de Assuero, com palavras amigáveis e sinceras, para confirmar estes dias de Purim nos seus tempos determinados, como o judeu Mordecai e a rainha Éster lhes tinham estabelecido, e como eles mesmos já o tinham estabelecido sobre si e sobre sua descendência, acerca do jejum e do lamento.

Ester 9.20-31

Vestimentas reais e proeminências palacianas são como campos minados. O orgulho, a independência, a autopromoção e a ganância por mais poder e influência podem explodir na nossa alma. Devemos caminhar cuidadosamente e em oração se, eventualmente, formos colocados por Deus nessas posições. Devemos também nos lembrar que foi ele quem nos colocou lá, e pode nos tirar dessas posições a qualquer momento. Não estamos lá porque merecemos, mas sim para servir aos seus propósitos. Aparentemente, Mordecai lembrou-se e envolveu a sua jovem aluna no processo de ensinar ao povo que a libertação tinha vindo de Deus e Deus deveria ser louvado.

Mordecai era verdadeiramente um professor da aliança. Quando Ester foi morar na casa dele, ele não tinha a mínima noção de que ela representaria um papel de tão extrema importância na história dos judeus, mas talvez ele tenha reconhecido a situação como uma oportunidade dada por Deus de investir naquela criança. Em vez de considerá-la como uma intrusa e um fardo, talvez ele tenha tido uma visão de Ester sendo usada para servir a Deus. Ele ensinou a ela qual era a sua herança e as promessas que Deus havia feito ao se povo. Talvez ele a tenha visto como feitura de Deus, criada para um propósito específico em seu plano soberano. Talvez ele a tenha ajudado a visualizar-se como alguém que responderia obedientemente à fidelidade de Deus, quaisquer que fossem as circunstâncias. Então, quando a crise chegou, ela repassou o vídeo e fez a jogada certa. Ela combateu o bom combate e guardou a fé.

Os mestres precisam ter uma visão de seus alunos como aqueles que servem ao Senhor Deus de modo confiante e corajoso. Precisamos desafiá-los a uma vida de serviço, mas, ao mesmo tempo, não devemos apresentar esse desafio no vácuo. É necessário estarmos dispostos a fazer o investimento, instruir com fidelidade, cuidar e nutrir e, então, fazer soar a clarinada convocando-os à obediência. Porém, não podemos nunca falar sobre obediência à parte da graça de Deus que nos capacita a obedecer. O Rei nos chama para estar com ele (a graça pactual) e então nos envia para praticar as boas obras que ele mesmo de antemão preparou para nós.

Haverá hoje alguns Mordecais dispostos a fazer investimentos de longo prazo na vida de seus alunos? O que possivelmente nos motivaria a assumir a responsabilidade e investir sacrificalmente nos nossos alunos?

Mestres de longa distância

Alguns anos atrás, eu deparei com uma muralha na minha intenção de investir na vida dos meus alunos. Sentia-me cansada. Eles se mostravam pouco responsivos. Eu me perguntava seriamente a respeito da sabedoria de me gastar trabalhando com pessoas indiferentes. Antes de desistir completamente, procurei a Bíblia. Eis o que aprendi.

Algumas horas antes de ser crucificado, Jesus lavou os pés dos seus discípulos (Jo 13). Depois da ressurreição, ele preparou um café da manhã para eles. O Mestre-Rei os serviu, inclusive àquele que o havia negado. Na realidade ele demonstrou um cuidado especial na recuperação de Pedro.

Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros? Ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Ele lhe disse: Apascenta os meus cordeiros.

Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu me amas? Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Pastoreia as minhas ovelhas.

Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu me amas? Pedro entristeceu-se por ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu me amas? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo. Jesus lhe disse apascenta as minhas ovelhas.

João 21.15-17

Nós demonstramos o nosso amor por Jesus ao nutrir e cuidar de suas ovelhas. Algumas vezes, as ovelhas são sujas, teimosas, resistentes e rebeldes. Não as alimentamos porque são bonitas e amáveis. Nós o fazemos porque amamos a Jesus. Essa é a nossa vocação.

Porém, muitas vezes o nosso amor por Jesus não é suficientemente forte para nos manter no trabalho. Entristece-me escrever isso, mas é a verdade. O chamado para nutrir as ovelhas por causa de meu amor por Jesus leva-me à necessidade da graça. Paulo deve ter se sentido assim quando definiu a força motivadora da sua vida: “Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram” (2Co 5.14).

Não há nada em nós ou nos nossos alunos que nos possa compelir a cruzar a linha de chegada. Precisamos voltar continuamente à cruz e beber profusamente

da graça. Devemos pregar o evangelho diariamente para nós mesmos. Precisamos meditar sobre o maravilhoso e imerecido amor de Jesus pelos pecadores, dos quais eu sou o principal. Quando o fogareiro fumegante passou entre os pedaços dos animais, Deus jurou por si mesmo cumprir os termos da aliança. Ele manteve esses termos quando Jesus foi pendurado na cruz. Não podemos nem tentar imaginar a agonia do Pai e do Filho quando foram arrancados um do outro porque o Filho foi coberto pelos nossos pecados. Mas a ressurreição é a prova de que o pagamento foi suficiente. Os termos foram cumpridos. A nossa redenção está assegurada. Vivemos na presença dele.

Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.

Hebreus 4.14-16

A coroa e aliança de Cristo nos compelem a cuidar de suas ovelhas e podemos ir confiantemente ao seu trono de graça para continuar cumprindo o nosso chamado.

Ensina os meus filhos

Em 1907, uma jovem mãe moribunda sentiu um desejo especial em relação aos seus filhos. Ela viajou de trem até Columbus, Mississippi, levando um bebê e duas outras crianças pequenas. A Sra. William Frierson, diretora e esposa do superintendente do Palmer Home for Children (Lar Palmer para Crianças),

esperava pelo trem. A Sra. Frierson relatou a sua emoção ao ver a figura frágil da mãe doente carregando o seu nenê que chorava e os outros dois pequenos agarrados à sua saia: “Meu coração veio até a boca, e por um momento senti que iria sucumbir num mar de lágrimas”. As palavras de despedida da jovem mãe à Sra. Frierson estão indelevelmente gravadas na consciência do Lar Palmer: “Ensinem meus filhos a me encontrar no céu”.

O Dr. Ed Waldron, diretor do Lar Palmer para Crianças escreve:

Aquelas palavras se tornaram o moto do Lar Palmer, o nosso brado de convocação para a missão. Ao pensarmos sobre elas, sentimos que elas representam uma incumbência absolutamente abrangente – ensinem os meus filhos a viver, ensinem-nos a morrer, ensinem-nos a encontrar o Senhor.

No entanto, apesar de toda a sua tocante comoção, a maioria de nós consideraria que a tarefa do Lar Palmer para com essas crianças já estaria terminada há cerca de oitenta anos. Portanto, podem imaginar a minha absoluta surpresa ao receber uma carta da nora de uma daquelas crianças!

A pequenina que se agarrava ao vestido de sua mãe é hoje uma senhora de 95 anos internada num lar para idosos em New Jersey. Mas a nora escreveu-nos para agradecer pela sólida instrução e orientação de vida que a sua sogra havia recebido no Lar Palmer. Segundo as suas palavras, ela não conseguia nem sequer começar a nos contar o impacto provocado por essa piedosa mulher na sua própria vida, na vida do seu marido, dos seus filhos e, agora na vida dos seus netos... Um investimento estratégico na vida de uma criança tão pequena vivendo uma situação de necessidade desesperadora mudou a vida dessa menina para melhor... mudou um casamento, na realidade, mudou a história de uma família já agora na sua quarta geração.2

Muitos têm combatido o bom combate e guardado a fé porque uma jovem mãe sabia que a única coisa que importava era encontrar alguém que ensinasse a seus filhos a encontrá-la no céu, e havia pessoas dispostas a ensiná-los sobre o Rei da Glória que entrou numa aliança de graça para salvar um povo que viverá com ele por toda a eternidade.

O Dr. Edmund P. Clowney escreveu um hino que certamente expressa os sentimentos que essa jovem mãe e a Sra. Frierson devem ter experimentado. Talvez ele expresse também os sentimentos de Mordecai quando recebeu a pequena órfã no seu lar.

Em teus braços, Senhor Jesus, as crianças encontram um lugar

Levadas a ti para sentirem o teu toque, Senhor, abençoa-as com a tua graça.

Salvador, sobre estes pequeninos firma o chamado de teu Pai; sela-os como seus filhos, Jesus, dá-lhes o teu nome.

Purifica-os, Senhor, na fonte franqueada pelos nossos pecados;

Nós os batizamos com o símbolo da água, são teus para purificar-lhes o coração.

Teus eles são, nossa herança, concedida por teu amor;

Filhos da tua promessa, Salvador, envia a pomba do teu Espírito.

Ensina-nos, Senhor, a ensinar os teus filhos; guia-nos enquanto os guiamos. Conduz estes pequeninos para que te conheçam, cheios de alegria ao teu lado.3

Ponto central

A confiança para combater o bom combate e guardar a fé baseia-se no caráter e

na promessa de Deus.

Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo, dizendo: Certamente te abençoarei e te multiplicarei.

... Por isso, Deus, quando quis mostrar mais firmemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu propósito, se interpôs com juramento,

Para que, mediante duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, forte alento tenhamos nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta; a qual temos por âncora da alma, segura e firme e que penetra além do véu.

Hebreus 6.13-19

No final do século 4º. a.C., a nação judaica estava em grande perigo. Mordecai relembrou à sua aluna o caráter e a promessa de Deus. Ester apropriou-se da esperança a qual se tornou a âncora de sua alma e confiantemente avançou e serviu ao seu Deus sendo a advogada de seu povo perante o rei. O livramento é celebrado até hoje na comunidade judaica na festa do Purim.

Agora, ao nos aproximamos do final do século 20, a igreja está sob ataque. Será que os nossos alunos marcharão confiantemente para unirem-se sob o estandarte da coroa e da aliança de Cristo de sorte que as futuras gerações possam celebrar o livramento de Deus?

Há professores dispostos a preparar os herdeiros da aliança para um tempo semelhante?

Nós devemos estar – pela coroa e aliança de Cristo.



Pergunta: Por que vivemos e ensinamos pactualmente?

Resposta: Por causa dos direitos soberanos do Rei Jesus sobre toda a criação e porque a sua aliança de graça nos comprou para ele mesmo.

Pergunta: Como podemos desenvolver em nossos alunos a atitude confiante que os fará combater o bom combate, terminar a carreira e guardar a fé?

Resposta: Indicando-lhes a fidelidade de Deus à sua promessa pactual e ensinando-os a depender de sua graça para obedecer aos seus mandamentos. Devemos ensiná-los a estar com Cristo – viver na sua presença – de modo que possam executar as boas obras que ele mesmo criou para que os seus discípulos as façam.

Tornando-se um guardador da aliança

Leia Hebreus 10.19-25

Por que temos confiança para entrar no Santo dos Santos?

Escreva uma declaração sobre o que significa para você pessoalmente o fato de poder ir diretamente ao trono de Deus – estar na presença dele – com uma atitude confiante.

De acordo com os versículos 23-25, quais são nossas responsabilidades pactuais decorrentes do privilégio pactual de termos acesso confiante à presença de Deus?

Leia Hebreus 11, medite sobre a confiança que esses heróis da fé depositaram na promessa de Deus.

Leia Hebreus 12.1-3. Que pecados o atrapalham e dificultam a sua corrida? Que tipo de pecado prejudica a sua capacidade de encorajar outros ao amor e às boas obras? Fixe a sua visão espiritual em Jesus. Entre com confiança diante de seu trono de graça e encontre graça para arrepender-se. Então saia no poder desta mesma graça para tocar a outros com graça e misericórdia.

Que lições você aprendeu com o exemplo de Mordecai e que poderão ajudá-lo a ensinar seus filhos, seus netos e seus alunos?

Faça uma revisão de cada capítulo e enumere aquilo que você aprendeu com este estudo. Que diferença esse conhecimento está produzindo na sua vida?

Projeto de educação cristã

A seguinte miscelânea de idéias constitui-se da reprodução de vários números do Bulletin Suplement, uma publicação da Comissão de Educação Cristã e do Comitê de Publicação da Igreja Presbiteriana da América.

Operação Criança a Criança: Durante o mês de dezembro, as crianças da Igreja Presbiteriana Mitchell Road, em Greenville, Carolina do Sul, foram convidadas a sentir a alegria da doação. Cada classe do departamento infantil da Escola Dominical recebeu o nome de uma criança vítima de uma situação familiar difícil e que se encontrava internada no hospital de Greenville. As crianças da igreja receberam apenas a inicial do nome da criança, a sua idade, cor favorita e tamanho de roupa. As crianças levaram presentes de Natal como roupas novas e Bíblias para os pequenos hospitalizados.

Noite de Natal Especial – Membros da Igreja Presbiteriana do Calvário, em Willow Grove, Pensilvânia, foram de porta em porta na noite de Natal presenteando os seus vizinhos não-relacionados com a igreja com uma fatia de bolo especial, desejando-lhes um feliz Natal e convidando-os para visitar a igreja. Junto com o bolo havia uma cópia do Evangelho de João e informações

sobre a igreja.

Cofres-Mamadeira – Os membros da Igreja Presbiteriana Evangélica de Baltimore, Maryland, receberam mamadeiras para serem usadas como cofres para coletar moedas e doá-las um centro de atendimento a problemas durante a gravidez.

Bem-vindos – A Igreja Presbiteriana da Trindade, em Charlottesville, Virginia, providencia transporte especializado para os deficientes que moram na vizinhança da igreja. Foi feito um convênio com uma companhia local para a utilização de furgões equipados com elevadores hidráulicos. Membros da igreja se apresentaram como voluntários para o curso de treinamento e o exame de direção. Os voluntários trabalham em duplas, para oferecer aos cadeirantes a oportunidade de participar do culto.

Caixas Universitárias e Enfeites de Natal – Duas vezes por ano os membros da Igreja Presbiteriana Midway, em Powder Springs, Georgia, enviam pelo correio uma caixa de "atenção" para os seus estudantes universitários. O projeto visa relembrar a esses estudantes que eles são amados, lembrados e que a igreja sente saudades deles. Na caixa são colocados doces, chicletes, lápis, blocos para anotação, pacotes de pipoca para microondas, e outros itens pequenos. No final do ano, as crianças da igreja são homenageadas com uma Árvore de Natal dos Filhos da Aliança. A cada ano, fotografias de todas as crianças da igreja vão sendo juntadas e as senhoras projetam e confeccionam enfeites para a árvore utilizando essas fotografias. Os enfeites são colocados na árvore de Natal da igreja. Depois do Natal, os pais os levam para usá-los em suas próprias árvores nos anos seguintes.

Alcançando os Vizinhos – Uma lavagem gratuita do carro – sem compromisso – é oferecida aos moradores dos apartamentos e da vizinhança ao redor da Igreja Presbiteriana Lakemont, em Augusta, Georgia. O propósito é entrar em contato com as pessoas e convidá-las para o culto e outras reuniões da igreja. Os membros da igreja recebem uma bênção adicional que provém de trabalharem juntos para alcançar e servir a essas pessoas.

Projeto Carrinho de Bebê – A classe de senhoras da Escola Dominical da Igreja Presbiteriana Bethel, em Clover, Carolina do Sul, mantém um carrinho de bebê na classe, onde os membros podem colocar fraldas, cobertores, roupas de bebê e outros artigos para o centro local de atendimento a problemas durante a

gravidez.

Boletim da Igreja em Braille – Na Igreja Presbiteriana Green Lake, em Seattle, Washington, o boletim da igreja é impresso em Braille para os deficientes visuais.

Arte Infantil – Na Igreja Presbiteriana da Aliança, em Fenton, Michigan, as crianças entre 7 e 9 anos de idade entregam, para apreciação, desenhos ilustrativos de histórias bíblicas. Estes são usados como capa do boletim da igreja. No domingo em que o desenho de uma criança é utilizado, ela é convidada a ir ao púlpito e contar a história ilustrada pelo desenho.

Ministério para Solteiros – Durante vinte anos os grupos "Buscadores" e "Koinonia", oraram por um ministério específico para solteiros na Primeira Igreja Presbiteriana, em Augusta, Georgia. Quando finalmente foi estabelecida uma classe para solteiros, ela floresceu e cresceu até que uma segunda classe se tornou necessária. Em gratidão pelas orações respondidas, os dois grupos convidaram os solteiros para um almoço de domingo, após o culto da manhã. Isso é agora um evento anual.

Profissionais da Saúde para Cristo – A Igreja Presbiteriana de Park Cities, em Dallas, Texas, promoveu, em parceria com a entidade Profissionais da Saúde para Cristo, um seminário de nove horas destinado a médicos e dentistas. O seminário procurou responder a perguntas como: De que modo poderia um médico ou dentista, assoberbado de serviço, com uma sala de espera cheia de pacientes, criar oportunidades ou separar algum tempo para compartilhar a sua fé? Os profissionais, seus cônjuges e membros da equipe discutiram sobre como influenciar a saúde espiritual de seus pacientes "compartilhando a verdade espiritual em apenas vinte segundos!" A igreja hospedou, também, um seminário para Profissionais do Direito para Cristo e para o Instituto Rutherford. O seminário ajudou os participantes a compreender a liberdade religiosa que possuem e deu sugestões para a prática da fé na escola, no trabalho e na família.

Ministério para Estudantes Estrangeiros – Os estudantes da Universidade de Delaware, procedentes de todas as partes do mundo são convidados a participar dos cultos e outras atividades da Igreja Presbiteriana Evangélica, em Newark, Delaware. Os membros da igreja providenciam transporte para que os estudantes possam freqüentar os cultos e outras reuniões, e as famílias da I.P.E.

“hospedam” esses estudantes entrando em contato com eles pelo menos uma vez por mês, para saber como estão passando, verificar suas necessidades e oferecer ajuda.

Ministérios Comunitários – A Igreja Presbiteriana da Fé, em Paris, Texas, assumiu um vigoroso compromisso de alcançar a comunidade local. Uma clínica médica gratuita dirigida por profissionais voluntários, angaria alimentos para os pobres e um ministério de alcance e apoio a prisioneiros recentemente libertados reúne-se nas tardes de domingo. Também os membros da igreja mantêm contato com um pequeno grupo de muçulmanos que vivem na comunidade.

Versículo do Mês – Toda a congregação da Igreja Presbiteriana Nova Vida, de Aliquippa, Pensilvânia, é mensalmente desafiada a participar do programa de memorização de um versículo das Escrituras. O versículo a ser memorizado é publicado no boletim da igreja e enfatizado pelo pastor. As famílias são orientadas a fixar o versículo num local conveniente em suas casa, de modo que todos os membros da família possam aprendê-lo em conjunto.

Amigos do David – Não há nenhuma possibilidade de saber como David reagirá ou o que ele poderá fazer. Ele pode tirar os sapatos, ou, de repente, levantar-se num pulo e tirar tudo o que estiver em cima de uma mesa, ou poderá surpreender seus amigos com um sorriso ou uma canção suave. Davi é uma criança especial. Seus amigos na Igreja Presbiteriana Oakwood, em State College, Pensilvânia, revezam entre si a responsabilidade de ficar com ele durante as manhãs de domingo para permitir que seus pais assistam aos cultos. Esses amigos consideram um privilégio o fato de poderem compartilhar essas horas com David. A igreja tem um “Domingo de Conscientização de Deficiências e Distúrbios” no qual os membros da igreja são incentivados a trazer amigos ou membros da família portadores de disfunções ou deficiências. Aqueles que desejam funcionar como cuidadores, são encorajados e recebem auxílio na ministração a esses visitantes especiais.



Notas

Prefácio

1. Cornelius Van Till, Foundations for Christian Education (Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed Publishers, 1990), 116.

1

O conteúdo da aliança

1. John Howie, The Scots Worthies, rev. W. H. Carslaw (Edimburgo: The Banner of Truth Trust, 1870, reprinted 1995), 11-12

2. Ibid., 16

3. Ibid., 124-125

4. Fitzroy MacLean, Scotland: A Concise History (Londres: Thames and Hudson, 1995), 116.

5. Howie, Scots Worthies, 492-493

6. Confissão de Fé de Westminster, VII, 1 (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1991)

7. O. Palmer Robertson, The Christ of the Covenants (Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed Publishers, 1980), 3-4

8. S. G. DeGraaf, Promise and Deliverance, vol. 1 (Ontario, Paideia Press, 1977), 21

9. Ibid., “The Christ of the Covenants”, 4

10. Ibid., “Promise and Deliverance”, 24

2

O contexto da aliança

1. Muriel Larson, “Four Teachers, Four Lives”, em Success: Christian Education Today, org. por Edith Quinlan (Denver, Colo.: An Accent Publication, vol. 37 no. 2 (primavera de 1985), 22.

2. Ibid., 21

3. Breve Catecismo, P. 34 (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1991).

4. Ibid., Confissão de Fé de Westminster, cap. XII, 42-43

5. Reformed University Ministries, uma divisão da Mission to North America Committee da Igreja Presbiteriana da América, boletim de dezembro de 1996.

6. George Grant, The Patriot´s Handbook (Elkton, Md.: Highland Books, 1996), 22.

7. Ibid., 27

8. Confissão de Fé de Westminster, cap. XXVI, 1-2.

3

O livro da aliança

1. Lewis Berkhof, Systematic Theology (Grand Rapids, Mch.: Eerdmans, 1977), 558-559

2. João Calvino, Institutes of the Christian Religion, vol. 2, org. por John T.

McNeill (Filadélfia: Westminster Press, 1960), 1024.

3. Bryan Chapell, Christ-Centered Preaching (Grand Rapids, Mich.: Baker Books, 1994), 270.

4. "'This Is My Name': God´s Self-disclosure", New Geneva Study Bible R. C. Sproul (org.) (Nashville: Thomas Nelson, 1995), 98.

5. S. G. DeGraaf, Promise and Deliverance, vol. 1 (Ontário: Paideia Press, 1977), 20.

6. Richard J. Mouw, Uncommon Decency (Downers Grove, III.: InterVarsity Press, 1992), 146.

7. Um excelente exemplo desta abordagem é o Memory Work Notebook, de Paul G. Settle, publicado pela Great Commission Publications. Pode ser encomendado pelo telefone 1-800-283-1357.

4

Lar e igreja

1. J. C. Ryle, The Duties of Parents (Conrad, Mont.: Triangle Press, 1993),14-15, publicado pela primeira vez por Wm. Hunt & Co., 1888.

2. Tabletalk, março de 1996, 58-50.

3. J. C. Ryle, A Call to Prayer, An Urgent Plea to Enter Into the Secret Place (Laurel, Miss.: Audubon Press, 1996), 34-35.

4. Charles Hodge, Systematic Theology, vol. 3 (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1991), 555.

5. Elizabeth Elliot, A Chance to Die (Old Tappan, N.J.: Fleming H. Revell, 1987), 187.

6. Ibid., p.199.

7. Amy Charmichael, "For Our Children", em Toward Jerusalem (Ft. Washington, Penn.: Christian Literature Crusade, 1936) p. 106. Usado com permissão da Dohnavur Fellowship.

5

Uma estratégia pactual para o crescimento da igreja

1. Robert Rayburn, "The Doctrines of Covenant Children, Covenant Nurture, and Covenant Succession", Presbyterian: Covenant Seminary Review, vol. 22,

no.2 (outono de 1996), 76-108.

2. De uma entrevista por telefone com Bill Armes.

3. Agostinho, Confissões, Introdução.

4. Ibid., p. 13

5. Ibid., p. 16

6. Ibid., p. 22

7. Ibid., p. 25

8. Ibid., p. 58

9. Alexander Whyte, The Holy War, Bunyan Characters, Third Series (Londres: Oliphant Anderson and Ferrier, 1902), 289-290

6

Ensinando no contexto da aliança

1. Breve Catecismo, Confissão de Fé de Westminster 1.2 (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1991)

2. George Grant, “Classical and Covenantal”, em Covenanter, vol. 1 no.1 (primavera de 1997) (Franklin, Tenn.: Covenantal Classical School Association).

3. R. Laird Harris, Gleason I. Archer, Jr., Bruce K. Waltke, Theological Wordbook of The Old Testament, vol. 1 (Chicago: Moody Press, 1980), 367.

7

Uma estratégia para a educação cristã

1. Allen Curry, “Christian Education: A Blue Chip Ministry”, em Equip (jan/fev de 1996), p. 8 (Atlanta, Ga.: PCA Committee for Christian Education and Publications).

2. Ibid.

3. Allen Curry, “Drawing a Bead on Curriculum” (Norcross, Ga.: Great Commission Publications).

4. Joe Taylor Ford, Sourcebook of Wit and Wisdom (Communication Resources,

Inc., 1996).

5. Selections for the Young (Edimburgo: Committee of the General Assembly of the Free Church of Scotland for the Publication of the Works of Scottish Reformers and Divines, n.d.), 34.

8

A comunidade e seus integrantes

1. J. I. Parker, A Quest for Godliness: The Puritan Vision of the Christian Life (Wheaton, Ill.: Crossway Books, 1990), 22

2. Ibid. 23-27

3. S. G. DeGraaf, Promisse and Deliverance, vol. 1 (Ontário: Paideia Press, 1997), 20.

4. Edward T. Welch, When People Are Big and God Is Small (Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed Publishers, 1997), 157, 165, 172, 174.

5. Ibid. 179.

6. DeGraaf, Promise and Deliverance, 25.

7. “Teacher Feature” em Ready, Set, Teach!, org. por Sue Jakes, Great Commission Publication (verão de 1996).

9

Pela coroa e aliança de Cristo

1. Bíblia de Estudo de Genebra, Editora Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, R. C. Sproul (org.) – nota sobre Gênesis 15.17.

2. Ed Waldron, “Fruit That Remains”, The Southern Charity Ledger, uma publicação do Palmer Home for Children, Columbus, Miss. (primavera de 1997).

3. Trinity Hymnal, (Atlanta, Ga.: Great Commission Publications, Inc., 1990), 419, usado com permissão do Dr. Edmund P. Clowney.



Sobre a Autora

Susan Hunt é esposa de pastor. Ela e seu marido, Gene, têm três filhos adultos e seis netos. Atualmente ela serve como Consultora do Trabalho Feminino junto à Comissão de Educação Cristã da Igreja Presbiteriana da América. Possui diplomas de graduação da University of South Carolina e do Columbia Theological Seminary.

Susan pode ser contatada por intermédio da Presbyterian Church of América Christian Education and Publications, 1700 N.Brown Rd., Lawrenceville, GA 30043.